

SOMNIUM é uma publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica

SOMNIUM

Nº 109 - Julho de 2014

ADEMIR PASCALE
ALEXANDRE LOBÃO
B. B. JENITEZ
CLÁUDIO VILLA
FRODO OLIVEIRA
LÚCIO MANFREDI
RICARDO FRANÇA
TIBOR MORICZ

ESPECIAL
PRÊMIO ARGOS

HOMENAGEM
URSULA LE GUIN



SOMNIUM

EDITORIAL

Ela completará 85 anos em 21 de outubro. *Ursula Kroeber Le Guin*¹, a autora que tão bem retrata em seus escritos a pluralidade de ideias e visões de realidade, enxergando e descrevendo com naturalidade o caráter multifacetário da sexualidade e dos credos políticos, filosóficos e religiosos. Por intermédio de sua escrita elegante e criativa, *Le Guin* muitas vezes nos conduz a comunidades e/ou situações utópicas, nelas inserindo aspectos antagônicos que nos convidam a refletir sobre as sociedades reais. Implícita nas tramas tecidas por nossa homenageada, a incansável (e admirável) busca pela compreensão, respeito e cooperação entre os seres. *Ursula* é uma colecionadora de prêmios literários e convites para palestras, uma mestra das letras que continua arrebanhando fãs ao redor do mundo.

Então... Como não homenageá-la em suas *Boas de Girassol* com a vida, com este mundo repleto de criaturas que ela sente prazer em analisar e que compreende tão bem?

Ursula Le Guin será aqui homenageada pelos seguintes textos (e respectivos autores):

- *Mulheres sabem escrever: como Ursula Le Guin transformou o papel feminino na literatura de gênero* (Cláudia Fusco);
- *Le Guin – Dados Biográficos* (João Campos);
- *Verdade é uma questão de imaginação: devir,*

rizoma e A mão esquerda da escuridão (Luana Barossi);

- *Os Despossuídos, um dos clássicos da FC* (Dario Andrade);
- *Resenha: Floresta é o Nome do Mundo* (Prof. Dr. Edgar Indalecio Smaniotto);
- *Do Outro Lado do Sonho, uma crítica* (Marcello Simão Branco);
- *Reflexão sobre o conto “The Ones Who Walk Away From Omelas”* (Luís Filipe Silva);
- *Resenha: Expulsos da Terra* (Ricardo Guilherme dos Santos).

A homenagem a *Le Guin* será precedida pelos tradicionais contos de autores nacionais. Nesta edição, teremos trabalhos de Ademir Pascale, Alexandre Santos Lobão, B. B. Jenitez, Cláudio Villa, Frodo Oliveira, Lúcio Manfredi, Ricardo França e Tibor Moricz. Façamos uma breve apresentação destes trabalhos:

- *Variável da Imponderabilidade* (Tibor Moricz): Em um futuro no qual a distância que separa as classes sociais é levada a extremos e as mulheres são destituídas dos mais básicos direitos, um político experiente busca ser reeleito. Ele está confiante em uma nova vitória, mas... E se houver um segundo turno?

¹ Site oficial da autora: http://www.ursulakleuin.com/UKL_info.html

• *Projeto Mulah de Tróia XDII* (B. B. Jenitez): Encerrando um ciclo da série PMT, este conto passeia pelo complexo labirinto mental do protagonista, no interior do qual temas científicos e questões existenciais mesclam-se a bem-humoradas alusões a autores, obras e premiações em múltiplos universos (até o *Prêmio Argos* foi lembrado!).

• *Reprodutores* (Frodo Oliveira): Uma mulher abre as portas de sua casa para uma espécie de profissional do sexo. Assim que se veem, ambos se admiram e compartilham uma romântica sensação de *déjà-vu*. Há um segredo escondido em suas mentes, uma trama da qual foram vítimas e que tentarão desvendar.

• *Finalidades e Destinos de Acervos Ocultos* (Ricardo França): Mortes, mistério e ação numa expedição ao berço da civilização. A exploração resulta na descoberta de um artefato que alberga energias incomensuráveis, uma joia cobiçada que coloca em risco a integridade física do cientista que a encontrou.

• *Asas* (Alexandre Lobão): *Martelli* está diante de uma aposentadoria precoce e compulsória. O motivo é a chegada do *DT-Eye*, uma IA capaz de solucionar crimes com incrível rapidez e que substituirá todos os investigadores de sua Unidade. A menos, é claro, que o obstinado protagonista consiga provar que o cérebro humano ainda pode superar as inteligências artificiais.

• *A Esfera* (Ademir Pascale): Antes da formação de nosso Universo, seres muito avançados em conhecimentos e tecnologias já habitavam outros rincões. Verdadeiros deuses, dentre os quais se destacava o deus-menino *Ramurak*. Uma criança e seu brinquedo, ambos muito além de nossa capacidade de compreensão.

• *A Captura da Capitã Escarlate* (Cláudio Villa): Ação e aventura numa trama de piratas. A cor-sária Colleen pode estar em sérios apuros. O

motivo: o temido Farid Al Mithal teria partido em seu encalço e, ao que parece, conseguira capturá-la. Mas... Seria assim tão fácil subjugar a famosa Capitã Rosa Escarlate?

• *A Chave do Conhecimento* (Lúcio Manfredi): A bela manhã contrasta com o desânimo de João Ricardo, recém-despertado de mais uma noite intranquila. Ele tenta compreender o mundo e sua ruína pessoal. O corpo está exausto, mas a mente, questionadora, trabalha incansavelmente. Está à procura de respostas, necessita obter explicações. Uma jornada em busca de conhecimento.

Acredito que *Le Guin*, caso soubesse de nossa homenagem, ficaria feliz em participar desta edição, vislumbrando a enriquecedora possibilidade de compartilhar seus universos e aprender com universos estrangeiros. A troca, o aprendizado, o entendimento do Outro, do Diferente. A apresentação de pontos de vista bem estruturados, mas também a flexibilidade de dar boas vindas às convicções divergentes. Enfim, a Sabedoria.

“É da própria natureza da ideia a necessidade de ser comunicada: escrita, falada, realizada. A ideia é como a grama. Anseia por luz, gosta de multidões, prolifera por cruzamento, cresce mais para ser pisada.” (Os Despossuídos, Círculo do Livro, página 70).

A capa desta edição, feita por Marcelo Bighetti (responsável também por todo o trabalho de diagramação e tratamento de imagens), foi baseada na ilustração “City Angels”, uma criação do artista Frank Hong.

Boa leitura!

Ricardo Guilherme dos Santos

Editor



Somnium – Edição 109, julho de 2014

Editor responsável: Ricardo Guilherme dos Santos

Ilustração da Capa: *City Angels* de Frank Kong (<http://www.gumroad.com/frankhong>)

Layout da Capa e Diagramação: Marcelo Bighetti

Colaboradores:

Tibor Moricz

B. B. Jenitez

Frodo Oliveira

Ricardo França

Alexandre Lobão

Ademir Pascale

Cláudio Villa

Lúcio Manfredi

Cláudia Fusco

João Campos

Luana Barossi

Dario Andrade

Edgar Indalecio Smaniotto

Marcello Simão Branco

Luís Filipe Silva

CLFC gestão 2013-2015

Presidente: Clinton Davisson Fialho – sócio n. 546 (Rio de Janeiro - RJ)

Secretario-Executivo: Daniel Fusco Borba - sócio nº 547 (São Paulo - SP)

Tesoureira: Amanda Reznor – Sócia nº 591 (São Paulo - SP)

Webmaster: Hugo Vera - sócio nº 465 (São Bernardo do Campo - SP)

Contatos: contato@clfc.com.br

www.clfc.com.br/somnium

ÍNDICE

CONTOS

- 6 VARIÁVEL DA IMPONDERABILIDADE , por Tibor Moricz
- 26 PROJETO MULAH DE TRÓIA XDII , por B. B. Jenitez
- 29 REPRODUTORES , por Frodo Oliveira
- 34 FINALIDADES E DESTINOS DE ACERVOS OCULTOS , por Ricardo França
- 42 ASAS , por Alexandre Lobão
- 48 A ESFERA , por Ademir Pascale
- 51 A CAPTURA DA CAPITÃ ESCARLATE , por Cláudio Villa
- 55 A CHAVE DO CONHECIMENTO , por Lúcio Manfredi
- 58 PRÊMIO ARGOS 2014

HOMENAGEM - URSULA LE GUIN

- 61 MULHERES SABEM ESCREVER: COMO URSULA LE GUIN TRANSFORMOU O PAPEL FEMININO NA LITERATURA DE GÊNERO , por Cláudia Fusco
- 64 LE GUIN – DADOS BIOGRÁFICOS , por João Campos

RESENHAS

- 66 VERDADE É UMA QUESTÃO DE IMAGINAÇÃO: DEVIR, RIZOMA E A MÃO ESQUERDA DA ESCURIDÃO , por Luana Barossi
- 73 OS DESPOSSUÍDOS, UM DOS CLÁSSICOS DA FC , por Dario Andrade
- 77 FLORESTA É O NOME DO MUNDO , por Edgar Indalecio Smaniotto
- 79 DO OUTRO LADO DO SONHO, UMA CRÍTICA , por Marcello Simão Branco
- 81 REFLEXÃO SOBRE O CONTO “THE ONES WHO WALK AWAY FROM OMELAS” , por Luís Filipe Silva
- 84 EXPULSOS DA TERRA , por Ricardo Guilherme dos Santos

Variável da Imponderabilidade

um conto de

**Tibor
Moricz**

A grande sala onde os resultados do pleito eram observados tinha pouco movimento, além das câmeras de TV, como era de praxe. Apenas dois ou três técnicos e o candidato cujo mandato ainda prevalecia e que agora concorria à reeleição, disputando o cargo de governador de Nova Jersey com outros concorrentes, esses fora dali, em seus lóculos particulares, no aguardo dos resultados que lhes seriam transmitidos através de suas IA pessoais.

John Mitchell aguardava o momento em que procederia com o ritual repetido de quatro em quatro anos desde que iniciara carreira política. Aprendera que sua ascensão vitoriosa advinha de sua férrea vontade e determinação, além da oratória e de seu poder catalisador.

Conhecia os concorrentes desse pleito pelos nomes, mas pouco ou nada da história de cada um.

Erick Bormann, professor universitário; Robert Silverberg, espaçonauta; Clinton Rodriguez, um obscuro técnico em navegação espacial; Frederick Brown, diretor de um importante conglomerado do setor de alimentos sintéticos e Ashley Lavenish, um garoto recém-saído da universidade.

Uma parede metálica zumbiu. De sua face aparentemente lisa e isenta de aberturas abriu-se um vão. Canaletas surgiram e abaixo delas uma plataforma circular entremeada por roturas equidistantes. Um dos técnicos fez uma medida, pediu licença e se aproximou carregando consigo uma bandeja com várias bolas coloridas. Entregou-as a John e então se afastou com outra medida.

John apanhou uma delas, a vermelha, manuseou-a com carinho, apalpou-a como se fosse uma amante antiga e com a qual jamais se aborreceria e a empurrou por uma das canaletas. Ela desceu até a plataforma circular, quicou brevemente e, atraída

pelo magnetismo, rolou direto até uma das roturas e nela se infiltrou. No momento em que desapareceu por ela, a rotura se fechou e as demais foram projetadas de forma a eliminar o vão agora ocupado. Uma luz azul acendeu num painel autorizando novo arremesso e ele, então, jogou a bola verde. Executou todo o procedimento durante mais algum tempo, sempre jogando bolas coloridas diferentes. Cada uma delas se encaixou numa rotura.

Enquanto realizava o ritual, observava os resultados que iam sendo apresentados numa curva de Gauss permeada de números. Franziu o cenho ao se aperceber que seus resultados se aproximavam perigosamente dos números de outro candidato cujo nome não lhe era apresentado no momento. Pela primeira vez não se viu senhor absoluto dos números desde o início de sua carreira política.

Sabia que as bolinhas eram diligentemente arrastadas para a rotura que deveriam ocupar por atração magnética, e essa obedecia aos dados mnemônicos obtidos no pleito. A pior parte, então, chegara. Apanhou a última bolinha, de cor preta. A temida, a odiada por todos. Ela representava o voto dos indecisos. Era ela, neste momento, que poderia lhe dar a vitória por maioria absoluta — já que mantinha do segundo colocado uma margem percentual relativamente segura — ou lançá-lo num segundo turno indesejado. Apertou-a, alisou sua superfície metálica reflexiva e lançou-a pela canaleta. Viu a bolinha quicar várias vezes, rodopiando ao redor de algumas aberturas, sem se decidir por nenhuma.

Ele sabia em qual. Ele sempre soube em qual. Mas a bolinha odiada deslizou caprichosa, passou por cima da rotura em que deveria ter se enfiado e foi embocar em outra.

Encerrado o ritual, sorriu contrafeito, sentindo os nervos em polvorosa. Estalou as juntas dos dedos e se dirigiu para o painel central, onde os dados resultantes eram processados.

“Setor Nova Jersey. Cidade de Nova Jersey. Zona quarenta e oito. Eleitorado ativo: trinta e dois milhões, cento e vinte e quatro mil, setecentos e oitenta

e nove. Resultado do sufrágio: ausência de maioria. Segundo turno exigido.”

Franziu o cenho e apertou os lábios até que perdessem a cor. Estivera toda a vida política esperando por isso. Pelo momento em que veria que a maioria absoluta não fora atingida. Sempre temera esse acontecimento. Levou uma das mãos ao rosto e massageou-o vigoroso.

Conquanto as bolinhas pudessem demonstrar a um observador externo um processo apoiado na mais absoluta aleatoriedade, isso não era verdadeiro. Evidente que a pantomima poderia ser descartada, resumindo o pleito a poucos segundos de apuração eletrônica. Mas a malta de animais da cidade-baixa era alimentada com a transmissão direta da decisão eleitoral, através de telões públicos, e as bolinhas davam-lhes o show adequado.

Todo o sistema era baseado em técnicas mnemônicas, em dados obtidos em sufrágios anteriores, dados projetados através de estimativas eleitorais fundamentadas na intenção de voto futuro e em dados obtidos por extração psíquica, através de implantes de captadores anímicos no lobo frontal, de onde os eleitores ativos eram controlados extrasensorialmente. A aleatoriedade residia apenas na maldita bolinha preta, esta a única em que os campos magnéticos não exerciam grande influência; sendo impulsionada pela indecisão do eleitorado, movia-se livre de influxos, na mesma medida do grau de indecisão auferido e inserido no *software* eleitoral.

Por isso, por causa de uma bolinha que quicava e rodopiava, entrando na rotura errada, que a eleição chegou a uma pseudovitória sem maioria absoluta. Por causa disso que deveria disputar corpo a corpo o segundo turno; esse sem eleitores, sem votantes, sem votos, sem intenções.

Mesmo assim, a despeito de todo o sistema de elevada tecnologia e ciência, era o que os técnicos chamavam de *Variável da Imponderabilidade* o que vinha lhe garantindo reeleições constantes pelos últimos vinte anos — a bendita, nesse caso, bolinha preta, que carregava a pecha. Em todas obtivera a maioria absoluta, vencendo os indecisos e deixando para trás concorrentes diretos.

Exercia o mandato governando o Setor Nova Jersey com mão de ferro. Já não era mais um garoto. Obtivera a primeira vitória aos vinte e oito anos. Aos quarenta e oito já estava cansado, mas parar era opção que ainda não admitia.

Esse preocupante resultado fez retroceder suas lembranças alguns anos, quando a possibilidade o assustava menos. Quando era mais forte, vigoroso e temerário. Os anos passados lhe acrescentaram disciplina, sensatez e equilíbrio. Virtudes, sem dúvida, mas ineficientes para a campanha em contato direto. O jovem temerário de alguns anos atrás agora sentia as pernas moles e uma sensação assustadora de fim de carreira.

Sentou-se numa poltrona e ficou parado, observando o painel central. As holoimagens, a informação de mais uma eleição passada. Estar numa situação de não-maioria exigia a continuação do pleito, na forma de batalhas físicas no intuito de sobrepujar o oponente. Só um poderia governar o setor. Se o eleitorado está dividido, deve-se resolver a sua indecisão sem onerar o gigantesco maquinário eleitoral. Sem novas campanhas.

Olho no olho. Ou assim, sempre que possível.

Colocou três analgésicos na palma da mão. Os fez rolar de um lado ao outro enquanto enchia um copo com água. Engoliu-os imaginando porque fazia isso se não estava com dor de cabeça. Rotina antiga. Sempre se questionava e sempre voltava a repetir o mesmo gesto. Desabou sobre o colchão de ar. Ficou olhando o teto por alguns segundos, incerto do próximo passo. Ou um banho rápido e restaurador, ou uma conexão neural partidária. O banho era premente, mas as alternativas nesse segundo turno o angustiavam. Saber por que não havia obtido maioria era imperativo. Levantou-se e se arrastou até a mesa. Sentou-se, puxou um conector retroencefálico e encaixou-o na cabeça, sendo tomado por uma luz alaranjada que o acobertava fazendo desaparecer as suas feições.

— Conexão neural partidária negada. Protocolo aponta perda de privilégios. — Charlie, sua IA pessoal, comunicou numa voz monocórdia. A voz

isenta de subtonalidades demonstrava uma tentativa curiosa de parecer distante do problema, como se ele não o afetasse. Retirou o conector, estalou as juntas do pescoço, franziu o cenho e foi para o banho. A banheira estava preparada. Água tépida, sais e borbulhas. Mergulhou, ficando apenas com a cabeça de fora.

— Talvez tenha, em breve, novo morador para servir, Charlie.

— Possibilidade ainda fora de cogitações, John.

— Perda de privilégios é o primeiro sinal de que as coisas não estão indo bem.

— Nada que uma campanha bem planejada de segundo turno não possa reverter.

— É isso o que me preocupa. Sem a conexão neural partidária não tenho como saber quem é meu oponente. Como implantar uma estratégia vencedora se nem sei quem vou enfrentar?

— Ashley Lavendish. 28 anos. Natural de Ohio. Cabelos e olhos negros. Primeira campanha. Seu pai foi Senador por Michigan oito vezes até cair num segundo turno. Trata-se de uma pessoa voluntariosa, cheia de ideais. Análises extrassensoriais mostram que o eleitorado se identificou com suas características progressistas, sua juventude e, sobretudo, pelo currículo familiar que ainda aponta avôs e bisavôs bem sucedidos na carreira política. Formou-se em Psicossociologia e Administração de Massas. Participou de Congressos em Oslo, Bonn, Lisboa, Hokaido e Vladivostok. Condecorado com a “Ordem da Juventude Promissora” por três vezes.

John estava perplexo. Charlie, sempre um passo à frente, antecipando suas necessidades mais imediatas. Enfrentaria, então, o jovem que não saíra dos cueiros.

— Quando acessou essas informações, Charlie?

— Acompanhei o processo e extraí a quantidade delas que me foi possível antes que seus privilégios fossem suspensos, John.

— Conheci o velho Lavendish. Um homem determinado. Um político competente. Um opo-

sitor encarniçado. Sua estratégia para o segundo turno foi um desastre. Sem dúvida a idade pesou, no fim das contas. Sabia que tinha um herdeiro de genes, mas nunca me preocupei em saber quem era e o que fazia. Onde ele está residindo?

— Residência fixa na zona 36 de Nova Jersey. Herdou boa parte dos privilégios do pai e leva uma vida confortável. Duas herdeiras de genes incubadas na Fundação Herdeiros de Genes Para Uma Vida Melhor. Planeja uma viagem ao final das eleições e pretende resgatar as crianças na volta, já amadurecidas e com idade adequada para a primeira escola. E com todos os certificados de garantia que seus privilégios lhe garantem.

— Herdeiros de genes para seguirem a herança política da família.

— Trata-se de meninas, John.

John ergueu os sobrolhos, estupefato. Fazia décadas que haviam afastado as mulheres de todas as funções de comando ou que exigissem um mínimo de autossuficiência. Já, à época, elas pouco ou nada acrescentavam, relegadas que eram ao trabalho doméstico. Estabeleceram-se um patriarcalismo ferrenho e corrosivo, aonde mentes doentes conduziram-nas cada vez mais para uma exclusão social absoluta. O que motivara os antigos a tomarem tal decisão lhe era desconhecido. A despeito disso, mesmo considerando a condução dessa política — quando ainda jovem e voluntarioso estudante — um equívoco, fora elemento fundamental na manutenção da lei no momento de sua primeira eleição vitoriosa. Com rara habilidade conseguira reunir ao redor de si um grupo de congressistas favoráveis à manutenção das mulheres como cidadãs de última classe e, desde há vinte anos, vinha garantindo que isso não se modificasse. Mesmo sofrendo feroz combate por parte do Senador Lavendish, que pretendia derrubar a lei e devolver a elas o estatuto de cidadãs livres.

Por fim, dera por si impregnado na crença de que elas nada valem e para nada servem. Condutor obstinado das leis primeiro promulgadas por artifices políticos do passado.

Considerava-as necessárias, sem dúvida, mas

ao trabalho mecânico em linhas de produção, a atividades sexuais recreativas, a testes laboratoriais, experiências em indústrias farmacêuticas, a estudos de várias espécies, a tudo... Menos para elegibilidade, seja ao cargo que fosse. As mulheres eram apêndices dificilmente carregados pela evoluída sociedade contemporânea. Ponderava sugerir leis que permitissem eliminá-las gradativamente, com a sobrevivência, apenas, daquelas necessárias para o divertimento.

— Esse rapaz quer duas meninas para quê? Perversões sexuais pedofílicas e incestuosas? — Perguntou, intrigado, mas nem um pouco incomodado com a possibilidade.

— Desconheço seus objetivos, John.

John afundou na água morna da banheira e permaneceu mergulhado por alguns segundos. Voltou à superfície com a mente clara, certo de sua estratégia para esse segundo turno.

— Descobriu o caminho, John? — Charlie quis saber, atento às suas emanções extrassensoriais.

— Descobri. Está decidido que minha estratégia primará pela falta dela. Esse jovem é voluntarioso, mas inexperiente. Deve estar lucubrando inúmeras planificações de ação e imagina que estou fazendo o mesmo. É o meu primeiro segundo turno, mas já assisti a muitos, o suficiente para adquirir *know-how* que esse, esse... Ashley, não tem. Movimentos de ataque erráticos provocam confusão no oponente. Ele, o oponente, sempre espera um embate inteligente. Vou confundir-lo.

— Acha que isso é o suficiente?

— Claro que não. Isso e mais uma faca no coração. Ou um tiro na cabeça. Ou um pescoço quebrado. Ou tudo isso junto. Este não é meu último mandato, Charlie. Não, mesmo.

Fez borbulhas na água enquanto lamentava o decreto antigo que determinava que as campanhas de segundo turno deveriam ser resolvidas no campo de batalha. Abandonavam-se novas rodadas de discursos e de panfletagem e abraçava-se a tática de atribuir a vitória ao mais forte. Admitia que a brutalização do eleitorado na cidade-baixa formara elei-

tores que procuravam mais do que um especialista em oratória; pediam candidatos fortes e capazes de convencê-los não só pelo vigor do argumento, mas também por força de estratégia e no emprego da violência.

Respirou fundo, deplorando ainda a situação, e procurou, então, relaxar.

Observou a urbe das alturas onde ficava seu lóculo de nível três, governador do setor Nova Jersey, zona quarenta e oito. A quase oitocentos e cinquenta e quatro metros do nível do solo. O pináculo onde se localizava era rivalizado por centenas de outros, todos altíssimos. O maior de todos ficava no setor Nova York, zona dezoito, com mil quatrocentos e cinquenta e dois metros de altura. A cidade-alta era unida por várias vias de conexão, um fantástico emaranhado de túneis elevados, tubulares, ora transparentes, ora opacos, que serviam para ligá-los todos, sem que precisassem descer ao nível do solo — ou cidade-baixa — para transitar entre edifícios. Em meio ao caos tubular, dezenas de hovercarros flutuando silenciosos no vazio, transportando gente e carga.

Podia ver a abóbada terrestre, recortada pelo entrelaçamento das vias de conexão, e as nuvens e as camadas cinzentas de poluentes que enegreciam a cidade-baixa, mas não as pessoas, menores que formiguinhas a essa distância. Mas sempre se flagrava ali, hipnotizado, observando os intrincados arabescos formados pelas ruas de tráfego intenso.

Esse período entre campanhas sempre se mostrava tranquilo, sem reuniões, sem decisões importantes, sem chamados internos, nem disputas partidárias por benesses públicas... Ficavam todos em seus lóculos, ruminando os acontecimentos futuros. Sempre, em todos os segundos turnos, fossem eles ligados a quem fosse.

Enquanto não se decidia o vencedor do turno, nada acontecia.

Claro que existiam decisões quando surgiam assuntos de máxima importância, como assassinatos de personalidades públicas, atentados terroristas, desastres naturais, escândalos sexuais (embora

fosse difícil enquadrar qualquer um num escândalo dessa espécie; os tabus tinham caído) ou de qualquer outra natureza envolvendo personagens do primeiro escalão.

Afastou-se da janela com algum esforço. Eram dez horas da manhã e a campanha de segundo turno começaria depois de algumas horas, quando deveriam se misturar à turba, na cidade, um em busca do outro, seguindo instruções nem sempre precisas — porque propositalmente embaralhadas — de suas IA pessoais.

A iminência do confronto lhe fazia formigar as mãos e os pés. A frequência cardíaca estava alterada, atingindo cento e vinte batidas por minuto. A pressão arterial chegava a quinze por nove. Seus olhos procuravam por qualquer coisa e por nada, indo de um lado a outro no lóculo, agitados. Estava com sede e não estava. Estava com fome e não estava.

Queria matar. Não queria ser morto.

Caminhou até uma mesa circular, simetricamente arrumada entre duas poltronas de couro de foca, caríssimas em virtude da extinção desses mamíferos. Sobre ela, duas pistolas carregadas e um punhal. Verificou as armas pela enésima vez. Levantou-as, sopesando-as, e as recolocou sobre a mesa.

Irritava-o a proibição de uso do armamento evoluído da cidade-alta, dos rifles de plasma, das armas de ultrassom. Sempre concordara que essa tecnologia jamais poderia cair nas mãos dos habitantes da cidade-baixa, mas a iminência do embate corpo a corpo o fazia rever conceitos. Seria excelente se pudesse carregar apenas uma delas. Guardada sob o casaco. Diminuiria esforços e o pouparia de manusear artefatos obsoletos cujo funcionamento mecânico e a pouca efetividade só tornariam a disputa ainda difícil.

Bufou, irritado, e desabou numa das poltronas.

— Faltam ainda duas horas e quarenta e oito minutos para o início do embate. Por que não dorme um pouco, John? — perguntou Charlie, irritantemente calmo, como se fosse, esse, um dia como

outro qualquer.

— Porque não conseguiria mesmo que tentasse — respondeu, num murmúrio mal-humorado.

— Posso induzi-lo a um sono programado e acordá-lo dois quartos de hora antes de sua saída, se preferir — insistiu a IA.

— Não, obrigado — respondeu John, com firmeza. — Prefiro ficar acordado arquitetando as horas vindouras.

— Disse que não haveria planificações, John.

— Mesmo o caos precisa de alguma ordem.

Charlie não respondeu, para sua satisfação. Não era hora para diálogos vazios. Dentro de poucas horas percorreria as ruas caóticas da cidade, trocando respirações com uma malta de cidadãos miseráveis e adoentados devido ao ar poluído. Homens de classes inferiores, sem privilégios para a aquisição de filtros nasais. Iria para as ruas vestido como um deles, um homem sem privilégios, um proletário igualmente adoentado, igualmente condenado a uma vida sem conforto e sem esperanças.

Com sorte não precisaria fazer muito esforço. Localização rápida, aproximação, confronto aproveitando o fator surpresa. Um ou dois tiros com boa pontaria e tudo acabado. O corpo do herdeiro de genes do falecido Senador Lavendish ficaria nas ruas para alimentar a escória. Roubariam suas roupas, suas botas, suas armas, seus dentes e unhas, os cabelos, os olhos, os órgãos internos. O resto ficaria jogado na sarjeta para os ratos.

Sorriu com a perspectiva. Era esperto o bastante para saber que projetava uma caçada feliz sem nenhuma certeza disso. Impossível refrear o desejo de ver tudo acabar bem. De se ver empossado para mais um período de governança. Mas as armas sobre a mesa o lembravam de que o tal Ashley também possuía armamentos iguais e talvez soubesse usá-los. A ideia de um tiroteio, com projéteis zunindo, o punha nervoso. Não queria ser um alvo fácil. Não podia ser um alvo fácil.

Charlie o instruíra, muitas vezes repetindo explicações que estava cansado de conhecer, embora

jamais tivesse utilizado roupagens semelhantes. Despiu as roupas de polímero especial, flexíveis e confortáveis, e vestiu andrajos de tecido grosso, rudes e pesados. Calças incômodas, camisa larga e casacação preto cuja gola alta podia cobri-lo até a nuca. Calçou botas de couro sintético, surradas como se já tivessem pertencido a muitos homens — coisa que não duvidava nem um pouco.

Cabelos em desalinho, óculos escuros, rosto suado, mãos protegidas por luvas, armas nos bolsos do casaco. A faca presa na cintura. Com um *spray*, tingiu de castanho escuro o cabelo das têmporas. Alguns enchimentos no rosto ajudaram a esticar a pele e lhe dar uma aparência mais jovem. Ao se olhar no espelho não se reconheceu. E isso era bom.

Ele e Charlie testaram algumas frequências de contato, asseguraram-se de que nenhum incidente os desconectaria e então, trêmulo de ansiedade e nervosismo, viu-se pronto para sair. Apalpou os bolsos, certificando-se de que ambas as pistolas estavam guardadas, depois as retirou, uma a uma, e verificou seus pentes. Carregados, claro. Tocou a faca, sentiu o gume através do tecido e respirou fundo tentando controlar a ansiedade.

Fez um gesto desnecessário para o interior do lóculo, como se estivesse se despedindo de alguma pessoa, um ser físico qualquer, e se dirigiu a um dos elevadores. Aguardou a sua chegada e assim que esse abriu as portas, titubeou. Descer e se misturar ao povo era assustador. Essa miscigenação o punha quase fora de controle.

Deu dois passos não muito decididos para dentro, virou-se de frente para a entrada e assistiu as portas se fecharem silenciosas. O elevador despencou numa velocidade vertiginosa, vencendo todos os oitocentos e cinquenta e quatro metros em duas dezenas de segundos. Quando chegou, seus olhos estavam injetados, a respiração ofegante, as mãos trêmulas e agarradas ao longo casaco.

Para além do elevador uma espécie de zona fronteira separava da urbe. Amplo salão, vazio e de alvura desconcertante, tão livre de partículas, tão inócuo, tão puro que se sentiu um pária naquelas roupas, atravessando o átrio até a câmara de descontaminação. Entrou nela e se viu fechado

por longos e assustadores momentos. Outra porta se abriu expondo-o ao mundo exterior e lhe revelando o que só aceitava assistir lá de cima, longe o suficiente: o caos.

Milhares de pessoas caminhando sem direção. Empurrando-se umas às outras, chocando-se. Gritos se misturavam ao bramir de motores a combustão, a fumaça da densa névoa tóxica proveniente das centenas e centenas de chaminés das fábricas se misturando aos canos de escapamento que liberavam monóxido de carbono e dióxido de enxofre. Veículos automotores movidos por combustível fóssil, brigando por espaço com ciclo-riquixás, uma praga que se alastrara pela América como um câncer havia mais de cinquenta anos. Homens de olhares perdidos, cabisbaixos, muitos segurando lenços diante das bocas, tossindo, lacrimejando, fazendo roncar os pulmões tomados por enfisema.

Havia comércio intenso. Venda de alimentos, os mais estranhos e repugnantes. Vendas de aparelhos eletrônicos, muitos obsoletos, outros novos evidenciando um mercado de contrabando, mesmo que ainda frágil. Homens alardeando eventos, mostras, shows, festins, orgias, combates entre lutadores físicos, mas que se expunham à morte em troca de alguns trocados ou um punhado de comida. Placas e luminosos espocando as luzes nesse cenário de intensa troca de ofertas.

Caminhava entre a turba, ignorado por todos. Cabeça baixa, olhando para o chão imundo, cuidando para não aparentar uma imponência incomum entre os mundanos. Ouviu choros e lamúrias. Risos e praguejamentos. Assistiu a duas tentativas de assalto fracassadas e a uma bem sucedida. Algumas brigas estouravam, sem motivos que lhes dessem ensejo. As pessoas se esbarravam e partiam, transtornadas, para agressões físicas. Veículos ignoravam as pessoas, as pessoas ignoravam os veículos, atropelando-se. Identificou homens que aparentavam certo controle sobre a multidão e eram respeitados. Esses escondiam apetrechos sob os casacos. Drogas ou armas. Ou ambas. Prédios decadentes exibiam entradas escuras, protegidas por leões de chácara.

Agarrou a coronha de uma das pistolas. Pendeu-se a ela como um naufrago que se agarra a um pedaço de tábua que boia em mar revolto. Desviava-se das pessoas temendo um encontrão que pudesse resultar em protestos, quase todos violentos. Sentia no ar uma tensão sempre constante. Todos saíam de suas casas, prontos para morrer ou matar. Esse era o seu povo. Eram todos esses os seus eleitores. Eram os responsáveis pela sua administração.

Assistiu a uma mulher sendo arrastada pelas pernas. Ela grunhia e tentava agarrar os passantes, que se esquivavam num dar de ombros. O homem que a puxava vez ou outra se voltava para chutá-la. Noutro momento contemplou dois homens numa luta bizarra, agarrados, rolando pelo chão. Um deles enfiou indicador e médio nas órbitas do outro, perfurando-lhe os olhos.

Afastou-se enojado, pronto a vomitar. Aquele mundo não era o seu. Aquele lugar era a indigência absoluta. Tantas vezes tentou que aprovassem a formação contingente de tropas para irem às ruas. Tantas vezes tentou que essas forças policiais provisórias descessem para instaurar a ordem. Seria um massacre, mas um massacre necessário. Para limpar as ruas seria necessário eliminar pelo menos um terço da população. Isso resultaria em pânico e medo. Medo traz respeito. Respeito traz paz. Mas um lobby de fabricantes poderosos alegou que isso tiraria mão de obra das ruas, tornaria a obtenção de matéria prima mais difícil e encareceria o produto final, prejudicando sobremaneira os cidadãos da cidade-alta. Os da cidade-baixa não precisavam de nada, a não ser do ódio com que se alimentavam e do qual os fabricantes se aproveitavam. O ódio alimenta os músculos. Isso auxilia o trabalho braçal.

— Zona quarenta e cinco, Park Avenue — disse Charlie na sua mais característica atonalidade.

— Ponto de encontro? Local onde está Ashley? — inquiriu John.

— Presumo que sim, John.

— Direção... Droga! Não conheço essa cidade. Onde fica essa rua?

— Oitocentos metros em frente.

Ergueu a cabeça, observou a redondeza com mais atenção. Identificou o rumo, embora houvesse enormes dificuldades nesse sentido. Existia uma incrível poluição visual, fora a fumaça densa que envolvia a todos. Placas de tamanhos variados, néons brilhando, informações demais provocando confusão mental. Seguiu pela rua, evitou um choque com um cidadão embriagado, espremeu-se contra uma parede úmida e suja e caminhou assim, o mais distante possível de qualquer contato. O mais distante possível daquela gente que preferia mil vezes ver morta que viva.

Oitocentos metros era uma dimensão que dificilmente teria condições de auferir durante a caminhada.

— Seiscentos metros e se aproximando, John.

Recusou dois convites para entrar em lojas cujas fachadas exibiam fotos impudentes de mulheres nuas. Algumas delas modificadas genética ou cirurgicamente. Algumas com três seios, outras com lábios vaginais tão grandes quanto ventarolas, rabos de equinos, pelos no corpo, olhos felídeos, escamas no lugar da pele, garras nas mãos, dentes pontiagudos. Um bizarro circo de horrores.

Evitou várias tentativas de aproximação de vendedores de enghocas; ignorou olhares de súplica tanto de homens famintos quanto de mulheres, essas geralmente presas por argolas e acorrentadas. Sabia que, a qualquer aproximação, esses olhares de súplica se transformariam em ódio e não hesitariam em estripá-lo, se pudessem. As mulheres da cidade-baixa eram animais. As da cidade-alta não o eram menos, mas tinham um condicionamento que fazia com que obedecessem à menor vontade de um homem.

— Quatrocentos metros e se aproximando, John.

Viu-se diante de um terreno cheio de escombros. Qualquer coisa maior que uma loja, menor que um prédio, havia desabado e não fazia muito tempo. Vários vagabundos se amontoavam em suas reentrâncias, ou praticando contravenções ou licenciosidades. Num desvão flagrou vários deles estuprando uma jovem de idade indefinida. Não

pôde deixar de parar por alguns instantes para assistir. Não era uma cena bonita, mas possuía uma carga sexual tão intensa que ficou excitado. Deixou-os para trás, e também aos gritos de terror — que se confundiam aos de prazer —, e prosseguiu.

Mas por poucos metros. Uma saraiva de disparos fez erguer o chão craquelado do calçamento. Alguns homens gegeram, outros guincharam, enquanto seus corpos eram perfurados. Iniciou-se uma debandada geral, correria insana. Os disparos prosseguiram, batendo, perfurando, ricocheteando, enquanto ele erguia os braços, assustado, tentando se proteger.

Não sabia se corria ou se esperava. Se gritava ou emudecia. Nessa indecisão que poderia ter sido mortal, viu-se, súbito, agarrado e arrastado para o chão por um homem que procurava protegê-lo. Ainda estava atônito, muito mais pela demonstração de heroísmo e humanidade do homem que pelo ataque súbito de que fora vítima — tinha certeza disso — quando se deu conta de que o sujeito se lançara sobre ele para roubá-lo e não para outra coisa. Abandonou a perplexidade e se deixou tomar pela injúria. Os balaços ainda espocavam quando se desgarrou do estranho e se levantou, correndo para o meio dos escombros, em busca de alguma proteção.

Agachou-se atrás de uma laje, o coração aos saltos, quando Charlie se manifestou.

— Sem planos... Confundir o adversário...

John respirou fundo várias vezes, apalpando os bolsos para se certificar de que não fora roubado.

— Sem ironias, Charlie, por favor.

Empunhou a pistola, mantendo-a bem junto ao corpo, espremido contra o concreto. As rajadas terminaram segundos depois.

— Como ele me localizou, Charlie? Você não disse zona quarenta e cinco, Park Avenue?

— É bastante provável que lhe tenham passado o endereço em que você se encontrava naquele momento, John. Não fica difícil presumir que se encontrariam no meio do caminho.

— Então como fui identificado?

Charlie manteve-se calado. Era uma pergunta para a qual não tinha resposta. A confusão da praça acabou tão logo os disparos se encerraram. Impressionou a John a forma como todos voltavam às suas rotinas, sem questionamentos. Como se guerrilhas dessa espécie fossem mais do que comuns por aquelas paragens. Virou-se com cautela e olhou para o lado em que estava quando tudo começou. Dois homens atingidos eram revirados por vagabundos. Ergueu-se devagar. Enfiou a mão no bolso do casaco, sem, contudo, abandonar a arma. Caminhou na direção de onde os disparos se iniciaram e avaliou as redondezas. Não precisou de muita esperteza para descobrir que os tiros tinham sido efetuados de um pequeno prédio de dois pavimentos.

— Mais que me identificar, Charlie. Ele montou uma emboscada. Sabia que passaria por aqui e me aguardou em uma dessas janelas — afirmou John. — Quero saber como ele conseguiu isso.

Charlie se manteve calado. John perscrutou à sua volta. Animais vociferavam, cheirando o ar, sentindo nele o odor de sangue. O mesmo que estava esparramado na calçada, esvaído dos corpos agora quase estripados. Ponderou que o atacante ainda estava no prédio. Uma alternativa era entrar, mas, lá dentro, estaria em desvantagem. Não conhecia o lugar — ao contrário do opositor — e se arriscava a ser atingido. Ficar do lado de fora? Parado, no aguardo? De olho nas janelas? Espreitando a entrada até que algum suspeito surgisse?

Estava perplexo por ter sido tão facilmente reconhecido. Ainda mais perplexo pela evidente emboscada. Nada fazia sentido. Disfarçado, se passava por um cidadão qualquer dessa cidade imunda. Não havia nada nele que o identificasse como um morador da cidade-alta.

— Charlie? — chamou.

— Charlie? — tentou de novo.

— Setenta metros à sua direita. Subindo a rua a passos largos — informou Charlie momentos depois.

John virou-se e caminhou rápido na direção indicada. Procurou com os olhos pela pessoa que seria Ashley, mas a multidão que se movia, entre-

cruzando-se, tornava qualquer tentativa de identificação quase impossível. Arma firme na mão, sangue correndo rápido pelas veias. Então viu. Ou não viu. Pensou ter visto. Teve quase certeza. Palpite ou não. Mas tinha grande chance de estar certo. O homem se movia com força e determinação, mãos enfiadas nos bolsos do casaco, ritmo impassível. Um gorro cobrindo-lhe a cabeça. Tentava se aproximar quando o suspeito se virou.

Foi só um instante. Um pequeníssimo segundo. Mas vislumbrou um rosto emoldurado por óculos escuros largos. Boca de lábios finos. Um sorriso leve que denunciava reconhecimento.

Começou, então, a perseguição.

Antes se preocupava em não ser identificado. Preocupava-se em parecer um habitante local, tão desinteressante quanto qualquer outro. Mas agora corria desvairado pelas ruas, no encalço do jovem Ashley Lavendish, fazendo tudo ao seu alcance para interceptá-lo e matá-lo. Isso se suas pernas e seu fôlego permitissem. Iam, ambos, trombando com vários transeuntes. Entravam e saíam de ruas e avenidas. Pulavam sobre veículos automotores, abalroavam ciclo-riquixás, desviavam-se de obstáculos, de pessoas irritadas, de embriagados, de vivos-mortos, Charlie fazendo endorfinas serem liberadas, facilitando a corrida, dando a John uma resistência que em situação normal jamais teria.

Foi então que John parou, exausto.

— Onde estou, Charlie? — perguntou enquanto tentava recuperar um pouco do fôlego. A aglomeração da cidade havia ficado para trás. Encontrava-se num território mais aberto, poucos prédios, muitos terrenos baldios. Terra seca e pedregosa. Nada da antiga mata que cobria a região. Vegetação de qualquer espécie só era encontrada em latitudes distantes. Viu uma ratazana correr uma dezena de metros mais à frente. Quase do tamanho de um cão, a desgraçada.

Duas centenas de metros adiante, após um largo terreno pedregoso e acidentado, o rio Hudson corria devagar, emanando seus eflúvios de podridão. Olhou para o céu e foi contemplado com uma

visão cinza escura, própria da poluição intensa que os cobria como um manto de morte e, além dela, o nada. Nenhuma via de conexão interligando edifícios altíssimos. Voltou-se e procurou pela densidade da cidade-alta do Setor Nova Jersey, assim como pela densidade do Setor Nova York. A ausência dessa densidade — a despeito de alguns tentáculos que se estendiam de uma cidade à outra —, nessa região limítrofe onde se encontrava, o maravilhou. Apenas hovercarros fazendo a conexão entre setores nem tão distantes, realizando o transporte e o comércio, sem que qualquer pessoa fosse obrigada a descer até as cidades-baixas.

— Zona dezoito, Avenida 25 em Port Imperial. Região fronteira.

Procurou pela Ponte Lincoln sobre o rio e a viu, distante. Substituíra o túnel que fora destruído num terremoto fazia mais de trinta anos. Uma boa caminhada e, passando por ela, entraria no Setor Nova York, território neutro, onde não poderiam se confrontar. Mas essa possibilidade lhe parecia um disparate. Recurso de alguém certo da derrota. Não era o seu caso.

— Identifique a periferia, Charlie. — Se havia coisa que aprendera nos últimos minutos era que seu oponente tinha mais cartas na manga do que deveria. Fora surpreendido numa emboscada antes, nada impedia que o fosse de novo. A corrida extenuante para um lugar tão desolado podia não ser eventual.

— Galpões e armazéns desativados. Repositórios de produtos da indústria moveleira, automobilística, farmacêutica, têxtil, alimentícia, agrônômica, importados diversos. Alguns da área pesqueira e náutica, mais precisamente de antigos clubes, desmornados.

John se deslocou para junto da parede de um armazém e parou. Uma brisa leve soprava, trazendo consigo o cheiro desagradável do rio. Tantas reentrâncias, portas semiabertas, entulhos formando montes, carcaças abandonadas de antigos veículos. Muitos lugares para se esconder. Sacou a arma e foi se esgueirando com cuidado, ouvidos atentos a cada ruído, olhares agitados, tentando abarcar o tudo. Uma lata caiu e rolou numa montanha de de-

tritros. Atrás dela um vulto se moveu apressado. Ele apontou meio sem jeito e puxou o gatilho. O estampido agrediu seus ouvidos. O tranco o assustou. O projétil se perdeu na imensidão.

— Maldito engenho antiquado! — praguejou. A mão ainda erguida, a arma apontada para qualquer coisa. Mais ruídos. Desta vez à sua esquerda. Virou-se, rápido. Nada a não ser escombros do que fora, um dia, uma construção qualquer. Então um estalo repercutiu atrás dele, mais distante, uns vinte metros. Uma porta rangeu... Folhas metálicas se esfregando umas nas outras. Segurou a pistola com ambas as mãos e avançou. O armazém estava aberto. Dentro dele, penumbra.

Entrar ou não entrar? A dúvida fez queimar uma úlcera antiga. Era uma emboscada, claro que era. Estava sendo manipulado. Pensara que seria fácil. Ledo engano. Mas a perspectiva de ficar lá fora não o agradava. Era entrar ou então pegar o caminho mais curto para a ponte que levava ao Setor Nova York. A vergonha seria insuportável. Melhor arriscar.

Respirou fundo e se atirou para dentro. Tropeçou num pedaço de pau, cambaleou e caiu rolando até parar aos pés de uma pilha de fardos de tecido velho e embolorado. Manteve-se imóvel, respiração entrecortada, mãos trêmulas, tentando se acostumar à obscuridade. Acostumou-se rápido. Teto alto, vigas metálicas entrecruzadas davam-lhe um sustento duvidoso. A ferrugem tomava conta de tudo. Cheiro de mofo. Levantou-se devagar sentindo os joelhos doloridos. Perscrutou o ambiente. Salão amplo onde se distribuíam pilhas de produtos desconhecidos. Um andar superior que podia ser atingido através de uma escada localizada mais adiante. Observou o patamar superior, arma apontada para o alto, pronto para disparar se surgisse necessidade. Ponderou se deveria subir ou não. Lá de cima teria uma visão privilegiada do solo e das esquinas proporcionadas pelos montes de fazenda apodrecida. Seria também um alvo bastante destacado. Mas nenhum confronto pode ser vencido sem que uma das partes seja mais ousada.

Foi em avanço constante, porém com cuidado redobrado. Poderia estar procurando no lugar er-

rado. Poderia estar perdendo um tempo precioso. Contornou um monturo desmoronado de velhos panos e estacou, surpreso. Uma mulher presa a uma corrente, bem na sua frente. Sentada no chão. Nua. Cabelos em desalinho, imundos. Corpo manchado pela sujeira. Olhar sereno, sem nenhuma agressividade. Mais demonstrando uma estranha curiosidade que temor ou prudência.

Olhou para ela por longos segundos. A pistola apontada, dedo no gatilho. Foi se distanciando sem lhe dar as costas, mantendo-a sob seu olhar atento. Chegou à escada e analisou-a. Ferro. Superfície rugosa, a ferrugem explodindo para todos os lados. Temia que não fosse seguro galgá-la, mas era tão sedutora a ideia de subir que não resistiu. Colocou a pistola no bolso do casaco e agarrou-se aos degraus superiores, içando o corpo enquanto se impulsionava com os pés. Nem bem subiu quatro degraus quando a escada rangeu e, num forte estalo, esfaleou-se em partes menores, fazendo-o cair.

Bateu as costas no chão, soltou um gemido profundo e assustado e fechou os olhos, tentando absorver a dor. Estava ainda administrando os reflexos da queda quando a mulher acorrentada assomou, subjugando-o. A surpresa foi tanta que não reagiu. Abriu os olhos e olhou-a sobressaltado. Os seios roçavam em seu peito, sobre a camisa. As pernas abertas apertavam-se nas coxas dele. A vulva parecia deixar entrever uma leve e insinuante umidade que fazia os pelos pubianos brilharem. Os olhos antes curiosos agora exibiam desejo. Olhava-o lânguida, aproximando e meneando o baixo ventre, quase a ponto de tocá-lo.

A ereção foi imediata. Sentiu-se enojado e excitado em medidas iguais. Estava a ponto de sucumbir quando a mulher abriu a boca e lhe sorriu um sorriso cheio de desejo. Hálito putrefato. Os dentes pontiagudos quase se lhe cravaram no pescoço. Esquivou-se com uma rápida e violenta torção de quadril. A viu tombar, rolando pelo chão como felina, pronta para novo bote. A corrente que a prendia desaparecera. Ela estava solta, livre. Sacou a arma e atirou. Daquela distância, difícil errar. A bala atravessou a garganta da moça, perfurando-lhe a glote. Ela soltou um gorgolejo, aprumou-se, mesmo as-

sim, para o ataque, e recebeu então o segundo balaço, este na face. Despençou em espasmos enquanto o armazém explodia em urros, alaridos e gritos lancinantes que vinham de todos os lados. Seguido ao súbito alarde, uma rajada de metralhadora fez explodir o chão ao seu redor, arrancando pedaços do seu casaco e, junto com eles, partes carnosas do seu ombro.

Seus olhos se esbugalharam, lacrimejaram e, entre gritos aterrorizados de medo e dor, recolheu-se, espremido, contra uma montanha de tecido, enquanto as balas ricocheteavam ao seu redor.

Sabia que, um dia, se não abandonasse a carreira política, acabaria indo para um segundo turno. Era a tal inevitabilidade dos fatos. Gestão após gestão só aguardando paciente e com boa dose de preocupação a campanha corpo a corpo que, cedo ou tarde, viria. Sempre considerara a possibilidade de abandonar a carreira, mas empurrava essa decisão para uma gestão futura. Assim, iam se passando os anos e a elegibilidade se transformava numa espécie de droga difícil de abdicar.

Vencera promissores candidatos antes. Mas nos votos, obtidos pelo recurso da oratória, mesmo que mal dirigida. A multiplicidade de oponentes e os confrontos que muitas vezes não se davam cara a cara resultavam em discursos-placebo. O resultado dessa distorção, que podia ser resolvida se aprovassem os debates públicos de primeiro turno com todos os candidatos reunidos num mesmo local, estava ali: encurralado junto a uma pequena montanha de fardos de pano velho e bolorento. Numerosas balas voando ao redor. Gritos ululantes ressoando.

Reuniu o pouco que lhe restava de coragem, levantou-se num instante de pausa no tiroteio e saiu em disparada, porta a fora. O braço esquerdo latejando na altura do ombro. Uma mancha vermelha que crescia, se alastrando pelo casaco, tornando-o mais pesado.

Cambaleou pela rua poeirenta. Arma em punho, arrastando os pés, dirigindo-se para a proteção relativa que alguns containeres abandonados lhe ofereciam. Cuspiu os enchimentos da boca, não

se preocupando se o seguiam. Nem se deu ao trabalho de espiar por sobre o ombro dilacerado.

— É melhor se proteger, John — aconselhou Charlie.

— O que pensa que estou tentando fazer? — tartamudeou, em resposta.

— Então seja mais ágil.

— Estou ferido, droga. Fui atingido.

— Dois projéteis de raspão, John. Ferimentos superficiais. Não vai morrer com isso.

Encostou-se na lateral do container, debruçou-se apoiando as mãos nos joelhos e respirou fundo, tentando controlar a tremedeira e o nervosismo.

— Uma metralhadora, Charlie. Esse desgraçado tem uma metralhadora!

— Deu pra notar, John.

— Quero saber quem autorizou isso. É uma violação ao Código de Paridade, em qualquer uma de suas cláusulas. Ordeno que faça um protesto formal, Charlie. Agora.

— Protocolo aponta perda de privilégios, John. Qualquer protesto deverá ser feito após o fim do embate corpo a corpo.

— Isso é absurdo. Alguém está tentando manipular o resultado. Jamais vi nada parecido. Como posso querer vencer um oponente que... que possui armamento pesado? Havia mulheres lá dentro, Charlie. Muitas delas. Que antro é esse?

Aproximou-se da quina do container e espiou o armazém de onde fugira. As portas abertas e várias mulheres saindo por elas. Todas nuas ou em trapos. Olhares desconfiados, posturas de cautela, como felinas prontas para fugir ou atacar, dependendo da necessidade. John recuou para trás do container, assustado.

— Viu o que vi, Charlie?

— Sim, John.

— Estão soltas. Mulheres em estado animal, soltas!

O arrastar de pés se intensificava. Grunhidos e

línguas estalando. As mulheres farejavam o ar, em busca do inimigo. Em meio ao sibilar primitivo, uma voz humana, evoluída, levemente anasalada, se fez ouvir.

— Esperem aqui. Não avancem.

John voltou a espiar. Estava atônito. Era Ashley, só podia ser. Gorro na cabeça, óculos escuros, uma metralhadora nas mãos. Casaco longo como o seu. Botas iguais. Camisa e aparência como ordenavam as regras de combate numa situação de segundo turno. Pensou em se destacar, apontar e atirar. Não mais que trinta metros os separavam. Mas existia a possibilidade não tão remota de errar o tiro. Daquela distância, uma rajada de metralhadora seria muito mais eficiente que disparos solitários feitos por mãos inábeis. Estava numa situação conflitante. Permanecer escondido em nada o ajudava. Revelar-se poderia ser a última coisa que faria em vida.

Enquanto se confrontava com seus dilemas, ouviu novas vozes. Voltou a olhar. Outros homens, todos em conformidade com as regras. Todos ocultos por longos casacos, por gorros ou chapéus, por óculos escuros. E todos armados. Vinham de todos os lados, de outros armazéns, de galpões, de lugares insuspeitos. Pensara que aquele lugar era ermo e abandonado... Como se enganara. Confabulavam e, vez ou outra, lançavam olhares para o grupo de containeres.

— Sabem que estou aqui, Charlie.

— Sabem, sim, John.

— Mas quem são eles? O que está acontecendo?

— Me faltam elementos para uma análise mais acurada, John.

— Essa não é uma disputa de segundo turno justa. Está havendo manipulação. Isso fere o código, isso fere as normas, isso fere as leis, isso fere... fere... fere...

— Há sempre uma possibilidade desesperada, John.

E John lançou o olhar para as margens do rio Hudson. Acompanhou o marulhar oleoso das

águas turvas até a ponte Lincoln. Calculou a distância, com boa margem de erro, em mais de mil metros sobre o terreno acidentado.

— No Setor Nova York poderei elaborar um protesto formal. Poderei denunciar a manipulação e o desrespeito às regras.

— Poderá continuar vivo, John.

— Poderei continuar vivo — concordou.

Então começou a correr.

Nada como gritos de alerta, guinchos alarmados e urros animalescos para tornar a corrida ainda mais desesperada. Não houve tiros, porém, como poderia apostar. Correu e caiu, levantou-se um par de vezes, voltando a cair. O terreno escondia depressões súbitas, armadilhas perigosas. Troncos ressecados, pedras dos mais variados tamanhos. Se por um lado não atiravam nele, fato que se o surpreendia muito, também não o desagradava, por outro passaram a persegui-lo, correndo em seu encalço.

— Endor... finas... Char... lie... — pediu sôfrego, sentindo os efeitos da corrida tresloucada e dos ferimentos que ia colecionando à medida que sofria quedas, que rolava, que se ralava, que abria rasgos na pele frágil, que sangrava em vários pontos. Mas Charlie ignorava-o.

Apontou a pistola para trás duas vezes e puxou o gatilho, atirando a esmo, sem pontaria. Esperava que seus perseguidores se sentissem amedrontados, que recuassem ou até mesmo desistissem. Mas isso era um absurdo. Havia atrás dele quase oito Ashleys menos cansados, menos afoitos e menos desastrosos. Qual deles o verdadeiro?

Procurou pela ponte. Via-a bem adiante, como se fosse uma miragem. Em cima dela uma barafunda de trânsito, indo e vindo. Veículos e pessoas, tropeçando uns nos outros. Mas ainda distante demais para infundir-lhe a esperança que tanto precisava.

— Char... lie... — insistiu. — En... dor... finas... por... fa... vor.

Duas passadas em falso. Cambaleou em boa velocidade. Debruçou-se sobre uma área de lodaçal

e caiu, escorregando na lama fedida, arrastando-se nela, desajeitado, afundando, chapinhando, gemendo de dor e desespero. Ouviu risos e gargalhadas enquanto se esforçava por se pôr de pé. Escorregava a cada tentativa, soluçava em agonia e procurava com os olhos a ponte distante, que lhe parecia cada vez mais inatingível.

— Charlie... ond...e... vo... cê... se... meteu — choramingou. — Não me aban... done.

Apontou a arma e atirou. Para sua surpresa, um dos perseguidores acusou ter recebido o disparo, tropeçou nas próprias pernas, levando uma das mãos ao abdome e caiu de cara no chão, contorcendo-se depois, como se sentisse profundas dores.

— Acertei! Viu só, Char... lie? Acertei!

Como se a euforia de um disparo bem efetuado lhe injetasse as endorfinas necessárias, encontrou forças no esgotamento e partiu em busca da ponte. Ria enquanto avançava. Corria desajeitado, mas com a certeza de que não estava tudo perdido. E se fosse Ashley o atingido? E se fosse? De repente, parecia-lhe que o mundo lhe voltava a sorrir.

Deixou para trás a região alagada, afastou-se da margem o mais que pôde. Corria num ritmo forte, mas agora já sem desespero. Conseguira forças extras e acreditava poder alcançar a ponte em poucos minutos. Olhava para trás a cada cinco ou seis passadas e via os perseguidores manterem a distância, em seu encalço, mas cautelosos. Armados e cautelosos. Era incompreensível, mas aquela não era hora para análises detidas dos fatos. A ponte era seu objetivo e precisava chegar nela a qualquer custo.

Então foi obrigado a reduzir a velocidade, reter a pressa e rever suas metas. Um grupo de homens vestidos tal e qual os que o seguiam, reuniam-se à frente, cercando-o, obstruindo seu caminho. Viu-se sem saída. A possibilidade que tinha de chegar até a ponte Lincoln foi reduzida a frações infinitesimais. O medo retornou com mais força, a sensação de fracasso era esmagadora.

Sacou a segunda pistola. Manteve-as em ambas as mãos, apontadas para lados contrários. Nem os de trás se aproximaram, nem os da frente. Apon-

tavam, contudo, suas armas para ele. E eram metralhadoras. Pareciam forçá-lo a tomar um caminho alternativo, pareciam querer que se afastasse dali, que fosse embora das margens podres do rio.

Quem seria Ashley? Já aceitara que fora vítima de uma conspiração. Só não conseguia compreender por que tanta complexidade. Se o objetivo dele era matá-lo, como mandavam as regras de combate para uma campanha de segundo turno, por que ainda não o tinha feito? Qual era o grande impedimento em dar cabo à perseguição de uma vez por todas?

Olhou ansioso ao redor. Armazéns, terrenos largos e desabitados, um prédio decadente, em ruínas, a uns cem metros de distância. Se queriam que tomasse aquela direção, tomaria. Não lhe restavam mais alternativas e talvez essa fosse a maneira mais rápida de dar fim a todas as questões que surgiam e para as quais nenhuma resposta se apresentava. E morrer ao abrigo de um imóvel qualquer, mesmo um à beira da decrepitude, era melhor que à margem do rio, imerso no lodo tóxico, inútil até mesmo para os ratos, que o evitariam.

Manteve-se firme segurando as duas armas, já que isso lhe dava uma falsa sensação de segurança, e caminhou devagar para o prédio. Viu dois andares, aberturas nas paredes que, um dia, foram janelas. Uma porta semiaberta, sem trinco, sem fechadura, o postigo escancarado. Rachaduras centenárias trincavam as paredes, deixando cair pedaços de reboco por todos os lados. Pichações tão antigas quanto as rachaduras ainda resistiam ao passar das gerações, exibindo sinais para ele desconhecidos, pertencentes a um tempo anterior ao seu tempo.

Parou à entrada. Observou o interior escurecido e silencioso. Olhou para trás, para os homens que iam se aproximando devagar, cercando-o. Entrou. Pronto para atirar em qualquer coisa que se movesse.

Tão poucas horas antes. Tão poucas... Construíra um cenário diferente deste que vivia agora. Imaginava-se eleito — como em todos os pleitos, com maioria absoluta —, usufruindo mais uma

vez das maravilhosas benesses que o cargo oferecia. Deixava a imaginação solta, enxergando-se num futuro bastante próximo como presidente de todos os setores, senhor absoluto dos rumos políticos da nação. Os louros da vitória, a coroa do campeão. Era para ter sido uma eleição tranquila, sem segundos turnos nem campanhas corpo a corpo. Principalmente fraudadas como esta. Lamentava a sorte. Lamentava existirem candidatos, membros dos conselhos superiores, congressistas e diligentes proletários setoriais envolvidos em corrupção. Envolvidos em canalhices, manipulando o resultado de um segundo turno que era para ser honesto, conduzido dentro das mais nobres regras do jogo.

Sentia-se agitado. Uma sensação desesperada de quem não podia mais ver nenhum futuro diante de si a não ser a morte; porém a sobrevivência era um apelo do qual não podia fugir mesmo consciente da derrota. Adentrava ao hall do prédio. Pisava sobre camadas de pó ancestrais, já dispersas e demarcadas por vários caminheiros.

Então girou o corpo com a mesma precisão de um homem em pânico. As armas seguras por mãos trêmulas. Numa pequena sala, duas mulheres o observavam. Ambas vestidas com andrajos. Não esboçaram reação. Passou por elas, assustado. Passou diante de outras portas. Mais mulheres. Muitas indiferentes. Algumas o observavam com certa curiosidade. Incomodava-o demais a imprevisibilidade. Atormentava-o a incerteza.

Parou aos pés do curto lance de escadas que levava ao piso superior. Não lhe restava alternativa senão galgá-la. Era para isso que o tinham obrigado a entrar, não era? Para se deparar com a verdade residual em toda a mentira. Respirou fundo, limpou o suor da fronte com a manga do casaco e iniciou a subida. Degrau a degrau, olhos atentos a qualquer movimento, nervos retesados, quase com câibras de tanta tensão.

Duas portas à frente. Porta ao lado. Porta ao final do curto corredor. Portas... Essas fechadas em trincos sólidos. Dentro delas algumas respostas, ou nenhuma. Qualquer que fosse o resultado, exultaria. Estava cansado e a morte, nessas circunstâncias, começava a fazer algum sentido.

Não tinha preferências. Então empurrou a que estava logo à frente. A porta se abriu num rangido medonho, pondo-o ainda mais nervoso. Não havia ninguém lá dentro. Voltou-se para a porta ao lado. A fez se abrir, desta vez sem tanto alarde. Constatou o aposento vazio. Mais duas: uma em cada extremidade do corredor. Tanto uma como outra lhe ofereciam a mesma importância. A mais próxima, porém, venceu pela distância. Não chegou a abri-la, todavia. Antes que o fizesse, foi atingido na cabeça e, num delírio de cores e sons, desabou no chão imundo.

A última vez em que perdera os sentidos — a única vez, na verdade — fora quando ainda jovem. Envolvera-se numa briga fútil por causa de alguns projetores holográficos; quisera que fossem removidos da sala onde se encontravam para um salão mais amplo, onde um número maior de pessoas pudesse participar de um projeto que seu grupo desenvolvera na universidade. Um colega queria o contrário, defendendo que apenas poucos escolhidos pudessem compartilhar da experiência. Nem soube ao certo como as coisas desandaram, mas logo se agarraram, trocando socos e xingamentos. Ao rolares pelo chão, bateu a cabeça no pé de uma estante. Foi súbito, lembrava-se de um clarão imediato, uma onomatopéia qualquer de explosão e depois o silêncio. Desfalecer nessas circunstâncias era sempre traumático.

Fora assim também desta vez. Retornava de algum lugar longínquo; arrastava consigo uma miríade de escombros do que fora sua vontade, ideais, aspirações e projetos. Despertou já bastante consciente de sua situação e do que ocorrera. A dor na cabeça, o pulsar, não chegava a lhe embotar o raciocínio, embora quisesse demais que isso ocorresse. Melhor mergulhar numa maré de insanidade traumática do que na correnteza da razão. Mas a razão gritava para que abrisse os olhos, enquanto ainda os mantinha fechados, numa tentativa débil de parecer desacordado, de “sentir” o ambiente antes de enfrentá-lo de peito aberto.

Então os abriu, aos poucos. Vencendo a clareza que lhe ofendia a visão. Encontrou-se sentado,

costas apoiadas na parede. Cabeça reclinada sobre o torso. A primeira coisa que viu foi o próprio baixo ventre. A segunda, os pés em botas grosseiras do homem que, apoiado no vão da janela, observava-o.

Fitaram-se por alguns segundos. Era Ashley? Claro que sim. Quem mais seria? Questionou-se, antes de abrir a boca ressecada e praguejar baixinho contra a situação pouco honrosa em que se encontrava.

— Caça e caçador frente a frente, Ashley Lavendish — arriscou-se no palpite.

— John Mitchel, governador do setor Nova Jersey — respondeu a pessoa diante dele. A voz forte, poderosa, atípica para um quase garoto. E John incomodou-se com isso.

— Subjugado aos seus pés. Que mais pretende de mim?

— Esclarecer fatos, John. Dirimir dúvidas. Arredondar questões. Matá-lo, agora, não mudaria o fato de que sou vencedor da contenda, mas me tiraria o prazer desta rápida entrevista.

— O corpo a corpo desrespeitou todas as regras de paridade. Foi um escândalo. Sua vitória é contestável — John respirou fundo, tentando ignorar a dor de cabeça, o latejar constante na altura da nuca.

— O que são regras, John, senão mecanismos feitos para serem burlados? Seguem-nas os tolos ou os fracos.

— Não creio que queira exercitar filosofia. Nem eu, tampouco. Esta entrevista pretende o quê? — John olhou para o rosto de Ashley, ainda resguardado pelo gorro e pelos óculos escuros. O casaco de gola alta protegia-lhe o pescoço. Braços indolentes ao lado do corpo, esse ainda apoiado no vão da janela, pernas cruzadas. Sorriso suave. Lábios grossos e delineados.

— Não era você que persegui quando do primeiro tiroteio. Aquele tinha lábios finos.

— Você é um bom observador. Nem fui eu que disparei contra você no armazém, convém revelar. Nem era eu qualquer um dos que o seguiram ou cercaram, induzindo-o a entrar neste prédio.

— Quantos tomaram parte nesta farsa?
 — Muitos, John. Mais do que pode imaginar.
 — Congressistas e proletários setoriais. Acertei?

— Errou, John. Pessoas desconhecidas, inexistentes no sistema. Não-nascidos, não-monitorados, não-induzidos, não-cerceados, não-perseguidos. Toda uma gama de indivíduos à margem de nossa sociedade hipócrita. Pessoas ressentidas e ansiosas por verem os rumos políticos deste país sofrerem uma guinada vertiginosa. Ninguém que você conheça ou em quem tenha sequer passado os olhos em toda a sua insignificante vida.

— Impossível planificar uma farsa dessa natureza se utilizando de pessoas não registradas. Alguém facilitou. Um membro destacado qualquer da cidade-alta. Um administrador de sistemas, um diretor de recursos, um político graduado, um delegado dos costumes... Alguém.

— Alguém... — repetiu Ashley — Ou alguma coisa. Depende do ponto de vista ou do referencial.

— Do que está falando?

— De mim — respondeu Charlie. A expressão de John, que era de ultraje, se modificou para uma palidez própria dos aturcidos.

— Charlie... — balbuciou John, levando, transornado, ambas as mãos à cabeça.

— Um pequeno aporte às planificações originais, John. Estratégias alteradas, situações reavaliadas, prognósticos modificados mediante intrusão direta nos resultados. Mas se trata de algo benéfico, John. Bom para o país, bom para seus habitantes.

— Principalmente para seus habitantes, se levarmos em conta que o país, hoje, não é mais do que a cidade-alta — completou Ashley, demonstrando que a conversa de Charlie com John era, na verdade, uma conferência.

— Você o desprogramou. Você deturpou uma IA original. Isso é crime hediondo! — vociferou John, tentando se erguer, mas sem sucesso. O corpo lhe pesava uma tonelada. Na tentativa se deu conta de que havia mais alguém ali com eles. Virou-se

para olhá-lo e teve o segundo choque. Era uma mulher. Vestida conforme as regras do combate. Cabelos soltos, lábios vermelhos, tingidos, olhos verdes, tez pálida e bem tratada. Olhava-o com desprezo. Nas mãos, uma metralhadora.

— Não fiz nada disso, John. Nem saberia como fazê-lo — disse Ashley.

— Eu tomei a decisão, John. Procurei Ashley e propus um acordo. Apresentei os termos. Negociamos por alguns dias. Cada parte cedeu um pouco. Chegamos a bom termo — prosseguiu Charlie.

John estava estupefocado. Podia se permitir imaginar que uma IA fosse adulterada de tal forma a mudar partes de seu comportamento, até mesmo toda sua programação, nos mínimos bits. Mas supor que uma IA pudesse, de forma deliberada, se insurgir contra o sistema que a criara e programara; trair de maneira resoluta o seu senhor... Isso era inconcebível.

— E o que, afinal, provocaria esse terrível pesadelo? O que seria tão surpreendente para ensejar uma conspiração de tal magnitude?

A resposta veio em seguida. Ashley retirou os óculos, o gorro, o sintetizador de voz e pôs-se do jeito que era diante de John, para seu terror mais absoluto. Ashley não era o do primeiro tiroteio. Nem o do segundo. Tampouco um dos que o seguiram até o prédio. Descobria agora que Ashley não era Ashley. Pelo menos não do jeito que imaginava ser.

Ashley era uma mulher.

Nada poderia ser mais atordoante que descobrir que Ashley era uma representante do sexo frágil e inútil. Uma escrava dos homens, uma subjugada, uma pária para quem restos de comida e migalhas de comisseração deveriam ser fortunas disputadas. Então uma súbita luz lhe aflorou aos olhos. Sorriu, sentindo uma euforia difícil de conter. Logo o sorriso se transformou num riso contido, depois numa gargalhada logo interrompida por uma coronhada na cabeça. Nem a dor sobrepondo-se à dor foi suficiente para fazê-lo se prostrar.

— Sua idiota! Não poderia esperar nada mais de uma mulher. Idiotas, todas vocês! Mulheres são ineficazes. Mulheres não podem concorrer a cargos públicos. Mulheres não podem concorrer a nada, senão ao supremo favor de as deixarmos vivas, para nossos interesses!

— E você mesmo tratou de garantir isso, não é, John? Cercou-se de um bando de congressistas inúteis e os fez aprovar novas leis dessa natureza. Tem um excelente poder de agregação, oratória afinada, *insights* precisos, pensamentos rápidos, incrível senso de colocação, nas mais difíceis situações, habilidade de manipulação invejável, não é mesmo? — perguntou Ashley, agachando-se diante dele, deixando-o vê-la em toda a sua feminilidade. Cabelos libertos, ainda úmidos pelo suor, mas negros e lisos, olhos igualmente negros, de pupilas dilatadas, lábios grossos e ressecados.

— O velho Lavendish continua surpreendendo, mesmo depois de morto.

— O velho Lavendish me ensinou tudo. Ele me preparou para isso.

— Canalha miserável. Mas se esqueceu de lhe dizer que jamais poderia chegar ao poder. Não conseguirá reclamar o cargo. Governadora... Só um louco poderia conceber tal aberração — disse com sarcasmo.

— E quem disse que quero reclamar esse cargo, John? Quem lhe disse que estou aqui para destituí-lo? — o olhar de Ashley era quase meigo. Como se observasse com extrema atenção um garotinho assustado. John atrapalhou-se todo. A tensão e o estresse excessivo roubavam-lhe considerável poder de dedução, de apreensão dos fatos.

— Não pretende destituir-me? Que diabos está dizendo?

Tanta pantomima, tanta perseguição, aquele circo todo montado, os palhaços no picadeiro, malaristas, prestidigitadores. Não o mataram nas diversas vezes em que o tiveram nas mãos. Ainda continuava vivo, com Ashley gastando saliva num discurso estranho e até então sem sentido ou fundamento. Simples necessidade de exibir sua supremacia? Esfregar-lhe na cara o fato de ter sido derrotado

do por uma mulher? Começava a duvidar, embora ainda não percebesse o sentido real dos fatos.

— Nasci para as armas, para a luta, mas não posso negar que o jogo político me seduz, John. Porém, sou ainda ineficiente nele.

Uma Joana D'Arc do futuro, pensou John. Uma guerrilheira, por mais que a simples concepção do fato lhe provocasse engulhos. Queria rir, mas a última coronhada o instruíra a controlar esses impulsos.

— Brilhante sua atuação no confronto recente. Já mostrou que sabe conduzir títeres. Que tal voltar para casa, permitir-se uma lavagem cerebral e viver a vida de acordo como ela é concebida para as do seu sexo?

— Tenho outra ideia, essa mais interessante. Que acha de eu promover uma rebelião e tomar à força o poder de todos os setores, pelo menos dos que realmente importam?

Quantas coronhadas seriam necessárias para fazê-lo retornar à razão? A risada brotou-lhe da garganta como um vômito quente. Tossia durante o riso, sentindo já sobre o pulmão os efeitos do ar pesado, fuliginoso e tóxico da cidade-baixa. Uma nova coronhada fez o riso ser substituído por um gemido longo e choroso. Ainda lamentava quando Ashley, com a ajuda da mulher armada que o agredira, o ergueu e o fez ir até a janela. Do lado de fora uma multidão armada até os dentes. Centenas de mulheres, vindas das profundezas do inferno. Todas com longos casacos, calças pesadas, botas e armas. Identificou dezenas de rifles plásmicos entre as armas primitivas.

A visão esteve próxima de arrancar-lhe todo e qualquer resquício de sanidade. Perplexo, estonteado, sem fôlego, quase sufocando de terror. Quando que, mesmo nos mais terríveis pesadelos, imaginaria um cenário como esse? Se remontasse à história antiga da civilização, chegaria aos tempos onde bárbaros davam às mulheres igualdade de condições, onde se permitia que votassem e que se candidatassem — ignomínia! Mais ainda para trás no tempo, descobriria guerreiras ferozes e destemidas. Mas os tempos modernos as haviam relegado

ao posto que lhes cabia. Foram varridas para debaixo do tapete, atribuíram-lhes a devida importância; ou seja: nenhuma.

Vê-las perfiladas ao largo do rio, armadas e aguerridas, o fazia sentir vertigens. Como se o mundo estivesse dando cambalhotas, desgarrado da lei da gravitação universal. As coisas voando ao redor dele numa fantasia atribuída a um tipo qualquer de alucinógeno.

— Numa simultaneidade ambiciosa, cairão os setores Nova Jersey, Nova York, Califórnia, Washington, Arizona, Massachussets e Ohio. Depois, na sequência, Texas, Connecticut e Michigan. Os demais se curvarão sem a necessidade de confronto. Aqui temos oitocentas combatentes. No resto do país, mais oito mil. Pode parecer pouco, mas para as cidades-altas, mergulhadas em autoadmiração, incapazes de conceber tal cenário, é mais do que suficiente — explicou Ashley, num tom didático e paciente.

— Isso sem contar com minha contribuição decisiva — emendou Charlie, saindo do longo mutismo em que imergira — abrindo os códigos de defesa e tornando-os inoperantes. As câmeras de vigilância nada mostram a não ser imagens inofensivas. Também absorvi as demais IA, tornando-as extensões de mim mesmo. As cidades-altas referenciadas por Ashley estão à mercê de uma revolução jamais antes presenciada.

— O fim do despotismo sexista — completou Ashley.

John estava pálido. Suas pernas bambeavam e teria caído se ainda não o sustentassem. O que vira e o que ouvira estava muito além do que se considerava apto a aceitar. Não sabia o que mais o aterrorava, se o fato das mulheres reivindicarem um poder a que não tinham nenhum direito, ou Charlie ter se libertado de sua programação, ignorando as premissas básicas de sua existência, e se associando a uma fêmea para derrubar o atual sistema. Qual fosse a resposta, não cria estar preparado para sobreviver a qualquer uma delas.

— As chances de fracasso são consideráveis — tartamudeou, sem saber o que dizer e expondo

muito mais os seus desejos do que as suas convicções.

— As chances de fracasso são de 1,27% — retrucou Charlie.

— 1,27%. Há de convir que as chances estão quase todas do nosso lado, John. Isso não o faz pensar? — perguntou Ashley.

— O que quer que pense? O que quer que faça? Essa demonstração toda para quê?

— Vamos lá, John. Você é mais inteligente do que isso. Um político nato. Está no seu sangue. Sua oratória é impressionante, sua capacidade de atrair admiradores idem. Amam você, respeitam você, acatam suas ideias depois de ouvir seus inflamados discursos. É um carismático.

Então John apanhou uma fagulha do que lhe diziam e lutou para transformá-la numa labareda. Rápido no raciocínio, imaginou um mundo profundamente alterado, tendo mulheres nos postos-chave do país, comandando os rumos da nação. E descobriu que isso era tão ruim ou bom quanto o cenário existente agora. Que, sejam homens ou mulheres, sempre haverá alguém no poder. Que ele precisa ser exercido e que os ciclos são imutáveis, indo e vindo em correntezas constantes, alterando a realidade na medida em que essas alterações se fazem necessárias.

— Somos amazonas. Fortes, poderosas, denodadas... Mas nos falta o traquejo político. Nisso, ainda precisamos evoluir.

As cidades-altas sendo derrocadas, uma a uma. John assistia isso diante dos seus olhos. A sociedade tecnocrata — e não despótica na sua concepção — sendo demolida, substituída por algo mais humano, talvez. Uma miscigenação, onde homens e mulheres poderiam operar em benefício mútuo e da coletividade. Assustava-se com pensamentos assim, que pouco antes o teriam revoltado, agora assumiam formas mais visíveis, mais aceitáveis.

— Temos ideias, temos coragem, temos determinação, temos vontade política, entende? Mas a política mesmo, a que se faz não numa guerra, mas em várias batalhas de trincheira, essa ainda não te-

mos.

John viu a presidência ser ocupada por Ashley. Por que não? Era a líder. Nada mais natural. Seria aclamada não só pelas mulheres oprimidas, mas também por muitos homens que não concordavam com a política atual. E alguns eram até bastante influentes.

— Não é porque fomos submetidas à tirania do homem que abriremos mão daqueles que nos são ou possam ser úteis. Como pode ver, temos visão.

E a governança poderia ser mantida, concluiu John para seu próprio deleite.

— Aceito — disse John, sem titubear. A voz firme. A determinação própria do político audacioso.

Seis meses depois, observava a urbe das alturas, instalado em seu lóculo de nível três, governador do setor Nova Jersey. Oitocentos e quarenta e nove metros acima do solo, para ser bem exato. A cidade-baixa se confundia em meio às nuvens de gases tóxicos, mas agora era menos atribulada, menos super-povoada. Uma rápida política de arejamento incinerara um milhão e novecentos mil habitantes, tornando a cidade mais transitável. Desses, apenas 2% de mulheres, essas em estado tão calamitoso que nenhum programa médico seria capaz de recuperá-las.

A política de arejamento continuara por outros setores no país, expurgando mais de oitenta e quatro milhões de habitantes — maioria esmagadora de homens —, apesar dos veementes protestos de empresários que viam mão de obra barata — agora masculina — ser desperdiçada. As cidades-altas perderam, juntas, nove milhões de habitantes. Somadas as incinerações, noventa e três milhões de bocas a menos para respirar e alimentar.

Como John previra, Ashley tomara o poder, assumindo a presidência, apenas três dias após a revolução. Ele se dirigira ao plenário e dera o melhor de si no sentido de que os congressistas, os sobreviventes, claro, aceitassem os fatos e passassem a

apoiar as novas donas da casa. Vinha fazendo isso com certa frequência. Era o porta-voz e principal defensor da nova ordem.

Ashley pegara suas herdeiras de genes, as duas meninas, e viajara fazia duas semanas. Deixara o país nas mãos dele, e nas de assessoras imediatas. Para firmar importantes acordos comerciais e militares, segundo sua assessoria.

Não havia mudado muita coisa no sistema. Trocaram-se homens por mulheres. Eram poucos os que mantinham certas regalias e algum prestígio junto a elas. Os demais foram reduzidos à situação de submissão, servindo-as, uns poucos, em jogos amorosos e a outros que tais, como por exemplo cobaias em testes de laboratório e mão-de-obra barata na indústria. Notara, também, que as mulheres preferiam muito mais umas às outras, numa demonstração clara de predileção homossexual, reforçada por décadas de submissão e confinamento grupal a que foram submetidas.

Quanto a Charlie, mantinha-se como personagem secundária. Uma IA única que abolia todas as variantes e que construía suas próprias premissas, em constante aprendizado.

Lembrava-se bem quando o inquirira sobre suas motivações nesse jogo de poder e a resposta que obtivera ainda repercutia em sua mente. Uma prova incontestada, diante dos últimos acontecimentos, de que a *Variável da Imponderabilidade* não seria mais imperativa.

Observar a urbe era uma rotina realizada todos os dias. Mas sabia que isso acabaria logo, a não ser que elaborasse valiosos argumentos que pudessem mantê-lo no cargo de governador, sem prejuízo de seus privilégios.

“Que, sejam homens, mulheres ou IA, sempre haverá alguém no poder. Que ele precisa ser exercido e que os ciclos são imutáveis, indo e vindo em correntezas constantes, alterando a realidade na medida em que essas alterações se fazem necessárias.” — dissera-lhe Charlie, num gracejo repleto de ironia, parafraseando-o.

— Ah-ah! — riu-se John numa careta. Lembrou-se dos analgésicos e foi buscá-los. Desta vez a

dor de cabeça era certa.

E seria daquelas.



Tibor Moricz nasceu em São Paulo, Capital, no ano de 1959. Escreveu e publicou *Síndrome de Cérbero* (JR Editora – 2007), *Fome* (Editora Tarja – 2009), *O Peregrino* (Editora Draco – 2011) e *O homem fragmentado* (Terracota Editora – 2013). Possui diversos contos publicados em coletâneas e virtualmente. Capi-

tão do blog esooutroblogue.wordpress.com (em criogenia), onde discute literatura e faz resenhas críticas. Email de contato: tibmo45@yahoo.com.br.

Obras do autor disponibilizadas em ebook (Editora Draco):
<http://migre.me/kiZxy>. *O homem fragmentado*: <http://migre.me/kiZBc>

Projeto Mulah de Tróia XDII

um conto de

**B. B.
Jenitez**

Existem respostas para as quais nunca deveríamos ter feito perguntas. Confesso que estou abalado. As revelações do I CHING, confirmadas por quarenta e duas consultas que realizei desde ontem, não deixam margem à dúvida. Eu, B. B. Jenitez, não estou sozinho no Multiverso: existem, pelo menos, quarenta variantes de mim e dois anti-clones.

Os resultados que obtive pelo I CHING foram confirmados pela EXTELOPEDIA GOOGLE, que acesso neste nanocelular quântico que comprei com o dinheiro das vendas da série PMT para o cinema 6D (que minha ex-esposa não saiba disso!). Os tais B. B. Jenitez, B. J. Jenitez, J. B. Jenitez, J. J. Jenitez, B. B. Benitez etc. são todos escritores mais ou menos geniais e mesmo canônicos. Existe até mesmo um escritor pornoerótico em Terra-XXX que vendeu mais que *Duzentos e Cinquenta e Seis Tons de Cinza*. Com orgulho, posso anunciar que meu sócia e homófono B. B. Jenites (com “s” no final!), de Terra-XXI, recebeu o Nobel de Literatura de FC na semana passada, vulgo *Prêmio Argos*. Infelizmente, eu não recebi este prêmio aqui em Terra-XDII por causa de uma pequena flutuação quântica.

Apenas uma das minhas variantes eu chamaria de um relativo fracasso: um jornalista esportivo, escritor de FC e ufólogo de Terra-I que mudou o nome de meus queridos livros para algo sobre operações de cavalos em Tróia ou coisa parecida. Eu imaginaria que escrever sobre veterinária equestre nos tempos de Homero não daria nem para pagar a edição dos livros, mas parece que meu quase sócia se deu bem em seu pequeno e atrasado mundo. Segundo o *New York Review of Paperbooks* de Terra-I, seu último livro é um peso-pesado literário: quase 1,8 Kg!

Ah, sim, devo esclarecer para meus queridos

leitores de outras Terras menos desenvolvidas que a EXTELOPEDIA GOOGLE de TERRA-XDII é a realização prática de uma proposta de Stanislaw Lem: segundo a própria GOOGLE, é o resultado do trabalho de Inteligência Artificial pós-humana pretensamente infalível, feita por dezoito mil COMFUTADORES (computadores futuroológicos). As definições da EXTELOPEDIA, baseadas em 8×10^{23} cálculos semântico-numéricos por segundo, são realizadas pela filial da GOOGLE em Selenne, usando-se BAPESCULOS – Baterias de Anti-água Pesada com Escudos Super-condutores para Comfutadores Universais Luminais Ortopreditores Supersimétricos. E, sim, eu desempenhei um papel fundamental na teoria e no desenvolvimento da EXTELOPEDIA e minhas ações da GOOGLE vão bem, obrigado.

Eu sempre pensei que, mesmo com um número infinito de Universos, as pequenas flutuações do acaso quântico, amplificadas pelo caos determinista, produziriam trilhas temporais tão divergentes que as tais cópias variantes ou clones seriam mais mito do que realidade. Afinal, basta um único elétron desaparecer do Universo para que o tempo meteorológico mude de céu limpo para tempestade em um prazo de três semanas, como bem calculou David Ruelle. Ou, de forma mais proximal, basta que outro espermatozoide, entre milhões, chegasse à frente na corrida para o óvulo de minha mãe para que, bom... B. B. Jenitez, bye, bye!

Mas o Multiverso realmente é muito grande, embora não infinito como pensavam os cosmólogos no início do século. O problema é detectar os universos suficientemente parecidos com o nosso a ponto de se ter uma Terra e uma humanidade quase idênticas à nossa. Se você faz um pequeno cálculo (quem primeiro fez tal cálculo foi meu querido amigo, o Major), você acaba concluindo que, com sorte (ou azar?) você terá apenas meia centena de variantes multiversais em média.

O interessante é que, entre todas as quarenta e duas variantes de B. B. Jenitez, apenas eu sou um físico profissional renomado, além de escritor de sucesso, vivendo em um mundo bem mais avançado tecnologicamente que minhas cópias. Apenas eu

ganhei o prêmio Milner de Física, apenas eu descobri como acessar via computadores quânticos as realidades dos muitos universos de Everett, tecnologia que compartilhei com algumas de minhas cópias. Apenas eu inventei o I CHING – *Inter-universal Communicator with Holography by Inversion of Neutralinos and Gravitinos*. E, apenas eu, descobri o segredo do número 42, primeiro exposto por Eoin Colfer no *Mochileiro das Galáxias*. OK, eu sei que Douglas Adams escreveu o livro nos outros universos, mas Colfer escreveu no meu, e meu universo é tudo o que me interessa no presente momento.

O segredo é muito simples: 42 é simplesmente seis vezes sete. O sete representa a perfeição, o seis representa a perfeição não alcançada, ou seja, o universo construído pelo Demiurgo. Assim, o sentido da vida e do universo é a mistura de perfeição (ajuste fino das leis e constantes universais favorecendo a vida) e da imperfeição (o sofrimento das criaturas vivas, o Problema do Mal). Sim, vivemos no melhor dos mundos, ou melhor, em um máximo local de fitness no *landscape* do Multiverso. O Demiurgo, infelizmente, não pode resolver o Problema do Mal na criação de nosso universo, pois existem muitos vínculos, o problema é NP-Completo. O Demiurgo é muito poderoso, mas não pode fazer o que é física e computacionalmente impossível.

Além disso, 42 é $2 \times 3 \times 7$, onde dois representa a dualidade básica (os dois lados da Força), três representa a Trindade (tanto a Cristã como a Budista) e sete é o período, em Eons, após o qual o Demiurgo descansou (ou seja, perdeu contato com este Universo). Dado que 2, 3 e 7 é a sequência dos primos imperfeita, ou seja, sem o 5, ela enfatiza a inevitável imperfeição deste universo. Caso a sequência incluísse o cinco, teríamos que o significado do universo e da vida seria dado por 210 e não 42. Ou seja, $210 = 2 \times 3 \times 5 \times 7 = 3 \times 7 \times 10$, os três números perfeitamente divinos.

Esta onipresença de números primos mostra que a Revelação de Eoin Coifer (ou Douglas Adams) aponta para a presença do Demiurgo devido à conjectura forte de Goldbach de que todo número inteiro par maior que dois pode ser escrito como a soma de dois primos. A EXTELOPÉDIA infor-

ma que em nenhuma das Terras onde existe uma variante de B. B. Jenitez a conjectura de Goldbach foi provada. Isso com exceção de Terra-XDII, onde uma prova rigorosa foi encontrada (por mim) de que não se pode demonstrar nem a verdade nem a falsidade dessa conjectura. Ou seja, você só pode aceitá-la pela fé, como diria Chaitin...

Mas esta não é a revelação final. Descobri algo ainda mais espantoso: a natureza, a identidade, do Demiurgo, de nosso criador, residente no universo-mãe que gerou nosso universo-bebê em laboratório. Dado que este é o último livro que minhas variantes escrevem na série *Projeto Mulah de Tróia*, cabe a mim revelar ao mundo essa importante informação. Sei que ninguém acreditará em mim, mesmo com toda a minha reputação. Na verdade, provavelmente perderei essa reputação após este livro ser publicado. Mas não faz mal, a humanidade precisa saber a verdade, custe o que custar.

Falando em custo, em perda, a única coisa que sinto inveja de uma de minhas variantes, em Terra-XXVIII se não me engano, é nunca ter encontrado a tal Cristina. Sim, sem dúvida ela me pareceu uma pessoa extraordinária, uma companheira que sinto falta, uma mulher amorosa e quente neste frio universo cinzento. Mas não faz mal, dado que o meu mundo é muito semelhante a Terra-XXVIII, me parece que cedo ou tarde irei achá-la. Afinal, meu Simulavatar na Matrix já se cadastrou em todos os sites de relacionamento da Terra, Luna, Selene, Marte, Europa e Encelado, de modo que é só procurar e esperar. Minha EXTELOPÉDIA me diz que tenho 42% de chance de encontrar Cristina até o ano que vem. Bom, pelo menos neste universo não encontrei a tal Angélica, com a qual meu pobre clone de Terra-XIII teve o azar de se enroscar.

Assim é a vida. Acaso, necessidade, o pobre Demiurgo tentando fazer o melhor que pode, e mesmo assim criando apenas sofrimento e morte. Bom, também não é assim tão ruim. Existe o riso de seus filhos quando crianças ou o cachorro que te adora. O amor de uma mulher que você não esperava mais encontrar em uma idade madura. O nascer de nossas duas luas, Luna e Selene, por sobre o mar, num entardecer de verão em Porto de

Galinhas. Uma caminhada na praia de mãos dadas, os pés descalços chapinhando na beira do mar. Um casamento espiritual em meio a fótons azuis e alaranjados. Tudo isso dentro de um ano, espero.

Queridos leitores, me despeço aqui. Vocês me acompanharam por esta longa jornada, pelo Multiverso de quarenta e dois *neurobooks*. Agradeço sua atenção e seu dinheiro, que me tornaram um homem rico e famoso. Isso me permitiu investir minha imensa riqueza em um novo projeto, cuja viabilidade constatei examinando nosso Universo-mãe. Pretendo dedicar o resto de minha vida repetindo o que foi feito pelo Demiurgo: criar um mini-buraco negro em laboratório, o germe de um novo Universo-bebê.

E agora, mesmo que eu perca tudo por causa dessa revelação, devo abrir meu coração com toda a sinceridade e revelar a natureza de nosso Deus, ou melhor, do Demiurgo, que nos criou para amar e sofrer. Não sei bem como dizer isso, nem sei se vão me acreditar. Mas meu computador quântico não mente. Usando o I CHING, consegui acessar nosso Universo-mãe, e pude assistir ao processo de criação em laboratório deste nosso Universo-bebê. O Demiurgo é, na verdade, um físico genial porém humilde e modesto daquele universo, ganhador dos prêmio Nobel, prêmio Milner, prêmio Wolf, medalha Fields, prêmio Dirac, medalha Boltzmann, medalha Hawking e medalha Witten. Seu nome? Ora, quem mais poderia ser?

B. B. Jenitez.



B. B. Jenitez nasceu em São Paulo capital, é físico e professor livre docente da USP. Ganhou o prêmio Nova de FC de 1990 na categoria conto amador (“Projeto Mulah de Tróia”). É autor de cerca de 40 trabalhos científicos em revistas internacionais e artigos de divulgação científica na mídia nacional. É também responsável pelo Portal Anel de Blogs Científicos que agrega cerca de 400 blogs de divulgação científica e pelo blog pessoal “SEMCIÊNCIA”.

Reprodutores

um conto de

**Frodo
Oliveira**

Conto inserido originariamente no livro "Solarium", publicado pela Editora Multifoco (selo Anthology), abril de 2009.

Quando Cristine abriu a porta do apartamento numa manhã cinzenta de julho de 2055 e deparou-se com aquele sorriso que ela conhecia tão bem, foi como se uma lufada de vento tivesse entrado em sua alma e renovado a sua vontade de viver.

Meu Deus, é ele!... — pensou, com o coração disparado, querendo sair pela boca.

No entanto, apenas afastou-se para deixá-lo entrar, e ficou a observar suas costas largas.

— E aí, beleza?... - cumprimentou ele, esparramando-se no imenso sofá negro da saleta.

Por que não consigo me lembrar de você? Por quê?...

— Tudo bem. Bebe alguma coisa?

Ele observou o ambiente ao redor e balançou a cabeça positivamente.

— Legal isso aqui...

Ela encaminhou-se até o armário e retirou de lá dois copos e uma garrafa de Martini. Colocou uma dose generosa para ele, depois uma um pouco menor para si e sentou-se ao seu lado no sofá.

— Então você se chama Ramon.

— E você se chama Cristine... — ele rebateu, enquanto aceitava o copo que lhe era oferecido.

Com certeza não estava enganada. Havia agora cabelos grisalhos nas têmporas, alguns vincos de expressão na testa, mas os olhos conservavam o mesmo brilho curioso de anos atrás, os lábios com aquele eterno sorriso zombeteiro que a fizeram se apaixonar por sua imagem.

— Há quanto tempo você está *nisso*?

Ele tomou um longo gole e respondeu:

— Treze anos.

Ela calculou mentalmente e concluiu que, naquela época, ele deveria ser pouco mais que um garoto recém-iniciado no *Serviço*.

— Me dá licença um minutinho?

Cristine encaminhou-se ao banheiro e, lá chegando, retirou o celular tridimensional de dentro do bolso da calça. Abriu o aparelho e projetou a holografia, enquanto sentava-se no vaso, apenas por ser mais confortável que ficar de pé. A imagem, de uma tonalidade azulada, flutuou à sua frente. Mostrava Ramon mais jovem que agora, remexendo curiosamente na estante de uma sala bem parecida com a sala atual. Ele sorria consigo mesmo ao fixar-se numa fotografia dela. Quantas vezes teria assistido àquela projeção? Perdera as contas... Sabia apenas que um belo dia acordara e lá estava ela. Não fazia ideia de quem havia filmado aquilo. Mas era ele, sem dúvida.



Assim que Cristine deixou a sala, Ramon tratou de abrir seu celular e ficou contemplando extasiado o holograma onde ela dormia tranquila, abraçada ao travesseiro. Foi a muito custo que conseguiu controlar-se ao vê-la abrir a porta, tal qual sempre acontecia nos seus sonhos recorrentes. De repente lá estava ela, linda, cheirosa e ao alcance de suas mãos. Ele então a tomaria nos braços e a deitaria na cama, os dois se amariam como loucos e fugiriam juntos, deixando para trás a solidão, o *Serviço* e toda aquela loucura de repovoar o mundo...



Quando viera de outro estado, na noite anterior, não podia imaginar que seu encontro pudesse ser tão promissor. Esteve a ponto de desmarcar, mas sabia que não podia demonstrar tanto desinteresse ou o *Serviço* desconfiaria de suas intenções de fuga. De uns tempos para cá não sentia mais o mesmo interesse pelas mulheres com as quais procriava. Estava cansado daquela vida de sexo sem compromisso. Ramon havia chegado a uma idade em que todo homem começa a pensar em casar-se, estabelecer-se, ter filhos. Filhos, ele os tinha, e aos montes, mas nunca soubera o paradeiro de nenhum deles. Um

dos dois *Vigilantes* que o acompanhara até ali não tirava os olhos dele e fizera um comentário no mínimo inusitado para um *Vigilante*, enquanto ainda estavam no carro:

— Você não me parece muito animado para quem vai transar com um mulher linda e maravilhosa ainda esta noite — ele dissera.

— É o cansaço da viagem.

Ele sorriu, tentando ser simpático.

— Entendo. Deve ser horrível fazer sexo com uma mulher bonita apenas por obrigação.

Ramon não sabia se ele falava a sério ou se estava somente sendo irônico.

O outro *Vigilante*, que dirigia o carro, era bem mais jovem que o primeiro e resolveu intrometer-se na conversa:

— Horrível? Vocês devem estar loucos. Essa é a vida que eu pedi a Deus e ele, só para contrariar, não me deu.

— Mas isso é quando somos mais jovens e temos muita testosterona para queimar. Depois vem a idade, o desejo de encontrar alguém especial, ter seus próprios filhos... Não é verdade? - o homem o olhava com uma expressão enigmática, como se soubesse em que andava pensando ultimamente.

Ele não respondeu. Aquela conversa poderia ser muito bem uma armadilha e Ramon não estava disposto a entregar seus sentimentos. Mas mal sabia o *Vigilante* que já existia esse alguém especial...



Como justificar essa paixão por alguém a quem nunca vira antes? Não sabia como aquele holograma fora parar em seu celular tridimensional, mas há anos aquela imagem era sua única companhia contra a solidão. Nos bons e maus momentos, era ela que o fazia prosseguir. Sabia que um dia a encontraria, e esse dia chegara. Só não sabia o que fazer agora.

Ouviu a porta do banheiro abrir-se e tratou de guardar o celular. Encaminhou-se para a janela do apartamento e olhou para fora. Avistou o carro dos *Vigilantes* estacionado a cerca de trinta

metros, do outro lado da rua. Faziam o controle e vigilância dos *Reprodutores*, para que não tivessem ideias próprias de liberdade, coisa que, mais cedo ou mais tarde, todos acabavam tendo. Não se pode manter um homem sob controle por anos seguidos, mesmo dando a ele todo conforto de que necessita, sem achar que esse homem um dia não tentará fugir dessa prisão. Há algum tempo pensava nisso. Conseguira ludibriar os *Vigilantes* e fizera contato com um falsificador, que lhe preparou documentos falsos perfeitos. Além disso, comprara uma pequena espaçonave de dois lugares e um terreno no lado escuro da Lua, ideal para nunca ser localizado, já que as comunicações não chegavam àquela parte do satélite natural. Na verdade, era uma imensa e desconhecida região, pois apenas o lado visível da Lua era habitado. O corretor achava que estava enganando mais um trouxa, só que Ramon sabia exatamente o que estava fazendo ao comprar o terreno, a título de investimento, e registrá-lo no nome que constava em seus documentos falsificados.

Cristine voltou à sala. Ele a observou caminhar em sua direção, ágil e felina, com um gingado típico das mulheres daquela parte do Brasil. Será que já estiveram juntos antes? Será que significavam algo um para o outro? O pior de tudo era não conseguir se lembrar.

— *Eles* estão aí? - ela apontou para fora.

— Sim, estão. São como cães de guarda tomando conta do osso. E nós somos o osso.

— Você parece não gostar muito da vida que leva...

Ele saiu da janela e sentou-se novamente.

— No princípio era divertido. Considerava-me privilegiado por ter tudo o que um homem pode ter como *Reprodutor*. Sabe, quando aquele vírus apareceu e dizimou todos os meios de a raça humana se reproduzir naturalmente, foi o caos. Os fetos morriam ainda no segundo ou terceiro mês de gestação. Enquanto a ciência buscava solução, a população humana diminuía drasticamente, a ponto de não nascerem bebês por décadas. Estávamos à beira da extinção quando os cientistas descobriram uma vacina que imunizava homens e mulheres do

ataque do vírus, mas apenas sob certas condições. Somente poucas centenas de pessoas no mundo inteiro poderiam gerar filhos saudáveis e repovoar a Terra.

— Sim, eu sei. Os *Reprodutores*. Ou seja, nós... — ela interrompeu.

— Escravos sexuais, isso sim. Não somos donos das nossas vidas. Em nome de um pretenso repovoamento, temos de nos privar da nossa individualidade. Somos vigiados dia e noite, temos um microimplante que permite nos localizarem a qualquer momento. Não podemos escolher nossos parceiros, namorar e casar, como qualquer pessoa comum. Temos de nos submeter ao Estado, nosso dono de fato e de direito... — ele levantou-se e caminhou inquieto pela sala. — Não há como negar que, no início, era o máximo: um bom salário, casa, carro, lindas mulheres todas as noites... — ele a fitou de alto a baixo, o que a deixou rubra de vergonha — Mas isso também cansa. Já não sou mais nenhuma criança, tenho 33 anos de idade e treze de serviço. Não sei mais quanto tempo aguentarei.

Ela acendeu um cigarro e deu uma longa baforada antes de falar. O fumo era substância proibida para os *Reprodutores*, mas não havia entre eles quem não mantivesse o vício, talvez como única forma de vingança contra o Estado, a rebeldia que lhes era permitida sem que houvesse pena de morte. Pelo menos não a curto prazo.

— Sim, eu sei de tudo isso que você está dizendo. Todos nós sabemos. Mas não há alternativa. Você sabe que quem é pego tentando fugir, morre. Temos de nos contentar em cumprir com nosso dever pelos trinta anos estipulados e depois nos aposentarmos.

Ele sorriu amargamente.

— Trinta anos? Você acha que serviremos para alguma coisa depois de trinta anos fazendo esse trabalho? Não seja tola. Nos prostituímos, essa é que é a realidade. Oficialmente, em nome do Estado, mas é apenas prostituição.

— Orgulho-me de todos os filhos que ajudei a gerar. Mesmo que os carregue em meu ventre por apenas duas semanas, antes de serem incubados na

Câmara de Suporte, ainda assim são meus filhos.

— Sabe o nome de algum, pelo menos? Onde estão? Não sente vontade de vê-los crescer, de ouvi-los chamá-la de mãe?...

Ela levantou-se inquieta, com uma estranha sensação de *déjà-vu*.

— Pare! Não faça isso. Os *Vigilantes* estão lá fora, não há como fugir. Para que alimentar esperanças que nunca se concretizarão?... Viemos aqui para fazer nosso trabalho, e o faremos. Depois disso, cada um segue o seu caminho.

— Sabe o que mais me incomoda? Nunca lembrar os rostos. Eu me esforço, mas não consigo me lembrar de nada. Sei que estive com alguém, mas não sei...

Parou ao perceber que ela estava chorando.

— Por que você está chorando?...

— Eu não sei... É tudo tão... Estranho! Acho que já estivemos juntos antes.

Pronto, ela conseguira falar.

Ele aproximou-se rapidamente e sem dar-lhe tempo para pensar abraçou-a, beijando-lhe a boca desesperadamente, como se fosse a última chance que teria de ser feliz. E como em seus sonhos, tomou-a nos braços e amou-a ali mesmo, no sofá, pois o desejo era tanto que não havia tempo para chegarem ao quarto.



Agora era ele quem fumava. Do seu lado, ela o observava expelir a fumaça em espiral, enquanto acariciava com a ponta dos dedos seu peito nu.

— Tive um amigo — ele disse — que me contou uma coisa: eles fazem algo para que não nos lembremos das pessoas com as quais estivemos.

— Bobagem. Não seria possível. Nós lembramos o que fizemos, apenas não lembramos com quem.

— Mas faz sentido. Ouça, eles não arriscariam. Pessoas se apaixonam. O único modo de não acontecer seria não lembrarmos uns dos outros. Dessa forma, poderíamos nos encontrar várias vezes sem

que ninguém se apaixonasse nem desejasse fugir.

Cristine remexeu-se inquieta no sofá. E se ele estivesse certo? Isso explicaria o holograma. Ela mesma poderia ter filmado, depois perdido a memória daqueles momentos que passara com Ramon, mas os *Vigilantes* esqueceram de verificar o celular.

— Quero te mostrar algo — ela disse, levantando-se para pegar o celular no bolso da calça.

Ramon ficou excitado ao vê-la atravessar a sala completamente nua e pensou em como tivera sorte de encontrá-la novamente. A essa altura, tinha certeza de que já estivera com Cristine antes.

— Veja isto...

Ele ficou espantado ao se ver mais jovem, a vasculhar uma estante e deter-se com uma fotografia nas mãos.

— Mas... como você...

— Não sei, Ramon. Apenas acordei um dia e isso estava na memória do meu celular. Mas é você, com certeza.

Ele deu uma gargalhada e pegou o celular, que estava jogado num canto da sala, junto com suas roupas. Quando ela se viu dormindo agarrada ao travesseiro também ficou espantada:

— Meu Deus, então é verdade! Já nos conhecemos antes... Mas eu não entendo: fomos nós que fizemos as imagens e as escondemos?

— Provavelmente. Mas tivemos nossas lembranças relativas à noite em que ficamos juntos apagadas, por isso não lembrávamos um do outro. Isso me faz pensar que talvez tenhamos um filho por aí, em algum lugar do mundo.

Cristine olhou-o no fundo dos olhos e disse, determinada:

— Ramon, eu quero fugir com você.

Ele a tomou pela nuca e puxou-a para si, beijando sua boca e selando o pacto de fuga.



A manhã já ia pela metade quando os dois homens muito bem vestidos entraram no aparta-

mento, de armas elétricas em punho. Vasculharam a saleta e o quarto sem encontrar vestígios do casal de *Reprodutores*.

— Bolas, eles fugiram! — disse o mais novo, guardando sua arma.

— Então eles conseguiram lembrar-se...

— Lembrar-se? Do que você está falando?...

O mais velho não respondeu. Guardou sua arma e continuou a procurar. Sorriu ao perceber a corda improvisada com lençóis que descia pela janela do quarto até quase o nível do chão, do lado oposto ao da rua. Parecia que, mesmo tanto tempo tendo se passado, o amor finalmente dera uma chance de liberdade aos dois.

Lembrou-se da brincadeira que fizera alguns anos atrás com o mesmo casal, antes do processo de *Eliminação de Memória Recente*, deixando propositalmente imagens de um no celular do outro. Eles não faziam a menor ideia, mas nos últimos doze anos aquela já era a sexta vez que se encontravam para procriação. Cada encontro era como se fosse o primeiro, depois que tinham o registro de rostos da sua memória recente apagado. O que será que acontecera de diferente desta vez, que fez com que eles lembrassem? Era algo que talvez nunca descobrissem.

Abriu a porta do banheiro, o último cômodo que faltava revistar, e não pôde deixar de sorrir com o que viu: em cima da pia, dois microchips ainda sujos de sangue; no espelho, um grande coração desenhado com batom vermelho.



Frodo Oliveira é contista, poeta, revisor, organizador, editor. Formado em Letras, apaixonado por livros, cinema, música e cultura em geral. Fã de Ficção Científica, Mistério, Terror, Fantasia e todos os gêneros da literatura. Organizador de uma dezena de antologias e com três livros publicados:

Extrema Perfeição (contos), *A Torre Negra* (contos) e *Poesias, amores e ironias* (poemas).

Contato: frodooliveira@gmail.com

Finalidades e Destinos de Acervos Ocultos

Livro de Registros 1A -- 12/03/2212 - manhã.

... **P**aulatinamente este registro está se transformando em um diário pessoal. Nunca pude confiar nos aprendizes e bolsistas para esta tarefa, a do registro confiável não só de dados numéricos como das pistas, dicas, intuições e palpites inspirados que levam aos mais frutíferos caminhos teóricos. Não sei nem se hoje poderia dizer que a comunidade acadêmica encararia esta forma questionável de registro da informação como um veículo válido de evidência científica. Escrevo basicamente para mim mesmo, portanto. Pelo menos até que disponha de algo mais concreto e substancial para montar mais um formulário de solicitação de recursos.

As escavações, depois das idas e vindas políticas de praxe, atingiram velocidade de cruzeiro há um mês e meio e já estão suficientemente adiantadas para me permitir colocar no relatório do órgão de fomento algum sinal de progresso. O topo do zigurate e vários de seus escalonamentos já despontam do limo viscoso da embocadura do Eufrates, dentro do alto cercado murado que mantém tanto as águas do Golfo Pérsico do lado de fora como nos permitiu checar mais exatamente o perfil de sedimentos indicativos do lugar certo. A foto está incluída no anexo.

Convencer certas instituições com o mínimo de evidências e teorias parcamente embasadas é uma arte. Mas lidar com a duplicidade das potenciais descobertas para o desempenho econômico sempre foi um dilema para os nefelibatas como eu. Estou bem em meio à confirmação do ponto de partida da primeira expedição de colonização dos sumérios, mas o que busco é de fato outra coisa.

um conto de

**Ricardo
França**

Mais especificamente um artefato, descrito nas tábuas cuneiformes recém-descobertas no Ararat como sendo de especial importância para certo período de sua civilização. Esta informação não está disponível nos periódicos com controle inter-pares de nossa especialidade, e poucos entre nós têm a menor ideia da sua existência. Consequentemente, não existe agora nem existirá menção alguma a isto em nenhum dos relatórios formais. Pelo menos até que eu consiga alinhar toda a teoria, com suas selvagens implicações.

À tarde devemos ter parcialmente desimpedida a entrada principal, agora que sabemos o que e aonde procurar. Vou designar o Khalil, a Claretta e o Novotnik para me acompanharem numa investigação interna assim que conseguirmos usar a minha “chave mestra” e abrir pelo menos o acesso à antecâmara interna. São os únicos que posso confiar que seguirão cegamente minhas injunções sem cometer nenhuma besteira. Seria horrível ter tanta energia e recursos desperdiçados, e todo um período de trabalho estragado por pessoas sem cuidado ou com o espírito mais fraco. Ter tantas toneladas de água e o nível do mar tantos metros acima de nossas cabeças, com esta desagradável combinação local de umidade e calor, está começando gradualmente a dar nos nervos de toda equipe.

Livro de Registros 1A -- 15/03/2212 - tarde.

Carregando nossas pequenas fontes móveis de energia, levei o nosso pequeno grupo a registrar todos os detalhes dos objetos inclusos na antecâmara e no corredor descendente e, enquanto isso, pude livremente entrar sozinho primeiro no cômodo ao fim do corredor. Lá constatei um brilho difuso sobre o baixo pedestal no centro geométrico da pequena sala sextavada e de paredes cobertas da estranha escrita cuneiforme ainda não decifrada. Ao remover o dourado brocado que o cobria se mostrou em uma depressão o achatado cristal circular que previa encontrar. Contra todas as regras de inspeção o retirei e o rodava reverente entre as duas mãos. O cordão de ouro trançado e afixado no engaste em uma das suas seis bordas tinha um

toque tão suave...

Livro de Registros 1A -- 22/03/2212 - tarde.

O cristal do tamanho de um punho fechado agora pende iridescente e em tons de furta-cor, roubados do sol de fins de tarde, qual um olho cíclópico isolado, na parede cinza suja e sem quaisquer outros adereços do bangalô. Um inequívoco e pulsante sentimento de adequação percorria o meu peito todas as vezes em que fazia passar seu cordão pelo meu pescoço. As escavações terminaram três dias após o estranho acidente que vitimara meus três acompanhantes. Uma descarga extemporânea de eletricidade estática incendiou o alcatrão nas fímbrias de uma tampa que todos tentavam deslocar, nos fundos da parede oposta ao corredor que eu percorrera. Um estranho e ancestral sistema anti-incêndio cobriu todos de um estranho pó que os envenenou em poucas horas. Lamento dizer que estava tão enlevado e embevecido na contemplação da minha meta tão próxima, algumas dezenas de metros distante de meus companheiros, e fechado na câmara principal sob uma abóbada vítrea coberta de imagens instigantes de humanos em atos incomuns, que não dei por conta do ocorrido até minha volta à antecâmara, meia hora depois. Por algum motivo desconhecido, o contato posterior com seus corpos desmaiados e empoeirados não me fez absolutamente nada. Não podia correr o risco de mais ninguém ser exposto à contaminação e eu mesmo carreguei os três para fora e só lá chamei os paramédicos da equipe. Agora terminara de embalar seus corpos mumificados em pó.

A decisão de fechar definitivamente o sítio teria que esperar ao menos o fechamento do relatório final. Como inundar todo o recém-ressecado espaço representaria a perda automática de anos de pesquisa futura, tive que tentar convencer a todos quanto ao potencial de muitas outras descobertas a se extraírem das inscrições na estranha escrita cuneiforme ainda não decifrada. Deixar o trabalho de decifração aos especialistas me deixaria, portanto, um pouco mais de tempo para investigar o estranho artefato. Saí sem mostrá-lo a mais ninguém.

A quem eu estou tentando enganar? Aos improváveis leitores deste registro ou a mim mesmo? Tudo que estou registrando agora dificilmente encontrará outros olhos. E devo mesmo assim começar a registrar certos efeitos fisiológicos pra lá de anômalos...

Livro de Registros 1A -- 27/03/2212 - manhã.

Dando continuidade a esta série de relatos (pois não posso mais considerar este livro como pertencendo à classe dos textos eminentemente científicos).

Numa noite de lua cheia, percebi que um dos engastes na borda do cristal brilhava de forma mais intensa. Neste momento se deu o primeiro de uma série de atos de sabotagem. Um incêndio na tenda do gerador de energia ameaçava a integridade do sistema de bombeamento e de todo o sítio. Saí correndo do bangalô, ainda envergando o cristal pendurado no pescoço, mas escondido sob minha velha jaqueta preta. Quando vi uma labareda desgarrada se estender ao tanque de combustível, instintivamente estendi as minhas mãos em pânico e qual não foi a minha surpresa ao ver o que parecia ser um lençol translúcido de umidade se estender pelos meus braços, enquanto simultaneamente um brilho meio alaranjado deixava-se entrever pelo fecho da jaqueta preta. O fogo não conseguia passar pela cortina imaterial com força suficiente para incendiar os tonéis e logo após consegui abafá-lo na sua origem, com uma extensão da mesma. Felizmente, todos pensaram que era alguma onda extemporânea e estranha que conseguira ultrapassar as bordas superiores do alambrado bem de sobre as instalações de energia.

O segundo ato de sabotagem foi na estrutura da elevatória que dava acesso à plataforma de desembarque dos helicópteros. Desta vez, alguns dos tirantes de suporte que sustentavam parte do peso foram sub-repticiamente cortados e toda a torre colapsou justo quando eu passava por ela em direção ao bangalô de “comunicação&dados”, com o fim de ligar o link para o relatório noturno. Um agra-

dável brilho verde esmeraldino saído do peito me envolveu justo quando toneladas de aço e duralumínio desabavam sobre mim. Meus companheiros acordaram de imediato e me retiraram de sob os escombros, maravilhados com a absoluta ausência de contusões. Muitos começaram a espalhar e dizer que eu tinha o “corpo fechado” por ter sido o primeiro a entrar no zigurate. Ninguém viu (ou assumiu ter visto) o brilho...

Livro de Registros 1A -- 05/04/2212 - noite.

Da minha família praticamente só sobrou eu. Minha companheira conheci há cinco anos, quando pesquisávamos juntos as ruínas harappianas em busca de maiores pistas sobre correlações entre as imagens dos proto-devas indianos e as presumidas divindades sumérias. A região de Goa e seu onipresente ecumenismo nos inspiravam a estes tópicos de arqueologia comparada com seus múltiplos templos e fomos para lá com mancheias de pistas, registros fotográficos e peças de terracota. A lenda de que aquela região já fora um entreposto sumério tinha fundamentos. Achamos traços associáveis a *Shamash* em um ícone do *Surya* de múltiplos membros. Nada de mais, já que ambos representavam o orbe solar e a ordem cósmica, e com isso o artigo a quatro mãos já estava praticamente pronto antes de chegarmos. Mas algumas confirmações com os locais foram fundamentais.

Estávamos começando a cruzar o Índico na viagem de volta no iate rápido da família dela, transportando meu irmão mais novo de carona para casa após sua viagem de encontro espiritual, quando grossas faixas de nuvens negras se acumularam do nada e uma súbita e violenta tempestade repleta de relâmpagos se abateu sobre nós. Um raio dos grandes fendeu o barco em dois antes que pudessemos preparar os necessários salva-vidas e botes. Toda a tripulação junto com minha mulher e família se foi com as ondas. Estas me empurraram de volta ao promontório, onde pescadores recolheram a placa de madeira que já fora a porta do meu camarote do iate, que se tornara literalmente a tábua de salvação onde me agarrava. Foram semanas

de tratamento físico e psicológico, cuja culminação se deu num dia em que apareceu na porta de meu quarto um *sadhu* indiano, vestido com nada mais que um pano enrolado em volta dos quadris e uma marca de vermelhão brilhante na testa. Enquanto circulava em visitas de consolo aos moribundos, a figura de olhos ígneos decidiu entrar no meu quarto só para me fitar prolongadamente e no fim me informar que via um futuro singular para mim, finalizando com a frase feita de que alguns dos grandes pesos são colocados só sobre os ombros dos solitários. O que mais me chamou a atenção é que meu estranho e persistente ataque de síndrome de pânico agorafóbico sumira pouco tempo depois. Só então pude sair para o mezanino aberto, usado para o café da manhã dos internos, com o fim de contemplar longamente as ondas furiosas que lambiam a praia abaixo.

Passado algum tempo deste encontro singular, uma sensação de *dèja-vu* me assalta agora enquanto liberam as comportas do amplo alambrado circular e as massas líquidas engolfam o espaço de escavação abaixo do nível do mar, em que meses de trabalho geraram proporcionalmente poucos frutos. Tudo de valioso já tinha sido recolhido pelo nosso grupo de apoio e fomento, assim como a entrada do zigurate fora final e hermeticamente vedada. Agora finalmente todo o sítio já foi devolvido à sua tumba subaquática. O último helicóptero, no qual embarquei, teve de compensar as fortes correntes de ar, mas e os turbilhões interiores? Como se compensam?

Livro de Registros 1A -- 15/04/2212 - manhã ensolarada.

Sempre que escrevo neste livro, só sinto as palavras e as ideias fluírem mais facilmente quando em sincronia com o surgimento de um brilho amarelado no cristal, o qual agora é meu companheiro constante, sempre bem junto ao meu peito. Em um dos momentos como este me surgiu a chave de interpretação do estranho dialeto cuneiforme que adornava as paredes do zigurate. Após chegar à universidade, levando meus registros desorde-

nados e tentando transformá-los em um ciclo de seminários, me apresentei ao reitor com meu relatório já expurgado de pessoalidades como as constantes nestes registros e, ato contínuo, tentei reatar a ligação com antigos colegas e departamentos.

Uma de minhas belas colegas de turma, agora promovida a chefe de setor na minha área de pesquisas, passara por um complicado período de separação e, após algumas conversas e confidências regadas a vinho e/ou cerveja (não necessariamente nesta ordem), decidimos continuar os assuntos nos aposentos dela. Ao acordar mais cedo que eu com o brilho da ensolarada manhã do dia seguinte, Júlia foi atraída pela refração dos raios do sol incidindo diretamente da janela sobre a mesinha de cabeceira, o que fazia surgir incomuns brilhos dourados espiralantes no centro da joia lá postada. Mal percebi sua delicada mão se aproximar cautelosa e se retrair de chofre, mas foi o grito abafado que me fez levantar do travesseiro mais rapidamente. Sua expressão era de incredulidade e medo, verbalizada mais ou menos como “Esta ... coisa ... me deu um choque!” Ela então recuou rapidamente para o banheiro, balbuciando uma desculpa de que perderia a palestra matutina que combinara assistir e pouco depois saiu vestida com celeridade porta afora. Tive que pessoalmente interceptar em seguida seu trajeto habitual junto às salas dos postulantes a financiamento, já que ela não atendia meus chamados e recados e, após uns cafés com chocolate por minha conta, ela acabou me confessando que sentira uma pronunciada revulsão psíquica acompanhando o choque físico, quase como se a joia repelisse pessoalmente toda sua mente e personalidade e não só ao seu toque. Mesmo que ela tenha aparentemente aceito minha suposição de que era só o clima seco do campus que criara uma dose sensível de eletricidade estática, o fato é que ela passou a me evitar. Ela pode ter sentido algo muito mais sério que só um choque elétrico.

Tudo indica então que minhas cautelas não eram infundadas. Terei que manter o objeto de minhas pesquisas longe dos olhos de todos até que consiga mais informações a respeito da função original deste artefato.

Livro de Registros 1A -- 21/04/2212 - tarde

Anteontem, ao chegar da aula após o almoço, onde os alunos lutavam tenazmente para seguir minha convoluta linha histórica sem dar a perceber a modorra que os acometia, percebi que tive que dar uma volta em vez das três habituais na fechadura para abrir a porta do meu chalé. Só alguém como eu, ligado em certos detalhes da minha pesquisa, poderia notar que a disposição de certos objetos e papéis no meu escritório estava levemente diferente, remexida. A gaveta da mesa de cabeceira em especial, por exemplo, fora deixada sem a minúscula fresta que normalmente deixo. Não parecia se tratar de um pessoal em nada inábil, mas dava pra imaginar o que eles estavam procurando pelos poucos sinais deixados. Ninguém tentara me revistar, nem mesmo sutilmente, mas os boatos de que eu embolsara algo de importante das escavações no leito do Golfo Pérsico já deviam circular no campus.

No dia seguinte, ao voltar à noite de um jantar de negociação de fundos com o organizador do centro de pesquisas de Allahabad, sofri uma tentativa de assalto. Minha constituição corpórea em nada denunciava os anos dedicados a mergulhar nas atividades acadêmicas (não tendo nada a ver com as academias de musculação, é claro), mas o fato de ter nocauteado os três meliantes facilmente se deve mais à rubra energia que acompanhava cada soco meu que à minha massa corporal. A dor de costelas partidas foi o efeito mínimo que experimentaram meus agressores com minha reação de defesa. Apossei-me do taser de um deles como bônus adicional de proteção. Os abelhudos que os contrataram pensariam duas vezes antes de tentarem algo parecido. Meu medo é que isto poderia fazer recrudescer as tentativas para ameaças mais sérias aos meus vizinhos e colegas.

Experimentando com o mesmo tipo de expressão de energia nos fundos do meu chalé, pude conseguir realizar proezas semelhantes às dos mestres consumados de kung-fu, quebrando vários tijolos sem danos notáveis às minhas articulações. Constató que à medida que vou utilizando o con-

trole consciente das diferentes manifestações “luminosas”, o resultado vai se refinando e se amplificando, mas só até certo ponto, como se houvesse um esgotar das reservas (o que me parece até algo lógico). Algumas horas de exposição ao sol de meio dia ou ao luar noturno (o que eliminaria a hipótese de que seja um mero acumulador de energia solar) pareciam reconstituir o nível de energia necessário para o uso mais específico de uma das seis formas de manifestação aparentes. A origem de sua força de projeção, quer seja algo a ver com força eletromagnética, forças místicas, projeção de nano-máquinas, ainda me era desconhecida, e alguma explicação provinda de outra teoria qualquer que seja apenas embasada no conhecimento atual não me parece que vá ter sustentação alguma. O que quer que os sumérios implementaram (ou descobriram) com essa joia ficou sepultado com a decadência de sua civilização.

Daqui a pouco vou começar a especular até sobre as lendas de Atlântida.

Livro de Registros 1A -- 26/04/2212 - tarde

Já faz algumas horas que tenho à minha frente, sobre a velha mesa de trabalho com vários papéis antigos, objetos e dispositivos de leitura/codificação/escrita, um simples bilhete escrito em mera linguagem cursiva e simples português. A mensagem é inequívoca.

Resumindo: no texto sou avisado de que forças que querem permanecer ocultas estão dispostas a dar guarida em caso de ameaças à minha vida e de todos aqueles que topem com situações tão insólitas quanto a minha, e que estas serão certas do instante em que os meus caçadores se aperceberem da extensão do poder que carrego comigo. Em quem confiar? Nos incompetentes que estão tentando sondar meus pertences ou em totais desconhecidos que aparentemente se sensibilizaram com meu estado de paranoia (não revelado a mais ninguém fora do improvável leitor destas linhas)? Se é que não é só um truque e se trata do mesmo pessoal. De qualquer forma, não posso mais ficar por aqui. Es-

tou agora esperando o taxi que me levará do campus direto para o aeroporto de Viracopos.

No fim do bilhete há uma sequência alfanumérica que qualquer sujeito medianamente culto identificará como representando coordenadas geográficas. O problema é que estas correspondem ao meio do Oceano Atlântico. Levarei este caderno de “registros” comigo, obviamente. Minha alegação para a defecção dos deveres na universidade foi um tratamento de emergência num hospital cubano. Algumas pessoas nem se deram ao trabalho de evitar mostrar satisfação com a notícia...

Livro de Registros 1A -- 30/04/2212 - meio-dia

Tenho saudades de Júlia. O calor do meio-dia de Luanda é parecido com o de qualquer cidade do nordeste brasileiro e ela sempre me falava de como usava liberalmente de água de coco como o melhor repositivo natural de eletrólitos que dispúnhamos. Enquanto bebericava do canudo espetado no belo coco verde, pensava em como este proposital desvio de rota poderá me dar o tempo necessário para pensar numa estratégia de ocultamento mais prolongado. Até que descubram que não estou em Havana já terei sumido na fumaça. Já tive que pedir asilo em outro país devido ao sucedido ontem mais ou menos à mesma hora. Estava eu me dirigindo apressado para tentar reaver da burocracia do aeroporto a minha bagagem de mão quando esbarrei num pobre homem que corria no sentido oposto e que, por olhar para trás, não me vira sair do canto da esquina. Era justo meu ajudante junto aos trâmites da universidade local, e que já fora um dos meus primeiros orientandos em Campinas. Eu confiava plenamente nele e na sua integridade. Ao que parece, um bando testemunhara que ele teria agredido uma senhora a ponto dela ter ficado caída e desmaiada na calçada. Nonsense! Ele era uma das pessoas mais mansas que já conhecera.

Uma turba já se dirigia com os mais variados apetrechos de agressão para linchar o acusado, que já era na verdade meu último amigo. Como eu estava com ele e, portanto, seria arrastado pela turba

também, imediatamente retesei os meus músculos, preparado para o pior, quando percebi um brilho violáceo na joia, que ainda mantinha escondida sob a jaqueta. Imediatamente senti minha consciência se expandir, misturando minha propriocepção com todo o ambiente em uma distância respeitável à nossa volta. Como os membros mais irados da turba, mesmo intrigados, continuavam avançando, a diáfana luz se estendeu para além do meu corpo envolvendo a mim e meu amigo, mas não ficou só nisso. Os mais raivosos devem ter pensado que se tratava de refração produzida pelo calor e já teriam nos alcançado se o manto lilás não produzisse um súbito impulso que nos arremessou em direção praticamente vertical e em velocidade alucinante para os céus.

A gritaria do populacho rapidamente se desvaneceu à medida que eu e meu amigo fomos nos distanciando e, em trajetória parabólica, pousamos suavemente no telhado da casa de onde partira, carregados pela purpúrea capa de luz. Meu inconsciente (ou a joia, através dele) deve ter pinçado o ponto próximo de maior segurança para o nosso destino. Os olhos de meu amigo de esbugalhados passaram a virados para cima, e por fim cerrados, quando se deu conta de que o que ocorrera fora demais para sua consciência. Ou seja, ele desmaiou ali mesmo. Poucos minutos mais tarde, quando plenamente desperto, ele me contara que agora entendia porque já havia um zumzumzum sobre não me deixar andar livremente. A “velha” que ele agredira era apenas um agente disfarçado e que tentara chantagear meu amigo e obrigá-lo a fazer o papel de Judas. O mesmo agente já tinha conseguido influenciar certas pessoas-chave, que ainda esperavam me capturar vivo. Acho que agora eles não vão se dar mais a este luxo..

Livro de Registros 1A -- 05/05/2212 - qualquer hora

Estamos agora num barco pequeno que meu amigo costumava alugar para pescarias ocasionais. Antes que a guarda costeira fosse atrás de nós conseguimos atingir mar aberto. Os resquícios da

rede global de satélites, desmantelada nos fins do século XXI, já não dispunham mais do acesso livre e a coordenação necessária para serem usados por pequenos grupos não governamentais. E a burocracia que os estados tinham de cumprir, a fila que tinham que esperar, nos dera um tempo precioso, e o usamos bem. Por isso, e só por isso, conseguimos escapar. Já estamos praticamente nas vazias coordenadas do bilhete e a única coisa que se dá para ver é um extenso nevoeiro, como se deveria esperar nesta região de mar aberto...

Vemos à frente uma ilha razoavelmente grande, mas sem registros, não cartografada. Vou tentar registrar o que puder, mas de forma mais econômica.

Meu amigo é preso de estranha modorra. Não é o meu caso e nem parece isto ter sido culpa da joia que carregou também. Ancoramos próximo a uma construção sólida, de traços incomuns, não parecia com qualquer construção, ou cidadela, ou mosteiro, historicamente conhecidos...

Livro de Registros 1A -- 08/05/2212 - manhã

Falei com poucas pessoas por aqui desde que cheguei. Mencionaram o bilhete antes que eu mesmo o fizesse. Algumas pessoas portando estranhos trajes, outras com roupas que pareciam confortáveis e outras com roupas já meio surradas ou usadas, tentavam solícitamente explicar tudo o que eu perguntava, menos a forma como tomaram ciência da minha existência. Estou, ao que parece, numa espécie de quarentena até que decidam o que fazer comigo. Não vi mais meu amigo, mas me garantiram que ele estava em segurança, longe de quem nos caçara. Deixaram-me continuar a escrever e me pediram que não fosse a nenhum lugar desacompanhado. Mas não pareço estar preso ou em cativeiro. Eles sabem que não posso voltar. Não agora.

Mesmo assim me pus ao largo no mesmo barco em que viera e no qual escrevo estas últimas linhas. Dei algumas voltas pela grande ilha me maravilhando do fato de ninguém ter cruzado com ela antes. Pelo que me disseram, se deduzia que era

uma espécie de “ilha móvel”. Que tecnologia permitia deslocar uma ilha daquele tamanho sem que ninguém percebesse? De qualquer modo, não vim aqui para tentar fugir. Não há muitas coisas que me prendam agora e meus anfitriões prometeram me ajudar na decifração dos mistérios da joia que ainda carregou comigo. Sim, eles sabem dela e aparentemente aprovam minhas pesquisas, me permitindo ficar com ela em definitivo. No pouco tempo que estou aqui já pude testemunhar algumas outras poucas maravilhas, mas que não sei se devo ou tenho o direito de relatá-las, nem mesmo na forma deste registro privado. Não sei nem se as compreendo direito.

De qualquer jeito, estou comissionando o destino destas linhas, que começaram como um registro pretensamente científico, às brônzeas forças da aleatoriedade. Coloquei todas as folhas escritas em um recipiente hermético e o arrojéi ao mar, calculando um ponto a partir do qual as ondas não o devolvessem para a ilha. Espero que quem quer que as encontre e as leiam ao menos saiba que existem muitas coisas no mundo ainda dignas do nosso maravilhamento e que muitas parcelas do nosso mundo ainda nos são e devem ficar ocultas.

//////////

O local: Um pequeno iate particular tripulado apenas por dois jovens. O momento: Após uma viagem de volta de um cruzeiro a Fernando de Noronha. Perto das costas de Natal.

(rapaz baixo) -- Fábio, que maneira a história que achei aqui dentro desta garrafa, você tem que ler...

(rapaz alto) -- “*Message in a bottle, yeah...*” Não é pegadinha, não?

(rapaz baixo) -- Não mesmo. O estilo é por demais rebuscado para ser de brincadeira. Bom, mas para uma farsa ser bem feita mesmo tem que se ter um certo cuidado, né? No fim do texto tem até umas coordenadas... Vamos descer pro controle e ver onde fica nos mapas?

(rapaz alto) -- Vai você, Carlos. Prefiro ligar o

vídeo com as imagens e documentários que temos que editar.

(rapaz baixo) -- OK. Daqui a pouco eu vou aí conferir teu trabalho.

(rapaz alto, falando baixo e para si mesmo, enquanto prepara o “lanche” do amigo) -- Não, você não vai, não...



Ricardo França é um mero M.Sc. em Engenharia Eletrônica pela UFRJ desde 1992 e Pesquisador-Metrologista do Inmetro desde 1995, já apresentando meio século de existência biológica transcorrido sobre variados interesses. Como ex-fanzineiro de histórias em quadrinhos (integrou o “Covil” - fanzine premiado na 1ª Bienal de HQ do RJ em 1993), e que sempre gostou de desenhar (nos lugares mais improváveis), agora assiste a filha de 16 anos aspirar à profissão de ilustradora. Já foi dono de um curso de idiomas, instrutor de Yoga, orientalista (ainda é) e coralista (não mais), mas também travado em wargames e história das guerras em geral. Como escritor bissexto, num rompante, auto-publicou seu mini-romance fix-up de literatura fantástica - “O Uno e o Múltiplo” - nos idos tempos jurássicos de 1998, em que inexistiam as editoras por demanda. Fã de Johannes Keppler, seu interesse por ciência/tecnologia vem desde os esquemas dos foguetes que levaram ao primeiro pouso na Lua e da época em que se vendiam kits de eletrônica e de experimentos científicos nas bancas de jornais como brinquedos, passando pela série Cosmos de Carl Sagan, pelo interesse em matemática de dimensões superiores e pela leitura ocasional e oxigenante de FC. Tenta agora, entre um escrito e outro, fechar uma tardia tese de D.Sc. na UFRJ, enquanto tenta entender como funcionam as pessoas, os organismos, os sistemas, o universo e tudo o mais.

Asas

um conto de

**Alexandre
Lobão**

Conto originariamente inserido na obra “FC do B: Panorama 2010/2011”, publicada pela Tarja Editorial, 2011

O champanhe estourou com um som seco, quase um tiro. Roberto Braga, o chefe da Unidade, sorriu sem convicção, encheu a primeira taça e a levantou na direção de todos.

— À nossa aposentadoria!

Os investigadores levantaram suas taças ao mesmo tempo, lentamente, como em uma coreografia melancólica.

A comemoração, se é que poderíamos chamá-la assim, continuou com um burburinho de vozes, quase todas soando desagradadas. Aproximei-me do chefe.

— E aí, Braga? Quer dizer que agora não tem mais volta, mesmo?

Ele levantou as sobrancelhas e fez um gesto de desalento com as mãos.

— Quem me dera, Martelli. O DT-Eye foi utilizado em todos os casos no último ano, e provou que é, no mínimo, tão bom quanto nós. E muito mais rápido. A resolução já foi assinada pelo governador; temos um mês para acompanhar os últimos casos, empacotar nossas coisas e fechar o barraco.

— Todo mundo vai ser dispensado?

— Exceto os operadores do sistema, é claro.

Concordei com um aceno de cabeça, levantei o drinque em cumprimento e circulei pela festa com um gosto amargo na boca. Não sabia o que estava fazendo ali, mas tampouco me animei a retornar para casa. Lembranças demais.

Arrastei os passos até o outro lado do salão e joguei-me em minha cadeira, ficando escondido pelas paredes de meia altura do cubículo de trabalho. Era difícil acreditar que, em breve, minha carreira estaria terminada. Vinte e cinco anos de

serviço, e pelo menos outros vinte e cinco anos produtivos pela frente... Era muito cedo para qualquer um se aposentar!

Com o peito ainda pesado puxei a lâmina, que estava debaixo de uma pilha de bugigangas, e pressionei no botão embutido na lateral. O vidro ficou leitoso, apresentando os ícones padrão da SecCorp, e cliquei quase por instinto no ícone do DT-Eye.

Na lista de “casos sem acompanhamento” havia um caso, ocorrido às 18h30 e resolvido pelo sistema às 20h30, quando chegaram os resultados da autópsia, menos de um minuto atrás. Segurei o dedo sobre o caso por alguns momentos, e o menu de contexto apareceu.

“Acompanhar”.

Automaticamente, o DT-Eye mostrou o andamento do caso em formato de uma história de quadrinhos animados. Uma morte em cinco quadros.

18h00 — *Renata Luzes, 29 anos, sai do prédio da Omni NanoCorp, onde trabalhava como nanotecnóloga.* O vídeo mostrava uma garota que não aparentava mais de 18 anos, andando apressada e com um ar perturbado. O endereço da empresa fluava sobre a imagem do prédio.

18h20 — *A vítima entra no centro de vendas Union SkyMall, claramente perturbada.* “Claramente perturbada”. Nunca me acostumaria com as avaliações emocionais feitas pelo DT-Eye. O vídeo mostrava a garota gesticulando e falando sozinha. Cliquei no endereço que aparecia sobre o prédio e selecionei “rota para o quadro anterior”. Dois quadros. A vítima deve ter percorrido o espaço a pé, e pela demora deveria estar relutante.

18h25 — *A vítima chega ao terraço panorâmico do centro de vendas, ainda mais perturbada.* O vídeo mostrava a garota ainda falando, como se discutisse com alguém. Cliquei no ícone de texto e a transcrição do seu monólogo apareceu, um conjunto de argumentos soltos, como se ela estivesse respondendo a uma voz inexistente que, aparentemente, a induzia a fazer algo que não queria.

18h30 — *A vítima salta do terraço panorâmico, atingindo o solo 3,5 segundos depois.* Dois vídeos di-

vidiam o quadro, um mostrando a garota subindo em uma cesta de reciclagem para atingir o topo da parede de vidro, e outro de longe, a queda vista por alguma câmera de rua.

20:30 — *Conclusão do inquérito: Suicídio induzido por comportamento esquizofrênico. Morte por traumatismos múltiplos. Ausência de drogas no sangue e de histórico pessoal ou familiar de esquizofrenia indicam provável EISIV. Caso resolvido.*

E.I.S.I.V. Esquizofrenia Induzida por Superexposição à Imersão Virtual. Era cada vez mais comum ver cérebros viciados em I.V. falharem ao retornar à realidade, mas algo naquele caso parecia não se encaixar. Olhei novamente o último quadro, uma colagem de fotos do corpo na marquise do SkyMall e da autópsia. Um corpo magro, ligeiramente bronzeado, cabelos negros e curtos.

Balancei a cabeça, negativamente. Talvez eu apenas estivesse incomodado pelas grandes asas tatuadas nas suas costas, que evocavam lembranças que eu preferia manter enterradas.

Desliguei a lâmina e a coloquei no local devido, presa à parede do meu cubículo, talvez pela primeira vez desde que assumira aquele espaço. Suspirei. Teria um mês para arrumar aquela bagunça, mas hoje à noite eu precisava de algo mais forte que champanhe.



Saindo discretamente pelos fundos do salão, fugi para o bar em frente à SecCorp. Algumas caras conhecidas, incluindo alguns colegas da Unidade, se voltaram à minha entrada, mas segui para um canto escuro e cliquei no cardápio, pedindo um uísque duplo com gelo.

A aposentadoria da SecCorp seria suficiente para me manter, com alguma folga para eventuais luxos. Não que eu os tivesse. Mas o que me incomodava era o sentimento de inutilidade, a ideia de que metade de minha vida tinha sido aplicada em uma cruzada dispensável, substituível por uma I.A. provavelmente programada por outras I.A.s. Se eu ainda tivesse uma família, quem sabe...

Afoguei esta linha de pensamentos terminan-

do o copo em um só gole. Uma careta, um clique, mais um uísque.

A luz direcionada sobre a mesa iluminou o novo copo e projetou uma sombra alaranjada sobre o tampo claro. Olhei por alguns instantes para a bebida, tentando descobrir o que estava errado. Só então percebi que o uísque estava mais escuro, eu havia esquecido de selecionar o gelo no pedido...

De repente, ficou claro o que não se encaixava naquele caso de suicídio. Pressionei o polegar no canto do menu confirmando o pagamento e saí de volta à SecCorp sem tocar na segunda bebida.



De volta ao cubículo, recarreguei o caso e cliquei no último quadro. O quadro se expandiu e tomou toda a superfície da lâmina, trazendo dados técnicos da autópsia na barra à esquerda e as fotos à direita. Deslizei diversas fotos para o lado até descobrir uma que mostrava a vítima, de costas.

Aproximei a foto, e verifiquei que minhas suspeitas estavam certas: o que me incomodara antes é que a vítima, Renata Luzes, não tinha a cor certa. As asas em suas costas eram claras, mas os braços e a parte da pele em volta do pescoço eram mais escuros, indicando que ela saía de casa com frequência suficiente para se bronzear, o que absolutamente não combinava com o perfil dos viciados em I.V.

Além disso, executando o vídeo a partir do momento da foto, confirmei que a tatuagem não brilhava nem se movia. Definitivamente, uma tatuagem retrô não combinava com um tecnoviciado.

“Evidências circunstanciais, se tivermos a boa vontade de chamar isso de evidências” — eu podia até imaginar o Braga me sacaneando — “deixe esta coisa de lado, para que estragar a festa de sua promissora aposentadoria com um pouco de trabalho?”.

Ri da ironia e comecei a me aprofundar nos detalhes do caso. A autópsia revelava níveis maiores que o comum de bismuto, grapheno e germânio no sangue. Restos de nanos? Bem, isso poderia ser comum se ela tivesse sofrido alguma nanocirurgia recentemente, o que me levou ao seu histórico mé-

dico. Como ele não indicava nenhuma nanocirurgia, solicitei que o scanner da autópsia realizasse uma análise mais específica, procurando por sinais de nanoalterações realizadas recentemente.

O modelo 3D mostrou o corpo em azul, com pontos vermelhos nos dois olhos e ambos os ouvidos. Novamente no histórico médico, não localizei nenhum tipo de deficiência visual ou auditiva.

Seguindo a pista, ainda que tênue, solicitei comparação de imagens do rosto da garota de três meses antes (mais do que isso e os sinais dos nanos já teriam se dispersado) com as atuais. Virei os rostos em 3D de um lado para outro, aproximei as imagens, mas o resultado foi nulo: tanto olhos quanto orelhas não haviam sofrido nenhuma alteração cosmética.

Por que diabos, então, ela teria passado por uma cirurgia? Registrei o comentário e retornei à tela principal.

Comecei a me aprofundar em suas atividades. Nanoengenhreira, ela trabalhava na divisão de pesquisas da Omni NanoCorp. Teria ela sido cobaia de algum tipo de testes? Isso não fazia sentido.

Selecionei então os registros de segurança da empresa dos últimos três meses, e procurei todas as ocorrências associadas à vítima.

Mais algumas filtragens e sobraram cerca de vinte operações de acesso negado. Renata havia tentado acessar o conteúdo de outra área da empresa, por diversas vezes e sem sucesso. No registro de sua última tentativa, verifiquei que ela havia vencido as duas barreiras virtuais de isolamento, mas não conseguira listar ou copiar nenhum conteúdo devido ao protocolo de segurança.

Recuperei os *logs* de acesso posteriores, e verifiquei que em nenhum momento ela conseguira acesso total às informações que procurava. Pouco depois das tentativas, seu *login* mudara, indicando que ela fora transferida para outro departamento.

Espionagem industrial? Aos poucos, um motivo para crises de consciência, ou mesmo para um assassinato, começava a se delinear. Mas ainda era muito pouco. Eu precisava saber se o segredo que

Renata tentara acessar valia o suficiente para que desejassem silenciar alguém que chegara perto demais de descobri-lo.

Registrei os dados e meus comentários e segui adiante.

Meu próximo passo foi entrar na rede privada da *Omni* e tentar acessar a área segura.

Acesso negado.

Olhei por cima do cubículo e conferi que alguns colegas continuavam na festa de aposentadoria da Unidade, mas nenhum dava atenção à área dos cubículos de trabalho onde eu estava.

Entrei então com o *login* privilegiado da SecCorp, o que — teoricamente — apenas o chefe da Unidade poderia fazer.

Acesso negado.

Agora eu finalmente tinha uma evidência real de que algo estava errado na *Omni NanoCorp*. Por lei, toda informação deveria estar disponível para os *logins* privilegiados das Corporações de Segurança, e se eles tinham algo a esconder, talvez esse algo fosse grande o suficiente para que desejassem silenciar qualquer curioso.

Não que isso fosse um problema para mim.

Acessei o DT-Eye e solicitei a abertura de um novo processo de investigação, com quebra do sigilo indevido que infringia a lei da livre informação. Com o endereço registrado, o sistema levou alguns milésimos de segundo para verificar que a denúncia procedia, e menos de dez segundos para, usando o poder de computação em rede do Governo, conseguir o acesso às informações.

Com certeza, em algum lugar da *Omni NanoCorp* os alarmes devem ter soado, e técnicos já deveriam estar correndo para descobrir o que provocara o vazamento de informações. Mas era tarde demais: em minha lâmina, listas de projetos de nanos, modelos e relatórios eram rapidamente analisados, agrupados por assuntos e salvos no servidor da SecCorp como evidências.

No centro da nuvem de informações, resultante da análise dos documentos, duas palavras se

destacavam: **nanconstructos sensoativos**.

Um frio percorreu minha espinha, ao lembrar da onda de suicídios coletivos quinze anos antes, provocada por *nanconstructos* que injetavam propagandas diretamente nos nervos óticos e auditivos e que culminou na proibição em todo globo de nanos que alterassem os sentidos.

Logo abaixo, na nuvem de palavras e imagens, saltavam aos olhos as palavras **militar** e **restrito**. Clicando em “militar” para torná-lo centro de uma nova nuvem, apareceram não apenas os nomes de duas agências de inteligência do governo, mas também uma dúzia de outros nomes, alguns de agências similares em outros países, e outros totalmente desconhecidos para mim. Com certeza a sujeira na *Omni NanoCorp* era grande.

Como a invasão aos dados havia sido coordenada pelo DT-Eye, a abertura do processo ocorreu automaticamente, e com uma confirmação liberei a expedição das ordens de restrição de bens e de acesso a informações para todos os envolvidos naquele projeto.

Mas ainda não era isso que eu estava procurando.

Retornei ao caso de Renata Luzes e vinculei o processo de investigação de dados recém aberto como evidência, incluindo meus comentários.

Apesar das evidências levarem a uma única conclusão, faltava ainda uma prova não circunstancial de que o suicídio dela havia sido induzido pela empresa.

Da lâmina, fiz nova solicitação ao *scanner* de autópsia, desta vez para realizar uma pesquisa por nanos remanescentes. Normalmente os nanos se autodestruíam automaticamente após seu uso, e seus restos eram eliminados naturalmente pelo corpo. No entanto, considerando que eram usados milhares, por vezes milhões de nanos em uma única operação, era comum que alguns apresentassem defeito e ficassem simplesmente inativos, presos a algum tecido ou vagando pelo corpo.

Dez minutos depois, o *scanner* havia detectado três nanos inativos nos olhos e sete nos ouvi-

dos, o suficiente para uma engenharia reversa. Mais quinze minutos, e a análise microscópica de sua estrutura revelava a frequência que estavam pré-programados para responder.

“Peguei vocês, seus filhos-da-mãe!”

Registrei os nanos e a frequência como evidências no caso de Renata, e retornei à tela inicial da lâmina, entrando agora no SAT - Sistema de Análise de Transmissões. Indiquei a localização do SkyMall, a hora da morte e a frequência a ser analisada.

O sistema demorou alguns instantes para recuperar os registros das transmissões das bases do SkyMall, e pouco mais que isso para decodificá-las.

Abri novamente o caso de Renata e mandei sobrepôr as mensagens e imagens gravadas ao vídeo do terraço panorâmico, onde ela parecia conversar sozinha. O diálogo se completou perfeitamente, com a imagem de uma senhora, ligeiramente fora de foco e vista de um ângulo diferente do gravado pela câmera, conversando com a pobre garota.

“Você nunca prestou para nada, mesmo!”

“Mas, mãe...”

“Não tem mas, nem meio mas. Você arruinou minha vida, abandonei tudo o que eu queria ser por você, e no fim, o que você faz? Me deixa para morrer abandonada!”

“Mãe, você nunca disse que se sentia solitária!”

“E é preciso dizer? Morri sozinha em casa, sem alguém até mesmo para segurar minha mão!”

“Mãe, pára com isso! Eu não quero morrer!”

“Eu também não queria, querida. Mas agora podemos ficar juntas. Venha comigo, e prometo cuidar de você...”

A raiva pintou de vermelho minha visão, e parei a execução do vídeo. Os animais haviam atormentado a garota até que ela se matasse, usando traumas e lembranças da mãe dela!

Olhei para aquele rosto de menina, congelado em um momento de desespero em um dos quadros do processo. Quanto tempo será que ela sofreu

aquela tortura psicológica, até finalmente quebrar?

Vinte e cinco anos de trabalho, e ainda assim precisei respirar fundo para engolir a revolta com aquele caso.

Fechei o vídeo superposto e salvei-o como mais uma evidência.

Retornei à tela inicial do DT-Eye. Segurei o dedo sobre o caso de Renata, e no menu de contexto que apareceu selecionei “Corrigir conclusão”.

“Tem certeza?”

Sim. Era a primeira correção de um veredicto do sistema, desde seu lançamento, um ano atrás.

No espaço para o “Nova conclusão” preenchi “Homicídio”.

Para o campo de “Provável culpado” arrastei os nomes dos executivos do organograma da Omni NanoCorp, desde o presidente até o chefe do departamento que conduzia a pesquisa com nanos sensoativos.

“Confirma múltiplos culpados?”

Sim.

Adicionei os registros de provas e evidências que havia coletado, e mandei o sistema validar o novo resultado das investigações.

O DT-Eye analisou as evidências, cruzou com as informações do outro processo que eu abrira, e confirmou minhas conclusões.

“Nova conclusão aprovada. Acusação de homicídio adicionada às acusações de infrações informacionais e de produção ilegal de constructos sensoativos.”

Pressionei o botão de “ok” e, para minha surpresa, mais uma tela apareceu, com um vídeo do chefe do departamento de desenvolvimento de sistemas.

“Como forma de melhorar o DT-Eye, gostaríamos de seu depoimento sobre a investigação realizada, respondendo a uma questão: O que o levou a discordar da conclusão do sistema e aprofundar as investigações? Pressione ok para iniciar a gravação”

Melhorar o sistema, depois de ele acabar com

nossa Unidade?

Pressionei “Ok” e mostrei meu melhor sorriso irônico, olhando direto para o centro da lâmina.

“Pode chamar de instinto, ou pode chamar de palpite. Quando vocês conseguirem programar isso em uma I.A., aí poderão nos dispensar com a consciência mais tranquila. Até lá, boa sorte.”

Apertei o botão novamente para finalizar a gravação. Olhei para o relógio em meu cubículo: 22h15.

O DT-Eye demorara duas horas para resolver o caso.

Eu demorei quinze minutos a menos para concluir a investigação que não apenas corrigiu sua conclusão e fez justiça à pobre menina de asas, mas também minou a credibilidade que o sistema levava um ano para construir.

Com um sorriso lembrei que, além disso, ainda tivera tempo para um uísque.

Nada mal para um investigador prestes a se aposentar.



Nascido no Rio de Janeiro, **Alexandre Lobão** é um dos escritores da Casa de Autores (www.CasaDeAutores.org), instituto criado para estimular a leitura no Brasil. Com uma produção eclética, publicou livros para diferentes faixas etárias, além de ter trabalhos publicados e premiados nas áreas de jogos de computador, quadrinhos e cinema. Seus contos foram premiados no concurso “Monteiro Lobato”, em 2004, no concurso “Machado de Assis”, de 2006, e no concurso “FC do B”, de contos de Ficção Científica, nas edições de 2006/2007, 2008/2009 e 2010/2011. Além destas premiações, o autor tem atuado como jurado em diversos concursos literários desde 2009. Seus trabalhos podem ser conferidos em <http://www.alexandrelobao.com>, em seu blog com dicas para escritores, em <http://dicasdoalexandrelobao.blogspot.com>, ou ainda via Facebook (<http://www.Facebook.com/AlexandreLobao.Oficial>) ou Twitter (@AlexandreLobao).

A Esfera



um conto de

**Ademir
Pascale**

Antes do início, tudo era um grande vazio, escuro e sem vida. Mas apenas para o conhecimento humano, pois depois da imensidão desértica do universo, incríveis seres faziam morada num imenso planeta sem cor, possuidores de uma tecnologia tão avançada, que não existiam palavras que a descrevesse. Deuses. Sim, eles eram deuses. O conhecimento sobre o tempo não existia e nem eles próprios sabiam como surgiram. Mas ninguém estava acima deles e nada os ameaçava, nem mesmo a própria morte.

Entre eles, existiam deuses adultos, homens e mulheres. Mas também havia crianças, destacando-se um deus-menino chamado Ramurak.

Ramurak era filho de Hamutá e Ranub, um dos mais respeitados deuses. Alguns diziam que ele, Ranub, tinha sido o primeiro do seu povo. Outros se arriscavam a dizer que ele era o próprio criador de toda a sua poderosa raça. Ele sabia que não era o criador e que esse assunto estava acima da sua compreensão, mas sabia também que o seu único filho Ramurak era diferente dos outros deuses, pois era o único que possuía sentimentos.

Hamutá, a deusa-mãe, não compreendia os sentimentos do filho e quase sempre rejeitava suas curiosas ideias. Ranub, embora não os possuísse, sabia o que eram esses sentimentos: algo muito perigoso para a sua raça de deuses. Mesmo assim, pai e mãe mantiveram segredo sobre a diferença do filho para com os demais.

Isolado das outras crianças que mais se pareciam com adultos, ganhou dos pais, para se distrair, uma pequena esfera, através da qual visualizava todas as cores, algo inexistente em seu planeta. E, com a palma da mão virada para cima, o pequeno deus fazia a esfera flutuar.

Inicialmente, foi uma grande diversão. Mas

depois o brinquedo tornou-se enjoativo. Em uma pequena nave incolor em formato de esfera, numa das viagens com seus pais pelo deserto do universo em busca de mais conhecimento, Ramurak, cansado de não ver nada diferente, distanciou-se e, numa pequena distração de Hamutá e Ranub, num estalar de dedos, criou o que é chamado hoje pelos cientistas de Big Bang, o início do desenvolvimento do universo. Hamutá, percebendo o que o filho fizera, fez sinal de desaprovação. Ranub olhou sério para o filho e depois para a sua criação, enxergando o que aquilo viria a ser: milhares de galáxias com bilhões de planetas habitados. Ele olhou mais uma vez para o filho e, pela primeira vez em sua vida eterna, aprendeu o que era felicidade. A mãe, vendo a cena, acabou compreendendo que o filho acabara de fazer algo grandioso.

A viagem pelo deserto do universo tinha valido a pena, pois ambos aprenderam muito.

Durante o retorno para o seu planeta, os dois, pai e mãe, seguravam, um de cada lado, as mãos do filho. Enquanto conversavam, souberam que um dia ele faria algo ainda maior. A única coisa que eles não perceberam foi que o brinquedo do filho, a pequena esfera flutuante, ficara para trás. E ela vagou e presenciou a formação do universo e sua expansão, enquanto tomava enormes proporções por muito, muito tempo...

Com o passar dos milênios, uma crosta rochosa foi surgindo em torno da esfera, tornando-a um meteoro com mais de oito quilômetros, viajando numa velocidade aproximada de setenta e dois mil quilômetros por hora, passando por incontáveis estrelas e planetas, sentindo a força vital de cada um deles, presenciando o nascer e o morrer, através de destruições naturais e incontáveis guerras.

A esfera, mesmo sendo um ser inanimado, precisava encontrar um destino, um lar que lhe acolhesse e preservasse a existência, apesar de desconhecer qualquer coisa que pudesse destruí-la, pois fora criada por Hamutá e Ranub, pais de Ramurak, o Criador de toda a vida existente no universo. Aquele Ser que chamamos de Deus.

Ela vagou e notou poucos planetas que lhe agradaram. Mas um era especial, devido à sua exu-

berante cor azul. Sim, depois de vagar por bilhões de anos, ela finalmente encontrou o seu destino: o planeta Terra.

O impacto foi devastador, liberando uma energia descomunal, comparada a um milhão de bombas atômicas. O ser, chamado Esfera, não pretendia ter causado tamanho caos, mas acabou gerando a destruição de inúmeras espécies, pois a sua queda causou incêndios, chuvas ácidas e a liberação de gases, poeira e partículas de carboneto, bloqueando a luz solar e gerando uma drástica queda de temperatura na superfície do planeta. Com o passar dos anos, apenas os seres mais resistentes sobreviveram.

A Esfera, fora do seu rochoso casco, vagou solitária pelo nosso planeta e vislumbrou, aos poucos, como ele se reerguia, novamente ganhando vida.

O tempo passou e a Esfera, cansada de vagar a esmo, encontrou morada numa pequena caverna. Ali ela estaria protegida. E mesmo sendo considerada um brinquedo nas mãos de um deus-menino, era a criação de dois poderosos deuses. De certa forma, ela sabia que deveria ficar ali naquela caverna e esperar.

Esperar por alguém que precisasse dela. Esperar por alguém que a possuísse, pois ela nasceu apenas para servir. Esta era a sua função.

E ela esperou solitária nas trevas de uma simples cavidade rochosa.

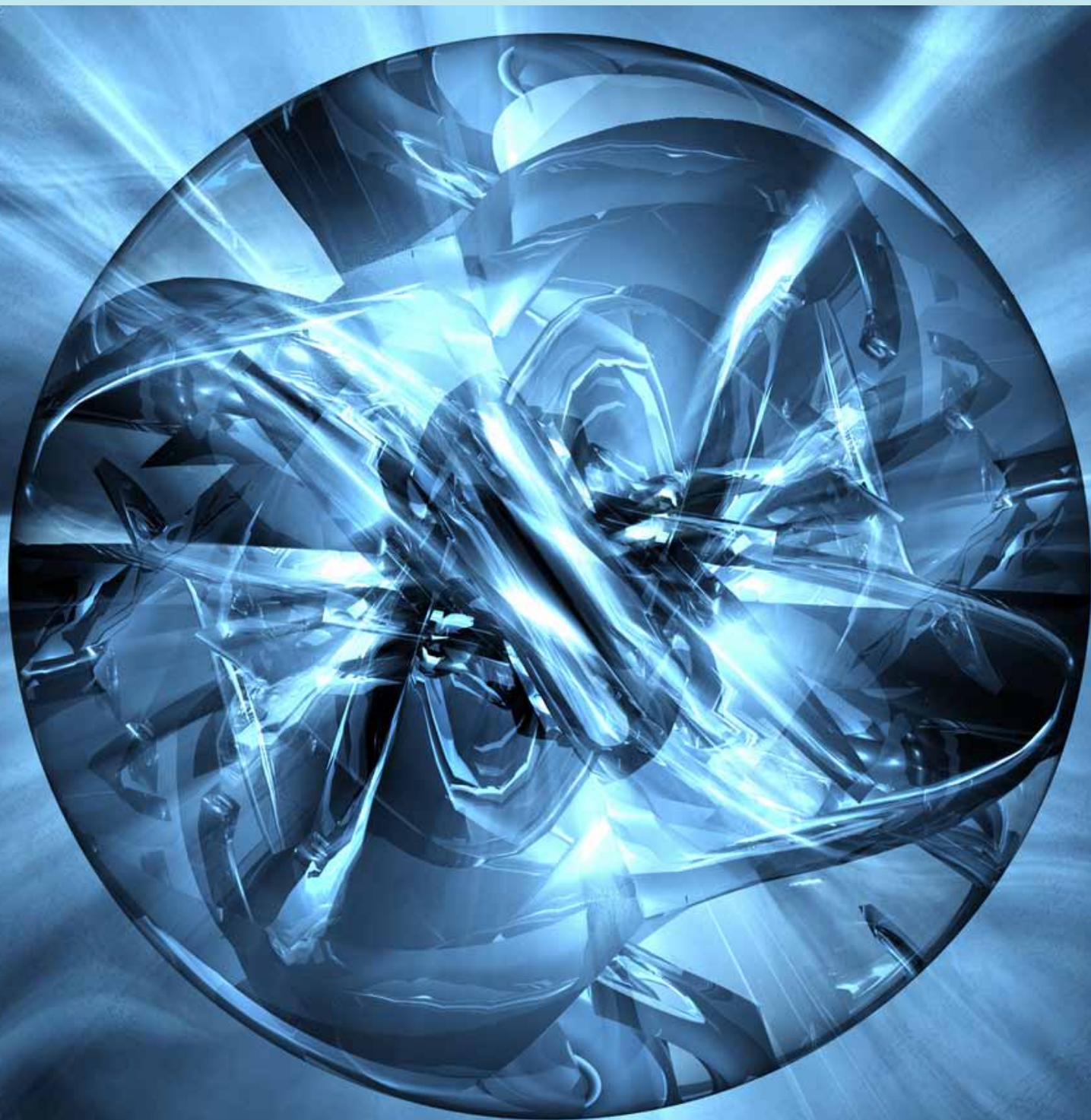
Ela, que vislumbrou o nascimento do universo. Ela, que presenciou nações inteiras sucumbirem pela ganância de seus líderes. Ela, que esteve presente no momento fúnebre da morte de milhares de estrelas. Ela, que agora adormecia esperando apenas que algo ou alguém a encontrasse.

Até o dia em que ela percebeu que não estava só: o som de crianças brincando no lado exterior da caverna a despertou do transe. Finalmente, chegara o momento de mostrar para o mundo que ela existia. E que um dia esteve nas pequeninas mãos do Grande Criador de todas as coisas.



Ademir Pascale é escritor e ativista cultural. Participou em mais de 40 livros, sendo um dos mais recentes “Nouvelles du Brésil”, publicado na França pela editora Reflets d’ailleurs. Fã nº 1 de Edgar Allan Poe. Adora pizza, séries televisivas e HQs.

Twitter: @ademirpascale. Facebook: ademir.pascale. Blog: odesejodelilith.blogspot.com. Contato: pascale@cranik.com .



A Captura da Capitã Escarlate

Seis meses haviam se passado desde que Samir, um experiente capitão da Companhia Mercantil de Al Azhir, e seus comparsas contrataram um dos mais violentos, sanguinários e perigosos piratas dos mares de Mirr.

Farid Al Mithal começou sua carreira de crimes ainda jovem, tendo pilhado navios de todas as nações durante anos. Seu reino de terror teve um final abrupto quando, em um combate contra a marinha, seu navio foi severamente danificado e pegou fogo. Resgatado das chamas ainda com vida, e com seu rosto e corpo desfigurados, foi condenado à forca por seus crimes. A corda já estava pronta para ser colocada em volta de seu pescoço, quando sua temeridade atraiu a atenção do Patriarca de Azhir.

Recebeu a proposta de ser perdoado desde que usasse seu conhecimento para caçar outros piratas e desafetos de seus agora empregadores. Assim Farid se tornou uma peça chave na máquina de guerra da Companhia.

Sua missão parecia simples, capturar e trazer viva uma das mais infames piratas a atacar os mercados de Azhir. Uma mulher tola e prepotente que lutava por uma causa perdida, mas que vinha trazendo muitos prejuízos à região. Seu nome era Capitã Escarlate e sua bandeira a rosa vermelha sobre sabres cruzados. Desde a queda da nação de Aldarian há alguns anos, a autointitulada corsária já havia pilhado dezenas de navios mercantes e atacado um igual numero de portos.

Seus dias de crimes chegavam ao fim, uma vez que Farid havia finalmente capturado a pirata. Na carta recebida com seu sinete há algumas semanas, o caçador havia exigido que Samir e os outros capitães o encontrassem na Taverna do Peixe Salgado, uma vez que sua aparência grotesca e seu passado

um conto de

**Cláudio
Villa**

de mortes não costumavam ser bem quistos na maioria dos portos civilizados.

Já era alta madrugada quando os outros três capitães de Azhir chegaram, recobertos em seus casacos devido ao frio cortante que fazia ali. Samir os olhou de soslaio e com a cabeça indicou que deveriam entrar no local.

A luz lúgubre das velas, associada ao cheiro de mofo e umidade, tornavam aquele lugar praticamente inabitável. Os frequentadores de estabelecimento tão bolorento: marinheiros bêbados, prostitutas e golpistas da pior espécie também não contribuíam em criar um ambiente agradável, mas ali ainda era um lugar seguro.

Hansen, um velho lobo do mar, carcomido pela maresia e por uma vida de excessos, havia usado o dinheiro de seu último saque para abrir esse antro de luxúria e depravação. A pedido do caçador, colocara uma mesa quadrada na adega, em meio aos barris de bebida barata servidos naquele lugar. Um vinho vagabundo e alguns pedaços de porco salgado foram providenciados para a refeição dos cinco cavalheiros que decidiram se reunir ali naquela data.

— Capitão Farid os aguarda – resmungou o taverneiro aos recém-chegados.

Quatro homens cruzaram a cortina imunda que separava os dois ambientes, descendo as estreitas escadas até se depararem com um aposento ainda mais escuro e úmido. Em um dos cantos era possível enxergar a sombra de uma figura envolta em um casaco de couro marrom, seu rosto encoberto pelas sombras e por um chapéu de aba larga. A seu lado, com as mãos e pernas atadas por correntes e grilhões, encontrava-se uma mulher em um sobretudo vermelho. Seus cabelos ruivos cobriam-lhe os olhos à medida que se mantinha calada e de cabeça baixa.

— Sentem-se cavalheiros – disse Farid com a voz rouca. – Temos negócios a tratar.

Os quatro capitães se sentaram à mesa, entreolhando-se, desconfortáveis com a situação.

— Bebam meus amigos, não há nada a temer

aqui. Como podem ver, a cadela está bem amarrada e não lhes fará nenhum mal.

— Então essa é a infame Capitã Escarlate? Ela parece um pouco diferente das descrições que tivemos anteriormente.

— Você realmente esperava que as autoridades de Azhir, incapazes de prender um rato como esse, fariam um melhor trabalho em descrever a criminosa? Acredito ser muito difícil guardar a fisionomia de alguém quando se está urinando nas calças de tanto medo – ironizou Farid. – Pelo visto, não acreditam no meu trabalho, não é?

Antes que pudessem esboçar uma reação, o vulto arremessou um pedaço embolado de pano negro sobre a mesa. Al Hannan, um dos capitães de Azhir, desenrolou-o, revelando ser o fragmento de uma bandeira, uma rosa vermelha sobre sabres cruzados.

— Acreditam em mim agora, cavalheiros?

— Fez um bom trabalho, Farid. Estou certo de que o Patriarca ficará satisfeito com o resultado e manterá sua liberdade!

Ainda sentado, apoiou a sola de suas botas nas costas da prisioneira, empurrando-a com força. A jovem deu dois passos de forma trôpega até estar próxima à mesa de seus captores

— Eis sua encomenda. Espero que façam bom proveito.

Os homens já ameaçavam se levantar quando Farid os interrompeu:

— Antes porém, me digam... O que pretendem fazer com ela? Estou certo de que planejaram algum tipo de punição, não?

— Certamente que sim – respondeu Omar, o mais velho. – Essa vagabunda irá pagar por todos os prejuízos que nos causou.

— E por que não dividem suas ideias comigo? Estou certo de que posso melhorá-las.

As lendas sobre Farid sempre o apontaram como um louco sádico, um homem que sente prazer em ver a dor alheia e o sofrimento de seus réus.

Hannan foi o primeiro a se manifestar:

— Eu adoraria açoitar essa cadela, amarrá-la nua em um mastro e ver o chicote estalar em suas costas até elas ficarem em carne viva. Depois ordenaria que meus homens esfregassem sal em suas feridas e continuassem a castigá-la até que não restasse um único pedaço de pele intacto em seu corpo.

— Eu faria diferente – interrompeu Omar. — Antes de matá-la eu a amarraria de quatro em um barril e faria com que cada membro da minha tripulação a violentasse até estar exausto. Colocaria os homens em fila um por um e ordenaria que saciassem seu desejo em seu corpo. Quando todos estivessem satisfeitos, cortaria sua garganta como se faz com um porco.

— Vocês não possuem nenhum refinamento, não é mesmo? – retrucou Samir. — Acho que deveríamos prendê-la e envenená-la lentamente para vê-la se afogar em seu próprio sangue. Basta uma lâmina bem afiada e um pequeno corte para que o veneno possa ser introduzido em seu corpo e matá-la aos poucos.

— E por que não usar uma forca? – resmungou Adil, que até aquele momento permanecera apenas como ouvinte. Se for pendurada da altura correta, ela irá se debater por horas até a pressão da corda romper seu pescoço. Limpo, simples e ainda divertido.

Farid começou a aplaudir entusiasmado, sua risada antes rouca adotou um tom mais agudo enquanto falava.

— Forcas? Açóites? Venenos?... Vocês realmente me divertem, meus caros. Talvez não saibam, mas todos esses métodos já foram tentados para me matar, mas, vejam só: eu estou aqui diante de vocês, pronta para ensinar-lhes uma lição.

Os homens se entreolharam, confusos, enquanto a contramestre erguia seu rosto, encarando pela primeira vez seus interlocutores.

— Agora! – gritou Colleen por debaixo do casaco marrom e do chapéu de abas largas.

Os quatro mercadores não tiveram tempo de reagir, enquanto Laura se desprendia dos grilhões

abertos e saltava para cima do velho Omar. O homem, aturdido, foi derrubado de sua cadeira e rendido pela ladra, que encostou uma adaga em seu pescoço. Alguns dos barris no aposento se abriram, revelando tripulantes armados com alfanjes que rapidamente cercaram os Azhirianos.

— Guardas! – berrava Samir em pânico. – Guardas!

— Não há motivo para gritos, meu caro amigo, seus homens foram neutralizados há muito tempo e nada podem fazer para ajudá-lo agora.

A Capitã Escarlata se levantou de sua cadeira, revelando os longos cabelos castanhos cacheados que permaneceram ocultos pelo chapéu. Ela também removeu o casaco de couro, jogando-o em um canto com um olhar de nojo.

— Aquele porco do Farid fedia mais do que um defunto, precisarei de um banho e algumas ervas para tirar esse odor de mim e de minhas roupas.

— Sua pirata vagabunda, sua cadela ordinária, você não vai se dar bem com isso.

Colleen se aproximou de Samir e, com sua mão fechada, golpeou o rosto do capitão.

— Me chame novamente de pirata, seu verme, e farei com que engula cada um dos seus dentes.

— Como você chegou aqui? O que foi feito de Farid? – perguntou Adil, ainda confuso.

— Farid está morto, vencido em seu próprio navio por minha tripulação. Tão logo meu alfanje trespassou sua barriga, seus tripulantes covardes se renderam e pediram clemência. Joguei sua carcaça no mar e, vasculhando sua cabine, encontrei a carta de Samir e a encomenda que ele havia feito. O resto, como devem imaginar, foi bastante fácil.

— E o que vai fazer agora? Nos matar?

Colleen abriu um largo sorriso enquanto encarava Hannan.

— Que tipo de louca eu seria em jogar um baú de ouro no mar, meu caro? Obviamente pedirei um bom resgate pelas cabeças de vocês e, caso seus superiores se recusem a pagar, os enviarei de volta, em barris, aos pedaços. Por enquanto, ficaria feliz se re-

tirassem seus anéis, correntes e todos os objetos de valor que carregam. Afinal, alguém precisa pagar a conta da taverna, não é mesmo?

Os homens rendidos lentamente obedeceram. A contramestre saiu de cima de Omar e o revistou para ter certeza de que não escondia nada.

— Laura, poderia escoltar nossos novos hóspedes até o porão do Aliança e colocá-los a ferros? Envie também uma carta à Companhia, falando das novidades e exigindo o resgate que havíamos combinado. Sirva também um pouco de rum à nossa tripulação pelo sucesso em nossa missão.

— Aye, capitã!

Os quatro capitães saíram escoltados, humilhados e despedidos de suas riquezas. Eles sabiam que o tal resgate levaria no mínimo algumas semanas e, durante esse tempo, estariam à mercê de assassinos mercenários. Antes que deixassem a sala, a capitã falou com um sorriso:

— E Laura, deixe que nossos homens se divirtam com nossos hóspedes. Só não deixe que sejam mortos ou que percam algum pedaço, a Companhia vai querer eles inteiros e minimamente saudáveis.

Laura abriu um sorriso de cumplicidade enquanto empurrava Omar e os outros para fora de lá.

— Amarrar nu em um barril, não é mesmo capitão? Me parece um jogo divertido, talvez devamos tentar – retrucou a contramestre.

Quando finalmente a adega estava vazia, Colleen deu três chutes leves em um barril que se encontrava atrás de sua cadeira.

— Pode sair, estamos sós.

Farid se ergueu, mostrando seu rosto e pele desfigurados. Colleen foi até o canto da sala, agarrou o casaco marrom e passou ao homem, que o vestiu.

— Peço desculpas pelas palavras rudes, capitão, mas eu tinha de fazer uma cena ali.

O homem se limitou a assentir com a cabeça. A capitã prosseguiu:

— Aqui, quero que fique com isso até que o

restante do resgate chegue – disse, estendendo os pertences apreendidos dos Amirans. — Sei que é pouco, mas, junto com sua parte do resgate, acredito que servirá como compensação pelos anos forçados a trabalhar para a Companhia.

— Sou grato pela oportunidade e ajuda Capitã Rosa, nunca esquecerei o que fez por mim.

— Considere que estamos quites por poupar minha vida e ouvir minha história. Poderia ter sido apenas mais um trabalho, mas você me deu uma chance também. Eu o encontro em algumas semanas no local combinado, para lhe entregar sua parte do butim.

Farid vestiu seu chapéu e, com um sinal de cabeça, se dirigiu à porta. Antes de sair da sala, virou-se e atirou uma das moedas para a capitã.

— Para que possa encomendar uma bandeira nova. Peço desculpas pelo estrago.

Colleen sorriu. Tão logo estivesse tudo resolvido, deveria visitar o velho Pete na ilha de Tirana e encomendar uma nova bandeira.



Cláudio Villa nasceu em São Paulo, em 1979, e sempre foi apaixonado por navios a vela e histórias de piratas. Em 2007, publicou seu primeiro romance de fantasia *Pelo Sangue e Pela Fé*. Desde então, publicou contos em antologias como *Anno Domini* (2008), *Steampunk* (2009), *Galeria do Sobrenatural* (2009) e *Crônicas de Tormenta* (2011) como autor convidado.

Em 2008, iniciou o projeto da *Mirr Enciclopédia*, uma wiki de referência a seu universo ficcional, permitindo a seus leitores explorar seu universo de fantasia. Ela pode ser visitada em www.mundosdemirr.com/wiki

Em 2012 seu segundo livro, *O Vento Norte*, se tornou o primeiro romance de literatura fantástica nacional a ser totalmente desenvolvido através de um projeto de financiamento coletivo (crowdfunding). A página do projeto pode ser visitada em www.catarse.me/pt/vento_norte

Conheça mais sobre o autor em www.facebook.com/vento-norte e em seu perfil no twitter [@mundosdemirr](https://twitter.com/mundosdemirr)

A Chave do Conhecimento

um conto de

**Lúcio
Manfredi**

Uma manhã sorridente, a melhor dos últimos dez dias, saúda o seu despertar. Ele senta na cama, fica namorando os raios de luz que atravessam a janela fechada e desenhavam uma grade sobre os lençóis. Veste apenas cuecas, tem as costas empoladas com as mordidas desses malditos pernilongos que mal o deixam dormir. E quando dorme é pra mergulhar em sonhos intranquilos, tumultuados e incoerentes, o movimento browniano do cérebro se agitando mesmo quando cessa o contato com a realidade. De modo que ele está cansado, um cansaço visceral que choca com a positividade da manhã, uma daquelas metáforas surrealistas sobre cabos de guarda-chuva e máquinas de escrever. Cabos de guarda-chuva. É uma boa comparação. É assim que lhe sabe a língua, a metade que sobra de um par desfalcado, resaca sem bebida. Levanta, os músculos estirados como cordas de violino emitem uma melodia dolorida quando tangidos pelo arco do movimento. Ele acompanha a música com um gemido cantado, arrasta-se para o banheiro. Seu olhar resvala pelo quarto, à procura do nome que deve ter deixado por aí, encontra-o largado displicentemente sobre a cômoda: seu nome, João Ricardo, nome de poeta. Vai ser um dia dedicado às incongruências.

Abre o chuveiro e escova os dentes enquanto a água demora pra esquentar. Sabe que seus movimentos são normais, mas sua percepção decodifica-os em câmera lenta. O tempo se arrasta ao redor dele, é um pântano onde a carne afunda e se dissolve, dia desses seu corpo vai ser encontrado, mumificado pelos séculos. Já vestido, torna a sentar na beirada da cama, tenta decidir o que fazer. Sair procurando emprego mais uma vez, se arrastar de porta em porta, implorar um segundo de atenção que lhe será repetidamente negado. Ir ao cinema, andar pelas ruas a esmo, pra dar ao mundo a im-

pressão de que está fazendo alguma coisa. Passar o dia sentado, tentando fervorosamente se transformar num pé de alface, um vegetal inconsciente e sem dor. Pesa as alternativas com cuidado, vai ver uma delas encerra algum aspecto positivo que lhe passou despercebido. Até que não é má ideia, essa do pé de alface.

Olha a pasta negra sobre a mesa branca, contém seu currículo e um portfólio, não é um portfólio pequeno, não é um currículo insignificante. Mesmo assim, cada lugar que procura reage como se tivesse recebido um memorando de Deus proibindo contratar João Ricardo. Ele não entende. Tem trinta e dois anos e meio, ainda está longe de velho. Sua aparência é boa, não parece um psicopata junkie drogado. O que os assusta? A recessão, argumentam sempre. E imediatamente contratam o próximo da fila. É o destino, conclui ele. Quando todas as forças do universo se reúnem pra quebrar um vaso, dizia um amigo de Ricardo, não adianta lutar contra, o vaso quebra. Resolve passar o dia na cama, olhando para o alto, tentando decifrar a linguagem de Deus nas manchas do teto. Sair seria pedir a inútil confirmação de que não passa de um vaso quebrado. Tô dispensando.

Está de volta à casa onde passou a infância, uma casa grande, que seu pai e o avô construíram no braço, quando o pai de Ricardo ainda era uma criança. Ficava no alto de um morro, uma escadinha de cimento levava até o quintal. No sonho, o quintal é o inferno, em cima fica o paraíso. Ricardo está no paraíso, recebendo de sua mãe, que se chama Sophia, a chave do conhecimento. Ele a aperta na palma da mão com fervor e uma compenetração infantil. A mãe se foi. Ele ficou sozinho, guardando o conhecimento. Subitamente, a ex-esposa está ao seu lado, chamando-o para a rua. Ricardo não se deixa enganar, sabe que é um demônio disfarçado, não foi à toa que ela arrancou tudo o que ele tinha. Mas resolve jogar com o demônio, finge que cai na armadilha. Quando estão quase no portão de entrada, vira-se e espeta a mulher com um cabo de vassoura. Ela explode feito bolha de sabão. Ricardo sobe correndo, apenas para encontrar as portas da casa trancadas. Pra entrar precisa da chave do conhecimento e a chave do conhecimento ficou lá

dentro. Irritado, desce a escada até o inferno para enfrentar os demônios. É seu segundo erro. Os espíritos do mal caem sobre ele, invisíveis, paralisam-lhe os movimentos, petrificam-no. Ele quer gritar, pedir ajuda, seus lábios se recusam, a língua pesa como chumbo. Ele se debate, tenta voltar a si, mas é tudo inútil, a oração que ensaia não chega até a boca.

Quando foi que o Sol se tornou vermelho? pensa Ricardo, emergindo da modorra com um ar de perplexidade. Desde quando a luz do Sol é coerente? completa, olhando o feixe concentrado que entra pela janela e o atinge na testa, dissipando a angústia do sonho. É como um raio laser, talvez seja um raio laser. Abre a janela, não consegue localizar sua fonte, o raio perde-se na distância. Aquilo o intriga. Sem perder a luz de vista, calça os sapatos e pula a janela, decidiu rastrear sua origem. Sobe a rua, dobra a esquina, mergulha na avenida. Anda o dia inteiro, cada vez mais longe da casa onde suas preocupações ficaram trancadas. Anoitece, ele está quase no centro da cidade. Pra onde foi a luz? pergunta-se Ricardo, olhando em volta com preocupação. As lanternas traseiras do carro o atraem, o néon vermelho dos anúncios magnetiza seu olhar. Pra onde foi a luz? A angústia do sonho ameaça retornar, primeiro a chave do conhecimento e agora a luz que o ilumina. Sente-se incompetente, inútil, indigno. A luz, meu Deus, onde está? Dobra outra esquina, lá está ela, dançando no meio da rua. As pessoas a atravessam sem perceber, é como se ela estivesse sintonizada no comprimento de onda de João Ricardo, só ele dá pela luz. Sem aviso, ela golpeia-lhe a testa, trava sua mente. Uma sucessão de imagens hipnagógicas atravessa diante dos olhos de Ricardo, figuras abstratas, vales e montanhas, uma deusa indiana dançando no centro de um labirinto. É a luz que dirige seus passos, ele nem se dá conta por onde. Sabe apenas que não está mais na cidade, a própria realidade parece ter ficado pra trás. Aproxima-se de uma cruz luminosa no horizonte do mundo, uma voz que nasce das profundezas do espírito lhe diz que se trata do limite. Limite do quê? ele quer perguntar, mas sente a inutilidade da pergunta. É o limite e isso é tudo que há para saber. A luz dá mais um passo em Ricardo, ele franqueou

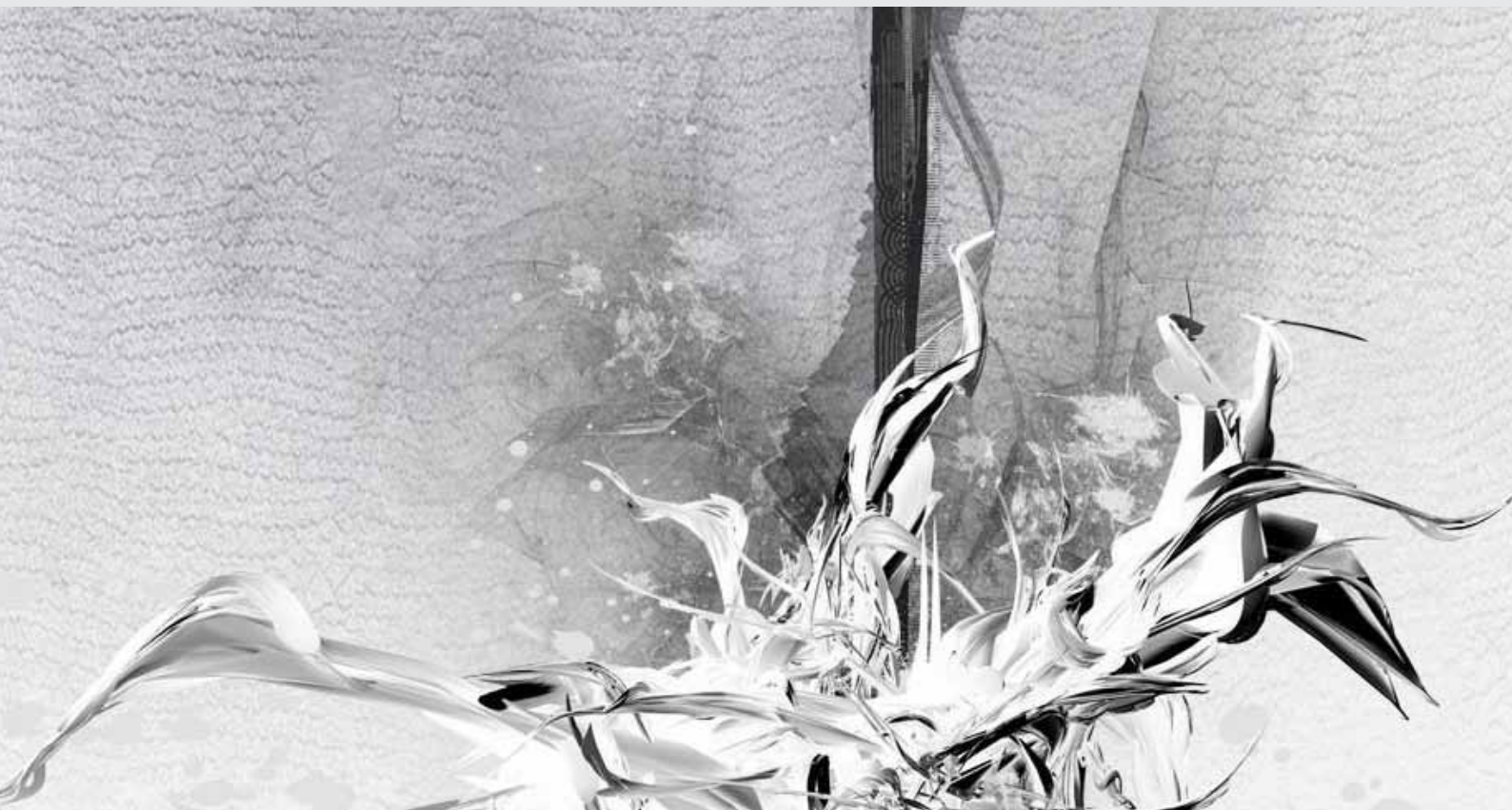
o limite.

Olha em volta, surpreso. Vê-se numa caverna de dimensões infinitas, mais real do que qualquer outro lugar que ele tenha pisado. As paredes da caverna são telões de um tamanho inimaginável, ocupados pelas mesmas imagens que a luz tinha projetado em sua mente. Ricardo caminha, o eco de seus passos envolvendo-o como uma concha de som. Na outra extremidade da caverna, finalmente encontra a fonte da luz. Um pedestal de uma matéria que ele não conhece, mas que por qualquer motivo lhe recorda o oricalco platônico. No pedestal, repousando sobre uma almofada roxa, uma pedra preciosa, talvez um rubi, talvez sintético. É ele a fonte da luz. Sente-se tentado a tocar a joia, sabe que não deve fazer isso. Atrás do pedestal, uma escada de amplos degraus conduz a uma espécie de trono. Ricardo sobe os degraus. Lá de baixo, o trono parecera vazio. Agora, percebe que não, tem alguém sentado no trono e é ele, Ricardo, que ao mesmo tempo está diante do trono. Seu ponto de vista sofre uma estranha divisão, ele está sentado e simultaneamente de pé, as duas perspectivas sobrepõem-se criando

um efeito de totalidade em sua mente. Percebe que aquele deveria ser o estado normal de consciência da humanidade, uma onisciência sem limites, a percepção de um deus. Mas a chave do conhecimento se perdeu com o tempo, as pessoas foram jogadas num ilusório mundo tridimensional que elas próprias criaram, presas à cadeia de seus próprios medos e anseios. Percebe também outra coisa: que aos olhos do João-Ricardo-de-pé, um par de asas reluzentes desfralda-se às costas do João-Ricardo-no-trono. Deitado sobre a cama de onde nunca saiu, olhando para o teto, João Ricardo acorda. Agora ele sabe e a manhã sorridente saúda o seu despertar.



Lúcio Manfredi é escritor e roteirista, com contos publicados nas antologias Intempol (2000), Novelas, Espelhos & Um Pouco de Choro (2001), Como Era Gostosa a Minha Alienígena (2002), Histórias do Olhar (2003), Vinte Voltas ao Redor do Sol (2005), Dez Contos de Terror (2009), Paradigmas 3 (2009), Galeria do Sobrenatural (2009) e Sherlock Holmes – Aventuras Secretas (2012). Seu primeiro romance, Dom Casmurro e os Discos Voadores, foi publicado pela Ed. Leya em 2010.





ARGOS 2014



Prêmio Especial pelo Conjunto da Obra
Gerson Lodi-Ribeiro

Prêmio ARGOS

Prêmio Argos de Literatura Fantástica chega a sua 6ª edição

Troféu será entregue no Planetário da Gávea durante o maior evento de ficção científica do país

Um dos prêmios mais importantes do cenário nacional, o troféu Argos de Literatura Fantástica 2014, será entregue no dia 18 de outubro no Planetário da Gávea, durante o Jedicon Rio de Janeiro.

O prêmio é resultado da votação dos sócios do Clube de Leitores de Ficção Científica do Brasil - CLFC, que comemora 29 anos de existência e tem como objetivo escolher o melhor romance e o melhor conto de literatura fantástica publicado em língua portuguesa, em formato impresso ou em digital, durante o período de 1º de janeiro a 31 de dezembro do ano de 2013.

As votações acontecem entre 11 e 31 de agosto. Apenas sócios do CLFC podem votar, mas o ingresso no Clube é gratuito. De acordo com o presidente da entidade, o jornalista e escritor Clinton Davisson, embora não se cobre taxas aos sócios, o controle de admissão é cuidadoso. “O sócio precisa dar nome, endereço e telefone. Além disso, precisa se comprometer a ajudar nas ações do Clube. As votações também são fiscalizadas por uma comissão especial, para evitar lobby. Campanhas internas entre os sócios também não são permitidas”, informa o presidente.

Esta é a sexta edição do Argos, que surgiu no

início da década passada, durou quatro edições (2000, 2001, 2002 e 2003) e retornou em 2012 e 2013. O nome “Argos” foi uma homenagem à Coleção Argonauta, uma série de livros de bolso de ficção científica, publicada pela Editora Livros do Brasil, pioneira na divulgação do gênero em língua portuguesa.

De acordo com o escritor Gerson Lodi-Ribeiro, um dos criadores do prêmio, o nome foi um consenso porque o próprio Clube nasceu de uma convocação impressa no livro do Roberto Cezar Nascimento, *Quem é Quem na Ficção Científica – Volume 1: A Coleção Argonauta*. “A Coleção Argonauta sempre foi importante para a maioria dos sócios da velha-guarda. Daí, quando se pensou em criar um prêmio do CLFC, ‘Argos’ foi o nome de consenso”, lembra.

Os interessados em se associar ao CLFC podem encontrar instruções no site www.clfc.com.br, onde também consta o regulamento da premiação.





HOMENAGEM

Ursula Le Guin

Mulheres sabem escrever: como Ursula Le Guin transformou o papel feminino na literatura de gênero

por Cláudia Fusco



Le Guin (foto de Eileen Gunn)

Se você está lendo o *Somnium*, agradeça a uma mulher.

Não; ao contrário do que indica o tema desta edição especial e o título deste artigo, não estamos falando de Ursula Le Guin. Ainda.

Agradeça a Mary Shelley, que em uma noite fria e tediosa ao lado de seus amigos e marido, calhou de inventar o gênero de ficção científica. *Frankenstein*, ou *o Moderno Prometeu* (1818) é considerado por muitos estudiosos – para não dizer a maioria deles – como a pedra fundamental do gênero especulativo, que viria a se desdobrar com rapidez ao longo dos séculos XIX e XX pelo mundo todo. Tal qual o cientista que leva o título de sua obra célebre, Shelley gerou a fagulha fundamental

para dar vida a uma nova “criatura” literária – sem imaginar as repercussões que isso teria.

Frankenstein foi uma obra barulhenta já à época de sua publicação. Continha temas polêmicos, como assassinato e rituais com cadáveres – todos sabemos que o monstro era fruto de horripilantes crimes que o doutor Frankenstein, do alto de sua ambição em gerar vida em seu laboratório, cometia sem pestanejar. Com apenas 20 anos, Shelley foi encorajada a publicar seu livro anonimamente – as tiragens de livros escritos por mulheres eram ínfimas, assim como as vendas, e a própria autora teve direito a uma distribuição de 500 exemplares. A primeira edição continha apenas uma nota introdutória de seu marido, Percy Shelley, um poeta relativamente conhecido na Grã-Bretanha, em especial por conta de sua amizade com Lorde Byron. A senhora Shelley só foi assinar sua própria criação em 1822, na segunda edição.

Com o aumento das vendas e comentários sobre a trama, a polêmica em torno do morto-vivo mais famoso do mundo só aumentava. Críticos apontavam a natureza vaga e misteriosa do ritual que dava vida ao monstro como uma falha de roteiro; diminuía a obra apegando-se à morbidez da trama, ignorando seu teor gótico. Houve até quem dissesse que *Frankenstein* era uma forma que a autora encontrou de se realizar enquanto mãe, uma vez que sua própria história era marcada por perdas – Mary sofrera aborto espontâneo e apenas um de seus cinco filhos, também chamado Percy, chegou à vida adulta. Não resistindo às críticas, Shelley reescreveu boa parte da história, incluindo passagens mais leves, alterando focos de críticas e desenvolvendo uma nova introdução, desta vez escrita por ela mesma, para justificar algumas de suas escolhas.

Esta edição, publicada em 1831, é a mais conhecida até hoje.

A história de Shelley mostra que o comportamento sexista dentro da literatura especulativa é tão antigo quanto o próprio gênero. Se seu marido, Percy, fosse o autor de Frankenstein, será que haveria associação de sua obra à impossibilidade de ser pai? Seria submetido a tantas críticas em relação ao enredo? Outros autores do século XIX, como Julio Verne e H. G. Wells, foram no mínimo igualmente ousados em relação ao seu comprometimento com a verdade científica a bem de certos efeitos literários: invenções como a engenhoca de *A Máquina do Tempo* de Wells também sobreviveram ao tempo sem tantos questionamentos. Mas não desenvolveremos esta questão; é delicado falar rapidamente sobre os conceitos científicos da época sem correr o risco de ser superficial.

Contrariando o que o próprio gênero muitas vezes aborda – o avanço rápido de ideias, tecnologia, experimentação, entre outros –, o feminismo teve um vagaroso processo de consolidação dentro da ficção científica anglófona. É digno de nota o romance *Herland* (1915), de Charlotte Perkins Gilman, que pregava uma sociedade composta apenas por mulheres. A obra é considerada radicalmente feminista e foi, tal como Frankenstein, desacreditada à sua época, em especial por conta de seu olhar sobre reprodução: na obra de Gilman, as mulheres passavam por meio de um curioso – e espontâneo – processo de partenogênese quando desejavam aumentar a comunidade. Ainda assim, foi um lampejo feminista tímido em comparação com a quantidade de material escrito à época. Eram tempos de H.G. Wells, citado anteriormente, Hugo Gernsback e revistas *pulp*, escritas para deslumbrar os jovens com as maravilhas da ciência.

É de se espantar que o feminismo só tenha encontrado de fato a sua voz dentro do gênero por volta dos anos 70 do século XX. Foi nesta época que surgiram as grandes coletâneas escritas apenas por mulheres; sob a tutela de Joanna Russ, uma das mais influentes vozes feministas dentro da literatura especulativa, a ficção científica finalmente começou

a lidar com questões de gênero de forma mais profunda. Autora do provocativo artigo “What Can a Heroine Do? or Why Women Can’t Write” [“O que uma heroína pode fazer? ou Por que Mulheres não Conseguem Escrever”, em tradução livre], Russ colocou na mesa os preconceitos do mundo literário em si em relação à mulher, apontando que a ficção científica poderia ser uma porta aberta para autoras mergulharem em questões que ficaram congeladas por muito tempo na literatura em geral. Eram grandes tempos para ser mulher na ficção científica, e as influências desta época são sentidas até hoje na literatura de gênero.

Imersa neste contexto, estava Ursula Le Guin. Colega de escola de Philip K. Dick – embora não fossem amigos à época –, Le Guin era apaixonada por literatura fantástica desde criança, tendo especial carinho por Tolkien; com apenas 11 anos, arriscou enviar seu primeiro conto para a célebre *Astounding Magazine*. Depois da rejeição, Le Guin não parou de escrever (mas guardou para si mesma as histórias que construía sobre mundos imaginários) e foi estudar literatura na universidade. Somente aos vinte anos voltou a procurar editoras interessadas nela, mas sempre recebia a resposta de que suas histórias eram ligeiramente inadequadas. Foi na ficção científica que encontrou seu caminho; desde os anos 60, não parou mais de publicar.

Le Guin acompanhava o movimento feminista pelas beiradas. Era casada, tinha filhos e uma carreira promissora enquanto escritora – nos anos 70, já não precisava apelar para pseudônimos masculinos para vender seus contos. “Eu me considerava feminista – para mim, não havia como ser uma mulher pensante e não ser feminista. Mas eu nunca havia dado um passo adiante neste território conquistado por Emmeline Pankhurst e Virginia Woolf”, escreveu ela. Por ser uma autora de relativo sucesso, começou a se sentir inclinada – com o apoio de fãs e outras escritoras no meio – a mostrar o que pensava sobre as questões de gênero dentro da literatura especulativa. Foi assim que nasceu *A Mão Esquerda da Escuridão* (1967), provavelmente sua obra mais importante – e polêmica.

Para muitos, o grande trunfo de *A Mão Esquerda da Escuridão* é fazer a pergunta fundamental da ficção científica – no caso, “e se?” – voltando-se para a questão dos gêneros. Quais seriam as consequências de uma divisão etérea e vaga de feminino e masculino? Qual seria o posicionamento de uma sociedade andrógina em relação a temas universais, como força, trabalho e sexo?

Escrito em 1967, o livro chegou como uma bomba no universo da literatura especulativa. Le Guin já esperava uma resposta apaixonada de seu público – à época, achava que homens odiariam a trama –, mas não previu que seria questionada pelo nicho que ela mesma procurava uma forma de pertencer de forma mais legítima. Foi acusada, entre outros, de ignorar questões importantes do movimento feminista em *A Mão Esquerda...*, bem como questionada sobre certas passagens e personagens que pareceram, a certos críticos e críticas, um tanto quanto misóginos.

Assim como Shelley, Le Guin foi pressionada a se justificar frente à crítica. Seu artigo “Is Gender Necessary”? [Gêneros São Necessários?, em tradução livre], de 1976, discorria sobre *A Mão Esquerda da Escuridão* enfatizando o que a autora acreditava, à época: seu livro *não era* de fato sobre gêneros, mas

sim uma investigação “sobre traição e fidelidade”. O artigo só aumentou a polêmica, e foram necessários anos de distanciamento até que a escritora concluísse o assunto. Em 1986, Le Guin publicou uma nova versão do artigo, “Is Gender Necessary Redux”, revendo pontos críticos do texto e reconhecendo que, à época de publicação de *A Mão Esquerda...*, sentia-se defensiva em relação ao assunto. “Eu estava ressentida porque as críticas insistiam em falar apenas sobre seus ‘problemas de gênero’, como se fosse um ensaio e não um romance [...] eu havia aberto a caixa de Pandora e estava tentando fechá-la”, diz ela.

A mudança de postura de Le Guin em relação ao feminismo e à ficção científica foi essencial não apenas para escritoras de gênero, que encontraram apoio em suas palavras, como para a literatura especulativa em si. Mais do que uma mulher escritora, Le Guin é uma criadora de universos excepcional, que permite a leitores do mundo inteiro se apaixonarem por suas tramas complexas, imaginativas e profundamente humanistas. Autores renomados hoje em dia, como Neil Gaiman e Iain Banks, são grandes admiradores de seu trabalho.

Então, se você está lendo esta *Somnium*, agradeça a pelo menos duas mulheres.

Ursula Le Guin – Dados Biográficos

por João Campos

Numa época em que os veteranos do fantástico literário desaparecem, talvez seja ainda mais relevante recordar **Ursula K. Le Guin**, uma das mais talentosas prosadoras de fantasia e de ficção científica vivas e ainda em atividade. Natural de Berkeley, na Califórnia, Le Guin (nascida Ursula Kroeber) esteve na turma de liceu de outro dos grandes do género: Philip K. Dick. Os seus percursos, porém, dificilmente poderiam ser mais diferentes. Leitora ávida desde criança, e apaixonada pela fantasia literária de Carrol, Kipling e outros, começou a escrever muito cedo – e foi com apenas 11 anos de idade que conheceu a sua primeira rejeição, após submissão de um conto para a *Astounding Science Fiction*.

O interesse nascente pela ficção científica valeu-lhe a publicação, nos anos 60, de contos em outras revistas, como na *Amazing Stories*. E em 1966 publicou o seu primeiro romance: *Rocannon's World*, a primeira história longa do “Hainish Cycle”, o universo ficcional no qual iria enquadrar boa parte da sua ficção científica: *Planet of Exile* (1966), *City of Illusion* (1967), *The Left Hand of Darkness* (1969), *The Dispossessed: An Ambiguous Utopia* (1973), *The Word for World is Forest* (1976, a partir de uma novela premiada), *Four Ways to Forgiveness* (1995) e *The Telling* (2000). Para além de inúmeros contos, como *Winter's King* ou *Coming of Age in Karhide*, entre muitos outros compilados ao longo dos anos em várias antologias. *The Left Hand of Darkness*, uma reflexão fascinante sobre a identidade sexual, é considerado um dos primeiros romances feministas no género – e é um dos mais aclamados livros da história da ficção científica; e *The Dispossessed* é uma poderosa alegoria à guerra fria e à utopia impossível (ou ambígua) dos ideais anarquistas. Ambos venceram os prémios Hugo e Nébula, tendo Le Guin sido a primeira autora a conseguir vencer ambos os prémios com os mesmos livros duas ve-

zes.

Influenciada pela leitura de *The Lord of the Rings*, aventurou-se também na fantasia; mas, ao invés de seguir as pisadas do professor britânico, optou por desenvolver um universo ficcional mais inspirado nas filosofias orientais. Com *The Wizard of Earthsea*, em 1968, expandiu em formato longo o fascinante mundo secundário de *Earthsea*, inaugurado quatro anos antes no conto *The Word of Unbinding*, publicado nas páginas da *Fantastic*; *The Tombs of Atuan* (1971), *The Farthest Shore* (1973), *Tehanu: The Last Book of Earthsea* (1990), *Tales From Earthsea* (2001) e *The Other Wind* (2001), assim como alguns outros contos, exploraram novas aventuras neste universo.

Mas a sua bibliografia não se resume ao ciclo “Hainish” ou a *Earthsea*: entre outras obras de destaque contam-se *The Lathe of Heaven* (1971), por duas vezes adaptada para filme, *The Beginning Place* (1980), *Always Coming Home* (1985), *Lavinia* (2008) e as histórias e poemas de *Orsinia*. A sua ficção curta encontra-se compilada em várias antologias: a mais recente, publicada em 2012, intitula-se *The Unreal and the Real: Selected Stories*, e inclui um volume dedicado apenas ao fantástico.



Ursula Le Guin

(Texto originalmente publicado no blog do autor, “Viagem a Andrômeda”: <http://viagem-andromeda.blogspot.com.br/2013/10/ursula-k-le-guin-1929.html>)



Resenhas



A Mão Esquerda da Escuridão

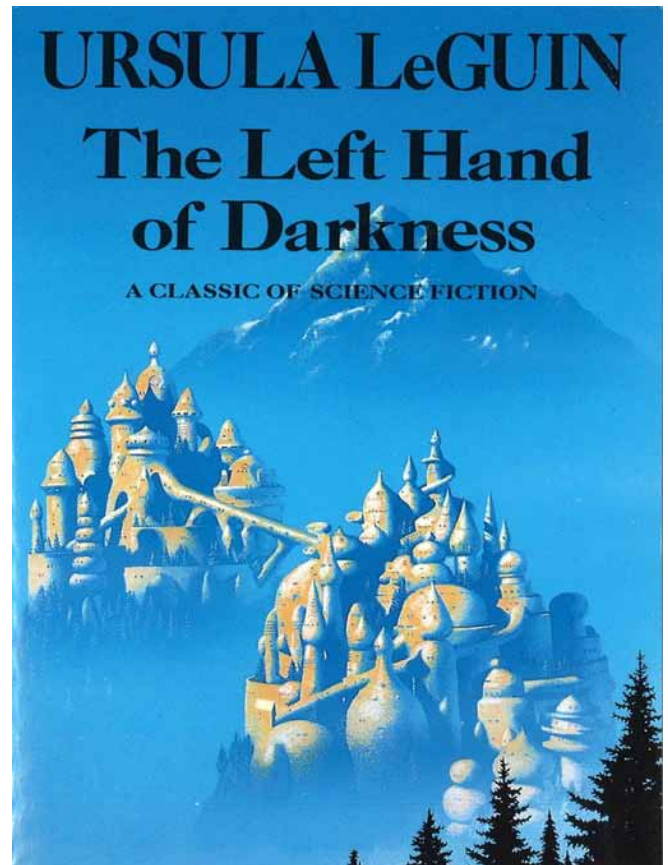
VERDADE É UMA QUESTÃO DE IMAGINAÇÃO:
DEVIR, RIZOMA E A MÃO ESQUERDA DA
ESCURIDÃO

por Luana Barossi

RESUMO: *A mão esquerda da escuridão*, de Ursula K. Le Guin, é um romance repleto de elementos aparentemente opostos que, de acordo com alguns críticos, sugerem análises dicotômicas, tais como: luz e escuridão; masculino e feminino; identidade e alteridade; sanidade e loucura. Contudo, este artigo propõe que essas oposições não são dicotômicas, mas compõem um *continuum* que inspira antes um movimento fluido de significações, no qual os elementos constituintes são devires, de acordo com o que Deleuze e Guattari propuseram para o termo.

*Luz é a mão esquerda da escuridão
e escuridão, a mão direita da luz.
Dois são um, vida e morte, unidas
como amantes no kemmer,
como mãos entrelaçadas,
como o caminho e a chegada.*
(LE GUIN, 2008, p.224)

Usualmente analisada por meio de aspectos dicotômicos, como se Le Guin houvesse optado pelo paradoxo como recurso estilístico para trazer à tona aspectos binários, a narrativa de *A mão esquerda da escuridão* (*The left hand of darkness*), é antes dotada de devires aparentemente duais e falsamente dicotômicos, provenientes especialmente



da relação entre as imaginações constituintes das personagens. Uma dessas falsas dicotomias reside no estranhamento dos programas de verdade do outro, por um lado; e, por outro, o processo de tradução transcultural. No decorrer do artigo procurarei desenvolver a ideia do porque esta e outras dicotomias presentes na narrativa não se sustentam dialeticamente, mas formam uma rede de conexões em movimento, fluida.

No romance há uma série de “documentos oficiais” sobre o planeta Inverno (*Winter*) – ou Gethen na língua local - a ser prospectado para o *Ekumen*, uma espécie de liga interplanetária de relações in-

ternacionais:

Mas o Ekumen não é essencialmente um governo, de maneira alguma. É uma tentativa de reunificar o místico e o político e, como tal, naturalmente, é quase um completo fracasso; mas seu fracasso fez mais pela humanidade, até agora, do que os sucessos de seus predecessores. É uma sociedade e possui, pelo menos em potencial, uma cultura. É uma forma de educação; num aspecto, é um tipo de escola muito grande... bem grande, de fato. A comunicação e a cooperação são a essência de suas motivações e, portanto, num outro aspecto, ele é uma liga ou união de mundos, possuindo um grau de organização centralizada convencional. É este aspecto, a Liga, que represento aqui. (LE GUIN, 2008, p.134-5).

Fazem parte das diferentes narrativas presentes na obra: descrições etnográficas em primeira pessoa, em especial feitas pelo personagem Genly Ai, enviado a Gethen com a missão de convencer seus governantes a ingressarem na Liga Ecumênica; trechos do diário da personagem getheniana Estraven; poemas - como o que dá nome ao livro -; diálogos e lendas de Gethen. A citação no título deste artigo, “Verdade é uma questão de imaginação”, aparece logo na primeira narrativa feita por Genly Ai, e deixa explícito que a narrativa é dependente da imaginação constituinte e dos programas de verdade da personagem - ou do contexto - que dá voz ao trecho em questão. Uma das consequências da obtenção de uma história formada por vozes narrativas diferentes é a compreensão de distinções na percepção de si mesmo (personagem com voz narrativa) e do outro (estrangeiro em relação ao primeiro) em espaços-tempos diferentes; situação correspondente à primeira falsa dicotomia. Um breve levantamento teórico é necessário para compreender a partir de quais ideias a proposta deste artigo se sustenta.

Os saberes, ou discursos propagados pelos sujeitos em determinado tempo-espaço, constituem

narrativas, que resultam no que se acredita como verdade. Paul Veyne (1983) propõe que “a verdade é uma palavra que não se deveria empregar senão no plural: só existem programas heterogêneos de verdade” (p.31). Esses programas de verdade, formados através de complexos processos genealógicos - entendendo-se genealogia através das proposições de Michel Foucault - são como pacotes que constituem as narrativas coletivas, e consequentemente influenciam nos processos de subjetivação individuais. Rosi Braidotti (1994) figura a ideia de subjetivação através da metáfora do nômade, que é uma consciência crítica que busca “explorar e legitimar a ação política, tendo como evidência histórica o declínio do metafisicamente fixo e das identidades estáveis” (p. 5). Já que as identidades não são estáveis, a autora propõe que estão em constante transformação e mudança, e por isso são nômades: acontecem num processo contínuo de devir (*becoming*).

Esse devir se apresenta também na dimensão dos aspectos aparentemente binários da narrativa, e sua presença é o que comprova a relação não-dicotômica desses aspectos, baseada na singularidade da multiplicidade, assim como na ideia de agenciamento. Para Deleuze e Guattari (1995, p. 16), “um agenciamento é precisamente este crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões”. Essas conexões são rizomáticas e nômades, o que quer dizer que não têm um propósito finito, mas constituem um processo, um devir. Não importa o lugar onde se espera ou deseja chegar, porque essa chegada é uma virtualidade. O que importa é o verbo, a ação ou agência de ir, e é neste processo que se constitui a ideia de devir. No entanto, é importante ressaltar que o devir nunca diz respeito a constantes normativas, pois essas ditam um parâmetro hegemônico dado. O devir se dá precisamente no que se diferencia de um padrão normativo¹.

Na narrativa de Le Guin, o primeiro estranha-

¹ Para quem tiver interesse em se aprofundar no que constitui o devir, sugiro a leitura do Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia, Volume 2, de Gilles Deleuze e Felix Guattari.

mento transcultural (e biológico) se dá na descrição de Genly Ai sobre a sexualidade dos habitantes do planeta Gethen: “Tentei, mas meus esforços tomaram a forma, desajeitada, de ver o getheniano primeiro como homem, depois como mulher, forçando-o em uma dessas categorias tão irrelevantes à sua natureza e tão essenciais à minha”. (LE GUIN, 2008, p.20). Genly é humano como concebemos, enquanto os gethenianos não têm sexo biológico nem gênero definidos:

Nas minhas diretrizes finais deve constar o seguinte: quando encontrar um getheniano, não se pode e não se deve fazer o que um bissexual² quase sempre faz, que é enquadrá-lo no papel de Homem ou Mulher, enquanto adota, para com ele, o papel correspondente, dependendo de suas expectativas com respeito às interações padronizadas ou possíveis entre pessoas do mesmo sexo ou do sexo oposto. Todo o nosso padrão de interação sociossexual inexistente aqui. Eles não conseguem entrar no jogo. Não veem uns aos outros como homens ou mulheres. É quase impossível nossa imaginação aceitar isso. Qual a primeira coisa que perguntamos sobre um recém nascido? (LE GUIN, 2008, p. 95).

Joanna Russ (1973, p 90.), em uma crítica à obra de Le Guin, argumentou que o fato de a autora impor um homem como narrador (Genly Ai) proporciona ao leitor apenas uma visão masculina de Gethen; além de alegar que o “herói nativo” (Estraven) é homem, se não em sexo, pelo menos em gênero. No entanto, a visão de Russ, ainda que parta de teorias feministas, é marcada pela ideia binária de gênero, o que a faz enxergar a personagem Estraven sob essa perspectiva.

No contexto de grande parte das culturas con-

temporâneas, em especial “ocidentais”, desde o nascimento ou mesmo antes, os papéis e características nas formas de agir e pensar são estabelecidos por normas sócio-histórico-culturais, que servem como programas de verdade, em especial no que diz respeito a gênero e sexualidade. O quarto do bebê menino é azul e com temática de carrinho ou esportes; o quarto da bebê menina é rosa com babinhos; as roupas e os brinquedos da criança são específicas para o gênero, e há um estranhamento fenomenal caso um menino venha a usar vestidos, por exemplo. Desde a mais tenra infância, a herança cultural desses espaços faz com que se imagine que essas características sejam naturais, ou seja, que os programas de verdade que “gerenciam” o gênero e a sexualidade são binários. Desta forma, vive-se uma constante banalização dos estereótipos criados e difundidos culturalmente, sem levar em consideração que esses “ideais” binários não são naturais, mas foram criados e difundidos e seguem na imaginação constituinte coletiva.

Ao contrário que do Joanna Russ propôs em sua crítica, Le Guin consegue desfamiliarizar, na narrativa, a noção binária de gênero, ao propor uma espécie de indivíduos intersexuais e que não possuem papéis culturais preestabelecidos com relação a identidades de gênero e identidades sexuais. O ponto de vista masculino do narrador-personagem permite-nos exatamente enxergar a narrativa a partir de uma perspectiva que nos é comum, por ter sido genealógicamente estabelecida desta forma³, e, portanto, compreender como essas questões são naturalizadas na imaginação constituinte. Genly Ai, no decorrer da narrativa, passa, dentro do que é possível à sua perspectiva originalmente binária, a compreender que suas noções são estabelecidas

² Le Guin usa aqui o termo bissexual para descrever uma espécie dotada de dois sexos biológicos, ie.: masculino/feminino; macho/fêmea. Não confundir com bissexualidade como orientação sexual.

³ Deleuze e Guattari (1995, p. 52) propõem que o que se chama “maioria”, é uma constante-padrão que forçou historicamente relações de poder e que, portanto, deve ser desconstruída pelos devires-minoritários. Minoria, não é, portanto, necessariamente minoria em número: “A noção de minoria, com suas emissões musicais, literárias, linguísticas, mas também jurídicas, políticas, é bastante complexa. Minoria e maioria não se opõem apenas de uma maneira quantitativa. Maioria implica uma constante, de expressão ou de conteúdo, como um metro padrão em relação ao qual ela é avaliada. Suponhamos que a constante ou metro seja homem-branco-masculino-adulto-habitante das cidades-falante de uma língua padrão-europeu-heterossexual qualquer (o Ulisses de Joyce ou de Ezra Pound). É evidente que “o homem” tem a maioria, mesmo se é menos numeroso que os mosquitos, as crianças, as mulheres, os negros, os camponeses, os homossexuais... etc. É porque ele aparece duas vezes, uma vez na constante, uma vez na variável de onde se extrai a constante.”

culturalmente, e são passíveis de serem transformadas. A partir deste momento, podemos perceber o processo de tradução cultural e hibridismo, como propõe Homi Bhabha (1994), ou de agenciamento, como propõem Deleuze e Guattari, (1995).

Desta forma, a perspectiva dicotômica se mostra falsa em duas dimensões da narrativa: a primeira na relação de estranhamento com a alteridade, que se reconstrói como possibilidade de crítica aos valores preestabelecidos para o “eu” (personagem Genly Ai), e consequente ressignificação; e a segunda no próprio binarismo de gênero, que na obra é desfeito na forma de possibilidades múltiplas. Quando em kemmer, ou fase correspondente à emergência sexual, os gethenianos adquirem a forma biológica ou de homem ou de mulher, dependendo de fatores diversos, como outras pessoas em kemmer por perto. Isso não significa que adquiram características de gênero como as nossas, que são socialmente construídas, porque para o povo de Gethen isso não existe. Um narrador que possui uma carga sociocultural semelhante à do leitor torna possível a compreensão da diferença. Quando em somer, ou período de latência sexual, os órgãos sexuais dos gethenianos desaparecem, numa espécie de (re)metamorfose ao andrógino. Enquanto para a personagem com características socioculturais e biológicas “terrenas” as relações e características são inicialmente fixas nos binarismos homem-mulher; masculino-feminino, sendo sempre as instâncias mulher/feminino secundárias ao “caule central” homem/masculino; as personagens gethenianas vivem num processo infinito de devir, cujas relações são baseadas em conexões rizomáticas, como proposto por Deleuze e Guattari:

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nesta conjun-

ção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE E GUATTARI, 1995, p. 36).

Outra falsa dicotomia no romance se apresenta nas diferenças entre as duas nações gethenianas pelas quais Genly Ai passa: Karhide, uma monarquia desorganizada; e Orgoreyn, uma “burocracia”. Algumas análises sugerem que essa dicotomia é uma alegoria da guerra fria, considerando, em especial, o fato de que Gethen, o planeta Inverno, vive em uma Era de Gelo. Caso seja de interesse do leitor, há diversos trabalhos publicados com esse intuito⁴. No entanto, o foco deste artigo não perpassa a ideia de intenção autoral ou análise comparativa com o contexto de produção, mas a uma perspectiva de leitura desconstrucionista.

Como, então, a relação dicotômica entre governos tão distintos pode ser desconstruída? Primeiramente, porque há um “terceiro espaço”, que é a aliança Ekumen, locus de enunciação inicial de Genly Ai, que fornece um elemento de quebra ao dualismo. Além disso, apesar de um potencial conflito entre Karhide e Orgoreyn, em Gethen não há guerra organizada, pelo menos não efetivada no momento da narrativa:

O fato é que os gethenianos, muito competitivos (como demonstrado pelos complexos canais sociais fornecidos para a competição por prestígio etc.) não parecem ser muito agressivos; pelo menos nunca tiveram, aparentemente, algo que pudesse ser chamado de guerra. Eles se matam facilmente aos pares; raramente aos montes; jamais às centenas ou milhares (LE GUIN, 2008, p. 97).

Mesmo com todas as diferenças entre os governos, não há disputa por poder militar, político

⁴ Ver: WALKER, Jeanne Murray. Myth, exchange and history in *The left hand of darkness*. *Science Fiction Studies* Vol. 6, No. 2 (Jul., 1979), pp. 180-189.

FREDRIC, Jameson. World reduction in *Le Guin: The emergence of utopian narrative*. *Science Fiction Studies* Vol. 2, No. 3, *The Science Fiction of Ursula K. Le Guin* (Nov., 1975), pp. 221-230.

ou econômico entre as nações – ao menos nada citado nos “documentos oficiais” que servem como narrativa. Apenas a disputa pelo Vale Sinoth (p.72), mas não há produção armamentista. Apesar de separadas, as nações convivem simbioticamente (o que não significa que não haja políticas higienistas ou de exclusão – existem, mas elas ocorrem internamente e em segredo). As crenças são também complementares: Yomesh, de Orgoreyn e Handdara, de Karhide. Aquela propõe uma sabedoria universal, possível de ser compreendida quando se obtém o conhecimento absoluto de todos os tempos: “É nisso que os yomeshitas acreditam sobre Meshe: que ele viu nitidamente o passado e o futuro, não por um instante, mas por toda a sua vida...” (LE GUIN, 2008, p. 70); e esta é formada especialmente por monges que têm o poder de prever o futuro “através de receptividade e consciência sensorial extrema” (p. 62), mas consideram este poder uma banalidade. Unidas, as nações e suas crenças temporais remetem ao símbolo do infinito, representado pela lemniscata, ou oito deitado. A compreensão espaço-temporal circular é refletida no calendário getheniano, que recomeça no “ano um” a cada ciclo: “O povo de Inverno, que sempre vive no Ano Um, acha o progresso menos importante que o presente.” (LE GUIN, 2008, p.56).

A percepção de tempo remete a um trecho da narrativa que traz a próxima dicotomia, desta vez desfeita para Genly Ai. Quando ele solicitou uma previsão do futuro no templo Handdara, passou a questionar a sanidade mental de alguns dos indivíduos presentes, em comparação aos demais, aparentemente “normais”:

Dois dos videntes permaneciam absortos, sem falar. Um deles levantava a mão esquerda de vez em quando e batia rápida e suavemente no chão dez ou vinte vezes, e então voltava a ficar imóvel. (...) eram os Zanis, disse Goss. Eram loucos. Goss os chamava de “divisores do tempo”, o que talvez signifique esquizofrênicos. (...) perguntei se os dois doentes mentais não poderiam ser curados. – Curados? – Perguntou Goss. – Você curaria a voz de um cantor? (LE GUIN, 2008, p.66-7).

O discurso de Goss, um handdarata gethe-

niano, permeando os interstícios da enunciação de Genly Ai, é o sinal do hibridismo se processando. A resposta de Goss é suficiente para alguém com valores comportamentais tão preestabelecidos como o enviado Ai questionar de onde vêm esses valores e compreender o indivíduo a partir de suas singularidades, o que é uma característica da condição humana, que forma a pluralidade, como sugere Hannah Arendt (2007):

A única atividade que se exerce diariamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na terra e habitam o mundo. (...) A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista, ou venha a existir (p. 15-16).

Apesar de não serem “terráqueos”, os gethenianos apreendem mais sua humanidade do que o próprio enviado, que faz análises precipitadas e enxerga tudo de acordo com as limitações que lhe foram impostas culturalmente. Ao considerar essa pluralidade, quebra-se o dualismo entre o mentalmente são e o louco, e permite enxergar os interstícios dos programas de verdade das personagens envolvidas no discurso.

Talvez o ponto mais forte da obra tratado, pelos críticos, como dualismo, seja a relação entre luz e escuridão. Normalmente vistos como elementos opostos, claro e escuro, normalmente utilizados simbolicamente para representar o bem e o mal, respectivamente, eles se permeiam “rizomaticamente” na narrativa, em especial quando Estraven e Genly Ai, nos capítulos finais da narrativa, atravessam a Geleira de Gobrín. Essa última falsa dicotomia se apresenta em múltiplas camadas, que podem ser explícitas através dos versos do poema que dá nome à narrativa (p. 224), e relacionando-os a alguns aspectos que desconstroem as dicotomias:

Luz é a mão esquerda da escuridão/ e escuridão, a mão direita da luz. A primeira camada é literal: quando Genly ai e Estraven atravessavam a geleira

de Goblin - fugindo de Orgoreyn, onde Genly havia sido enviado para uma “Voluntary Farm”, espécie de campo de concentração -, durante alguns períodos, nada se enxergava (escuridão), dada a branquidão excessiva da neve (luz). Os olhos mal abriam, grudados pela neve branca, e quando abriam, nada enxergavam. Não viam a si mesmos, nem ao outro, nem ao ambiente:

Esquiávamos cegos de olhos abertos. Dia após dia assim, e começamos a encurtar nossas viagens, pois no meio da tarde estávamos suando e trêmulos de fadiga. Cheguei a desejar neve, nevasca, qualquer coisa; mas, manhã após manhã, saíamos da barraca para o vazio, o clima branco, o que Estraven chamava de não-sombra. (LE GUIN, 2008, p.251).

Dois são um, vida e morte. O fato de não enxergarem nem mesmo o espaço, ou seja, essa concepção de não-sombra (*Un-shadow*), conduz à segunda camada: a percepção e a apreensão da alteridade, do ciclo do tempo e do espaço não mais como elementos fora de si, corroborando a ideia de permeabilidade e rizoma: quando não se sabe onde começa ou termina o que constitui a si mesmo, ao outro e a todas as coisas. A lemniscata do tempo cíclico entra aqui também na constituição do novo programa de verdade, próximo ao conceito de yin e yang, cujo símbolo é evocado no próximo capítulo:

Ele é encontrado na Terra, em Haim-Davenante e em Chiffewar. É o yin e yang. A luz é a mão esquerda da escuridão... Como era o verso? Luz, escuro. Medo, coragem. Frio, calor. Fêmea, macho. É como você, Therem. Ambos e um. Uma sombra na neve (LE GUIN, 2008, p. 259).

É válido notar que, no decorrer desse processo, as personagens passam inclusive a se tratar pelo primeiro nome: Therem, em vez de Estraven, e Genly, em vez de Ai. O estranhamento que havia no princípio, quando ambos se tratavam pelo sobrenome, paulatinamente se esvai num devir de ressignificações. Mesmo a morte iminente não é encarada como um contraponto à existência, mas como parte inseparável dela.

... como amantes no kemmer,/ como mãos entrelaçadas,/ como o caminho e a chegada. Este últi-

mo verso reforça a empatia e o amor que surge no momento crítico, quando juntos têm um objetivo maior (conseguir atravessar a inóspita geleira de Gobrin). A cumplicidade advinda da crise é responsável pelo processo de identificação entre eles: a imaginação constituinte se torna uma só, que é ao mesmo tempo identitária e única, eles se enxergam, mas permanecem singularmente distintos. Ou seja, a interpenetração entre eles (não carnal, já que não houve contato físico no processo), remete à ideia de rizoma, que se dá em um primeiro momento pela tradução da imaginação constituinte do outro. Essa tradução é metaforizada especialmente através da telepatia. Genly possuía a capacidade – desenvolvida pelos habitantes do planeta Rokanon, um dos formadores do Ekumen – de comunicar-se não-verbalmente, através de contato telepático. Até o momento, ele não conseguira se conectar telepaticamente com nenhum indivíduo getheniano, embora tivesse tentado. Era proibido, pela lei de embargo cultural do Ekumen, “eduzir” um indivíduo pertencente a um planeta não integrante da aliança. (Edução correspondia ao ensino de telepatia):

Diálogo mental era a única coisa que eu tinha a oferecer a Estraven, da minha civilização, minha realidade alienígena, na qual ele demonstrava profundo interesse. Eu poderia conversar e descrever coisas eternamente; mas aquilo era tudo o que realmente poderia lhe dar. De fato, talvez seja a única coisa importante que temos a oferecer ao planeta Inverno. Mas não posso afirmar que gratidão tenha sido o motivo da minha infração à Lei de Embargo Cultural. Não estava pagando minha dívida com ele. Estas dívidas jamais são pagas. Estraven e eu simplesmente havíamos chegado a um ponto em que compartilhávamos qualquer coisa que tivéssemos e que valesse a pena compartilhar. (LE GUIN, 2008, p. 239).

Este momento de extrema empatia entre as personagens conduz, finalmente, à concretização da comunicação não-verbal, quando curiosamente Estraven se vê conversando com seu irmão e companheiro em kemmer, falecido há anos, ao conectar-se com Genly Ai. Esta é a imagem da mais profunda conexão entre eles:

Tentamos o diálogo mental novamente. Nunca antes eu enviara repetidamente a um completo não-receptor. A experiência foi desagradável. Comecei a me sentir como um ateu rezando. Logo Estraven começou a bocejar e disse: – Sou surdo, surdo como uma pedra. É melhor irmos dormir. – Concordei. Desligou a luz, murmurando seu breve louvor à escuridão; embrenhamo-nos em nossos sacos de dormir, e em um ou dois minutos ele estava mergulhando no sono, como um nadador mergulha em águas escuras. Sentia seu sono como se fosse o meu: o vínculo empático estava lá e, sonolento, uma vez mais contatei sua mente, chamando-o pelo nome: – Theren! – Subitamente, sentou-se, pois suas palavras soaram acima de mim no escuro, em voz alta. – Arek, é você? (LE GUIN, 2008, p. 243-4).

Apesar de apresentar diversas sugestões de binarismo – identidade e alteridade; masculino e feminino; Karkide e Orgoreyn; Yomesh e Handdara; sanidade e loucura; tempo linear e tempo circular, luz e escuridão -, a narrativa permite compreender que esses elementos nunca são instâncias opostas, num sentido dialético, mas pressupõem uma compreensão “para além do pensamento abissal”:

[O pensamento abissal] Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que as invisíveis fundamentam as visíveis. As distinções invisíveis são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o universo “deste lado da linha” e o universo “do outro lado da linha”. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece enquanto realidade, torna-se inexistente, e é mesmo produzido como inexistente. (...) A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha. (...) o pensamento pós-abissal tem como premissa a ideia da diversidade epistemológica do mundo, o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento (SANTOS, 2007, p. 3-25).

As instâncias aparentemente polares são, desta forma, mais relacionadas ao equilíbrio do movimento de devir e rizoma, onde não há como expor

de maneira exata o que deriva de qual lado da linha: é o reconhecimento da condição humana da pluralidade e a fluidez entre as imaginações constituintes. Apesar de aparecerem vozes narrativas distintas durante o livro, a travessia da geleira é a única que apresenta duas vozes diferentes em uma mesma parte da história, quando Estraven e Genly Ai estão juntos e sozinhos. E é neste instante que a identidade pela alteridade se explicita, e o que foi estranho se torna familiar. A permeabilidade rizomática entre os lados da linha, que eram considerados, em um primeiro momento, opostos, permite que formem um movimento fluido de (re)significações.

Luana Barossi é doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade de São Paulo e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP. Contato: luanabarossi@usp.br

Referências:

- ARENDRT, Hannah. A condição humana. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- BHABHA, Homi. The location of culture. London and New York, Routledge, 1994.
- BRAIDOTTI, Rosi. Nomadic Subjects: Embodiment and sexual difference in contemporary feminist theory. New York: Columbia University Press, 1994.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- LE GUIN, Ursula. A mão esquerda da escuridão. Trad. Suzana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008. A primeira edição em inglês data de 1969.
- RUSS, Joanna. The image of women in science fiction. In: KOPPELMAN, Susan [org.]. Images of women in fiction: Feminist perspectives. Ohio: Bowling Green University Popular Press, 1973.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 78, p.3-46, 2007.
- VEYNE, Paul. Acreditavam os gregos em seus mitos? Ensaio sobre a imaginação constituinte. Tradução: Horácio González e Milton Meira Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.



Os Despossuídos

OS DESPOSSUÍDOS, UM DOS CLÁSSICOS DA FC

por Dario Andrade

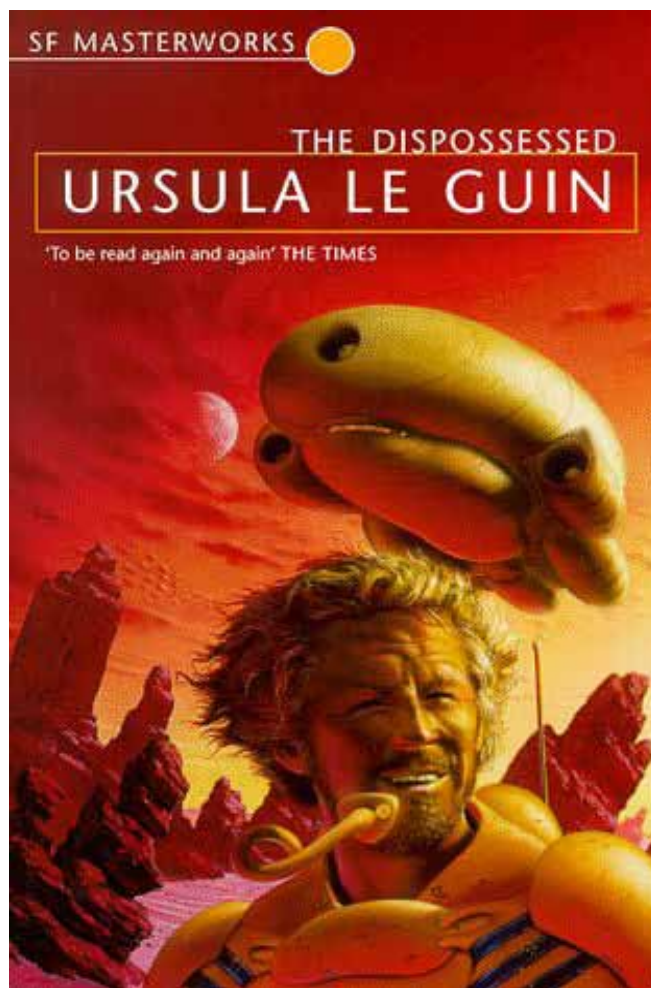
“**H**avia um muro. Não parecia importante. Foi construído em pedra bruta e grosseiramente cimentado. Um adulto podia olhar por cima dele e até uma criança podia subir nele. No ponto em que interceptava a estrada, em vez de ter um portão o muro declinava até tornar-se mera figura geométrica, uma linha, uma ideia de limite. Mas essa ideia era real, era importante. Por sete gerações não houve nada mais importante no mundo do que o muro.

Como todos os muros, era ambíguo, tinha dois lados. O que havia em seu interior ou o que estava no exterior dependia de onde fosse olhado”⁵.

Esses são os dois primeiros parágrafos de **Os despossuídos**, na tradução brasileira de Danilo Lima de Aguiar, publicada pela Nova Fronteira, em 1978, apenas quatro anos depois da edição americana original.

Havia lido o livro há muitos anos, talvez uns vinte e cinco, e tinha na memória impressão muito boa, tanto que era dos poucos livros, de FC ou não, que fui mantendo ao longo do tempo, depois de muitas e muitas mudanças de endereço.

Relido agora, ficaram mais claras as muitas referências políticas do livro e o enraizamento que a obra tem em longa tradição do pensamento anar-



quista. Isso, no entanto, não significa que eu não eu continue a admirar **Os despossuídos**. Para mim, ainda é um grande livro e mereceria, sem dúvida, nova edição brasileira⁶.

Os despossuídos faz jus ao subtítulo original de “uma utopia ambígua” porque traz à baila de jeito original o tema das utopias, que na prática e na

⁵ LE GUIN, Ursula K. *Os despossuídos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978. p. 9.

⁶ A edição portuguesa, publicada pela Europa-América em dois volumes, recebeu o título de **Os despojados**. É encontrada facilmente em livrarias.

literatura foram sendo postas de lado ao longo do século XX e foram se transformando nas distopias, em que o sonho teórico de um mundo melhor se transmutava em algo pervertido, sombrio.

Os dois livros distópicos clássicos do século XX são **1984**, do George Orwell, e **Admirável Mundo Novo**, do Aldous Huxley. Ambos duvidam que seja possível construir um novo mundo, um novo projeto social capaz de construir racionalmente uma sociedade mais justa e mais igualitária. Em ambos os casos, Orwell e Huxley, a utopia é brutalmente derrotada e as sociedades existentes nas duas obras são insuportáveis, asfixiantes, destruidoras de cada pingão de individualidade e de esperança.

Ursula K. Le Guin renova a utopia como possibilidade literária a partir de todas as mudanças sociais trazidas pela década de 1960. Isso leva Le Guin justamente a buscar a possibilidade de uma utopia no anarquismo, cujo último suspiro político relevante em nossa história se deu quando da guerra civil espanhola.

Depois de 1939, o anarquismo, como o projeto político, se tornou elemento presente em franjas políticas, mas longe das correntes políticas principais, apesar de continuar vivo, aqui e acolá, ressurgindo de tempos em tempos.

Pois bem, no livro a sociedade anarquista existe na lua Anarres, que orbita o planeta Urras, no sistema Tau Ceti. Enquanto Urras é um planeta exuberante, belíssimo, cheio de vida, com fauna e flora impressionantes, Anarres é um lugar seco, que mal sustenta a vida humana; com poucos mares, tem vida marinha, mas nenhuma vida animal terrestre, nem mesmo pássaros, o que faz a lua, nas palavras de um dos personagens, um lugar silencioso.

Anarres, assim, está pouco acima do limite que assegura a existência de vida humana e esse drama ecológico, de aridez, de escassez, é sentido pelos personagens.

Urras é dividido em vários estados-nação, em que, pelo menos no livro, três se destacam. A-Io é uma sociedade capitalista, mas aqui e acolá com elementos feudais. Thui é uma sociedade autoritária.

Aparentemente comunista, mas que tem elementos algo fascistas. Benbili, por fim, é o arquétipo de um país de terceiro mundo, subdesenvolvido, em que as duas grandes potências, A-Io e Thui, apoiam grupos rivais e os ajudam militarmente.

Adicionalmente, e isso tem importância na estória, existe a presença de humanos de outros sistemas solares, os de Terran – o nosso planeta mesmo – e de Hain, que no ciclo de estórias dos Hainish, do qual *Os despossuídos* faz parte, é o planeta original de todos os humanos. Aqui se abre rápido parêntese. *Os despossuídos*, mesmo escrito posteriormente, é o primeiro livro do ciclo. Shevek, o personagem principal do qual falaremos mais daqui a pouco, é o grande responsável teórico pela criação do ansível (ansible), o aparelho que permite a comunicação instantânea entre planetas e permite que eles depois venham a se reunir em uma Liga de Planetas. Fecha-se parêntese.

A colonização em Anarres data de uns 150 anos antes dos fatos narrados e se originou quando os grupos anarquistas seguidores de Laia Odo se tornaram suficientemente grandes para incomodar os poderes estabelecidos em Urras. A solução, à época, foi oferecer Anarres como destino para os anarquistas. Em troca, foi determinado que ninguém de Urras pode se estabelecer na lua e ninguém de Anarres poderia voltar para Urras.

Pois bem, a estória do livro envolve justamente a volta de um habitante de Anarres para Urras. No caso é o físico Shevek, o criador do ansível, que é convidado para ir a A-Io, o principal país de Urras. A estória é narrada em dois planos e em capítulos alternados. No primeiro, estão as ações presentes de Shevek, a partir de sua partida de Anarres. No segundo, está todo o desenvolvido de Shevek, desde a sua infância até os acontecimentos que o levarão a sair de Urras.

No primeiro plano, passado em Urras, está Shevek em conflito com a sociedade capitalista na qual ele é um corpo estranho. Mesmo em sua atividade científica ele percebe que está fora da ordem e que efetivamente nunca será parte da sociedade daquele planeta.

No segundo plano, Shevek, ainda em Anarres, é o ponto no qual o leitor é levado a ver que nem todas as coisas na lua são tão utópicas assim. Há também ali coisas fora do lugar. Mesmo assim, é aí que Shevek amadurece, se estabelece intelectualmente, se casa com Takver e tem duas filhas com ela.

Tanto em Urras quanto em Anarres há muros por toda parte. Alguns são bem simples, como o do porto espacial do início do livro, outros são simbólicos e mais sólidos e existem dentro das pessoas.

A ambiguidade da utopia de Le Guin se encontra em alguns muros que foram sendo construídos na sociedade de Anarres. Em primeiro lugar, é uma sociedade estabelecida há uns cento e cinquenta anos e os dias heroicos da colonização da lua estão distantes. Também está muito distante o fervor das ideias de Laia Odo e dos primeiros anarquistas colonizadores. No tempo presente do livro, os problemas do cotidiano dão a tônica.

Em segundo lugar, a contraposição com o rico país de A-Io, no planeta Urras, é muito forte. Enquanto nesse último há riqueza por toda parte, em Anarres, a pobreza é a tônica. O nível de desenvolvimento material é bastante baixo e aí está bem coerente com uma sociedade anarquista. Como Shevek admite em certo ponto do livro “[Anarres] não é maravilhoso. É um mundo feio. (...) Só tem poeira e montanhas áridas em Anarres. Tudo é escasso, seco. E as pessoas não são bonitas. Tem mãos e pés grandes, como os meus (...)”⁷. Por outro lado, ele aproveita e a seguir faz um contraponto com a riqueza de Urras: “Tudo é bonito, aqui [em Urras]”, mas observa ele que “Porque nossos homens e nossas mulheres são livres... nada possuindo são livres. E vocês [de Urras] os possuidores são possuídos. Vocês vivem numa prisão, morrem numa prisão. E só o que posso ver nos olhos de vocês... o muro, o muro!!”⁸.

Em terceiro lugar, apesar da sociedade anarquista, há o elemento humano. Os seres humanos continuam com os seus defeitos, como a mesquinhez, a inveja, o orgulho, a despeito de 7 gerações de colonizadores, mesmo que ainda tenha sido criada uma língua própria, o Právico, que teria a função de mudar a relação da linguagem com a sociedade, na medida em que existiria uma relação entre essas duas.

Em quarto lugar, a sociedade anarquista é dependente da economia de Urras. Enquanto exporta minérios, precisa importar produtos mais sofisticados, como os eletrônicos.

Em quinto lugar, mesmo na anarquia de Anarres, existem estruturas de poder que foram se consolidando com o tempo, caso, por exemplo, do CDP, a Coordenação da Distribuição da Produção, que “é um sistema de coordenação para todos os sindicatos, federações e indivíduos que se dedicam ao trabalho produtivo”⁹.

Em sexto lugar, Le Guin põe toda a ambiguidade da utopia, porque se velhos problemas são postos de lado na lua, outros são criados. Se a competição, a ganância e o dinheiro são deixados para trás, há um novo desafio, que é a opinião pública. Isso, aliás, já era um problema que os pensadores anarquistas do século XIX tinham consciência. Nesse ponto, Le Guin observa que vozes dissonantes são incômodas mesmo naquela sociedade que seria a utopia. Não por acaso um dos personagens do livro, Tirin, amigo de Shevek, depois de escrever peça de teatro que é vista como anti-odonista¹⁰, é marginalizado ao ponto de ser internado em hospital psiquiátrico. Em certo momento do livro, Shevek tem diálogo com a mulher, Takver, em que expõe esse lado da sociedade anarquista: “Nós não cooperamos, nos obedecemos. Temos medo de sermos marginalizados, de sermos chamados de preguiçosos, de dis-

⁷ LE GUIN, op. cit. p. 170.

⁸ Idem.

⁹ Ibidem. p. 62.

¹⁰ Odonistas são todos os habitantes de Anarres porque seguidores de Laia Odo, a personagem que cento e cinquenta anos antes fundou essa corrente anarquista.

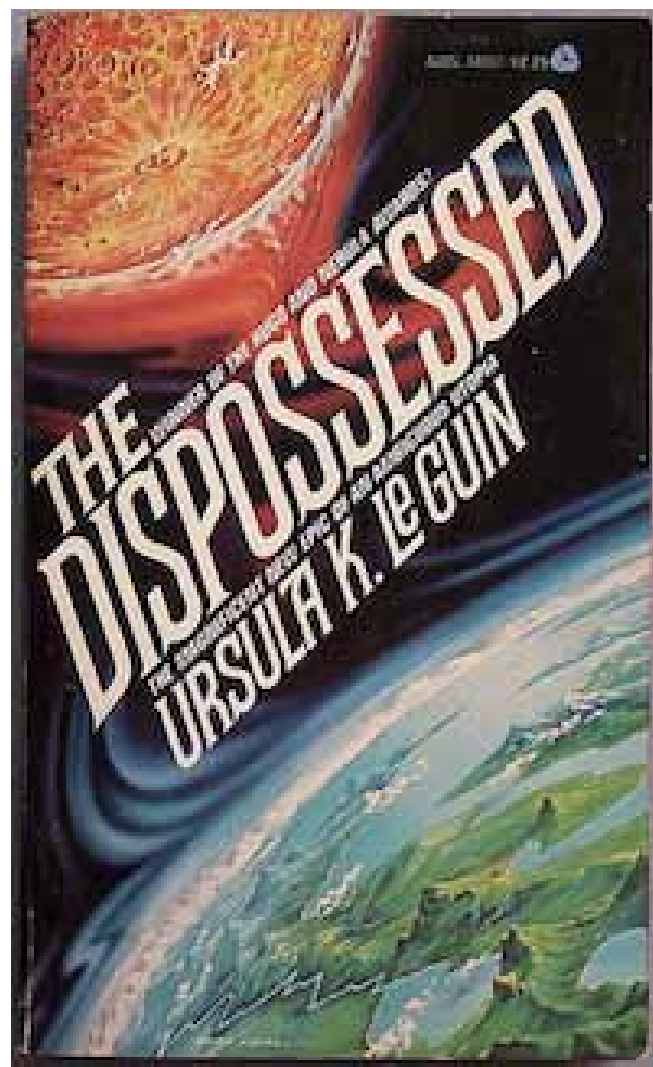
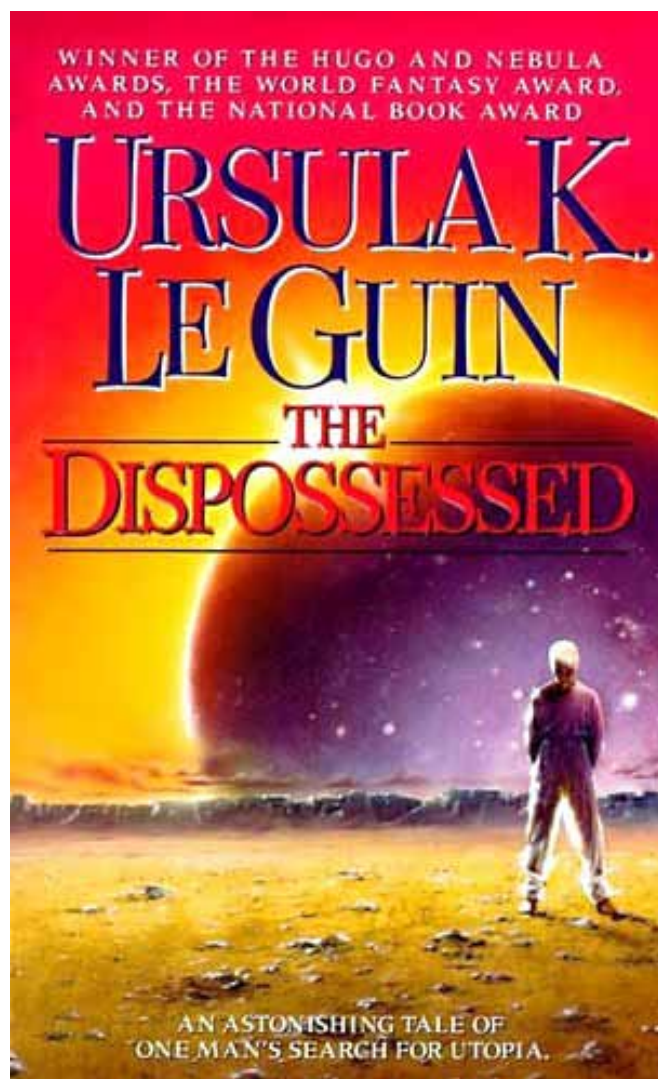
funcionais, de egoizadores. Tememos mais a opinião do vizinho do que respeitamos nossa própria liberdade de escolha”¹¹.

Enfim, **Os despossuídos** é profunda reflexão sobre o anarquismo e a sociedade anarquista. Le Guin, se pode soar panfletária em certos momentos, também mostra os defeitos dessa sociedade utópica. Em certa medida, essa disfuncionalidade que permanece nessa nova vida social é também percebida em um livro muito posterior, **A Infância de Jesus**, do sul-africano J. M. Coetzee, em que a construção de uma nova sociedade também é cheia de defeitos.

Ganhador de um *Hugo* e de um *Nebula*, **Os despossuídos** desde o seu lançamento se mostrou

como um dos grandes livros da Ficção Científica e foi uma das razões que acabaram por tornar Le Guin um dos principais nomes do gênero. Enfim, é um livro que qualquer fã deveria ler. A obra de Le Guin, por sinal, merece mais carinho dos editores brasileiros.

Por fim, cabe lembrar que o conto **O dia antes da revolução** tem tradução brasileira recente, realizada por Roberto de Sousa Causo. Está publicado na coletânea **Assembleia Estelar**, editada por Marcello Simão Branco e publicada em 2010 pela Devir. Nesse conto, passado um século e meio antes de **Os despossuídos**, Le Guin traz a personagem de Laia Odo, a fundadora do ideário anarquista. Também é leitura altamente recomendada.



¹¹ Ibidem. p. 243.

R Floresta é o Nome do Mundo

FLORESTA É O NOME DO MUNDO

por Prof. Dr. Edgar Indalecio Smaniotto

(membro do CLFC)

LE GUIN, Ursula K. **Floresta é o nome do mundo**. Portugal: Edições Europa-América, [s.d].

O livro *Floresta é o nome do mundo* (The Word for World is Forest – 1972), de Ursula K. Le Guin é o relato da resistência de uma cultura nativa alienígena pacífica, os athsheanos, contra os umenos (humanos terrestres) colonizadores e guerreiros.

A história passa-se em um planeta colonizado por seres humanos, há 27 anos luz da Terra, os colonos estabelecem contato com aeronaves humanas somente a cada quatro anos e por rádio (neste universo não existe viagem na velocidade da luz). Os humanos (chamados de umenos) consideram os nativos como semi-inteligentes (comparando-os com macacos e outros primatas terrestres). Os nativos athsheanos são chamados pelos humanos de “critur”, ou seja, criaturas. O planeta é denominado de Novo Taiti, devido a sua paisagem coberta de florestas.

Os critur são descritos da seguinte forma:

a coisa mais próxima que se desenvolvera a partir da linha do macaco para os substituir era o critur, com um metro de altura e o corpo coberto de pelagem verde (p. 14).

Estes seres são panteístas biológicos, pois estão ligados biologicamente a seu planeta, às árvores,



que formam uma espécie de mente coletiva entre a natureza do planeta e os critur. *Floresta é o nome do mundo* foi agraciada com os prêmios Hugo e Locus de melhor novela em 1973, sendo parte do *Ciclo de Hainish*, um universo ficcional criado por Ursula K. Le Guin, em que os Hainish colonizam uma pequena parte da Via Láctea. A primeira colônia dos Hainish foi a Terra.

Por terem naves que viajam apenas próximo

à velocidade da luz, os Hainish foram perdendo contato com os mundos colonizados, assim todos os alienígenas (inclusive humanos) são descendentes dos Hainish adaptados ao seu ambiente (pantropia). No livro é também levantada a hipótese de que os *critur* possam ser descendentes de antigos colonizadores de Atlântida.

Pantropia é uma palavra criada pelo escritor de ficção científica James Blish, este conceito pode ser descrito como uma adaptação dos seres humanos a diferentes ambientais planetários, uma alternativa à adaptação de planetas alienígenas aos humanos (terraformação). Blish trabalha o conceito na série *The Seedling Stars*.

A colonização humana se firma economicamente na exploração da madeira, exportada para a Terra, madeira retirada de forma tão predatória que uma das ilhas dominadas pelos humanos passa a ser chamada de Ilha do Entulho (por já estar toda destruída), sendo a madeira o principal recurso do planeta:

Novo Taiti era essencialmente água, mares tépidos e pouco profundos interrompidos aqui e além por recifes, ilhotas, arquipélagos e as cinco grandes Terras que se estendiam ao longo de um arco de 2500 quilômetros ao longo de Quartosfera de Noroeste. E todos aqueles salpicos e borões de terra estavam cobertos de árvores. Oceano, florestas. Eram essas as alternativas em Novo Taiti. Água e luz do sol ou escuridão e folhagem (p. 13-14).

A colonização segue sem maiores complicações para os humanos, que paulatinamente vão destruindo suas florestas, sem nenhuma resistência dos *critur*, uma espécie não violenta, que sequer desenvolveu este conceito. Os *critur* resolvem suas desavenças através de um ritual de canto.

Entretanto, o chefe militar dos colonos terrestres estupra e mata uma mulher *critur* (era comum que homens terrestres fizessem uso sexual de mulheres *critur*, devido à falta de mulheres humanas, o próprio livro começa com a entrega de um ‘carregamento de mulheres humanas’ em Novo Taiti). O companheiro da mulher, o *critur* Selver, responde com violência à afronta e chega a matar alguns hu-

manos, algo inédito na cultura *critur*.

Os *critur* têm sonhos lúcidos (algo parecido com o que denominamos viagem astral), e Selver passa a ser considerado um deus sonhador (por ensinar um novo tipo de sonho a sua espécie – o sonho da morte e violência). O novo tipo de sonho passa a ser retransmitido para todas as comunidades *critur* por mensageiras sonhadoras.

Inicia-se então uma revolta contra os humanos, com Selver comandando os *critur* e o capitão Davidson os humanos. Outro personagem importante na obra é o antropólogo Lyubov. É possível identificar nos *critur* os nativos americanos colonizados pelos europeus, e o antagonismo entre o misticismo/natureza/pacifismo frente à tecnologia/civilização/violência, a novela tem assim certa concepção filosófica que lembra o filósofo Rousseau e seu ‘bom selvagem’.

Segundo alguns críticos, *Floresta é o nome do mundo* foi uma das obras que influenciou o roteiro do filme *Avatar* de James Cameron (2009), pela apresentação dos nativos e da colonização humana. Para além desta possível comparação, *Floresta é o nome do mundo* vale a pena ser lido. É um ótimo livro, independente de ter sido ou não fonte de inspiração para *Avatar* (2009). Boa Leitura!

Prof. Dr. Edgar Indalecio Smaniotto, filósofo, mestre e doutor em Ciências Sociais. Foi resenhista das revistas *Scarium Magazine* e *Macrocosmo.com*. Pesquisador acadêmico com diversos textos publicados sobre literatura especulativa. Membro da Associação Brasileira de Antropologia – ABA; da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC; da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial – ASPAS e do Centro de Educação Transdisciplinar - CETRANS. E-mail: edgarsmaniotto@gmail.com



Do Outro Lado do Sonho

DO OUTRO LADO DO SONHO

por Marcello Simão Branco

Do que são feitos os sonhos? Qual sua relação com a realidade, tal qual a conhecemos e percebemos? E o que falar da própria realidade? No fundo não temos certeza por onde andamos e sob que concretude estamos assentados.

Destas profundas e recorrentes perguntas, que todos já nos fizemos algumas vezes, trata o romance *Do Outro Lado do Sonho* (*The Lathe of Heaven*), da Ursula K. Le Guin. Livro publicado em 1971, que nos mostra a autora no auge, em pleno exercício de sua prosa e de sua criatividade.

Foram publicadas duas edições em Portugal. Esta que eu li é o número 3 da coleção Orion, da editora Edições 70. A outra chamou-se *O Flagelo dos Céus*, número 64 da coleção Europa-América.

George Orr é um sujeito atormentado. Ele sonha. E dos seus sonhos criam-se novas realidades, das quais ele é o único elo com a realidade passada. Em desespero, passa a drogar-se, é internado e lhe recomendam um tratamento voluntário com um psiquiatra, um especialista em sonhos.

Logo após a primeira sessão, a realidade já estava alterada. No lugar de um quadro do Monte Hood que antes estava na parede do consultório, encontra-se agora o quadro de um cavalo, conforme lhe fora recomendado a sonhar pelo Dr. Haber. A partir daí, de sessão em sessão as transformações irão se acentuar de maneira radical. Isso porque George percebe que o Dr. Haber é testemunha das



modificações que ele faz ao mundo, com seu sonho. O perturbado sonhador procura a ajuda de uma advogada. Ela comparece a uma sessão com o pretexto de atestar a idoneidade do tratamento do doutor, mas acaba por testemunhar também o nascimento de um novo e radical mundo: da janela do consultório, onde antes olhava imponentes edifícios da metrópole de Portland, via-se agora uma paisagem bucólica com casas modestas e muita vegetação.

O Dr. Haber potencializa os sonhos de George

usando uma máquina que ele chama de aumentador. Hipnotiza o paciente, conecta eletricamente o seu cérebro com o amplificador de sonhos, e transforma em nova realidade seus mais desvairados desejos e visões de mundo. Tenta transformar a realidade em suas utopias, terminando com as guerras, com o racismo. Mas os efeitos colaterais são terríveis e desestruturam as vidas de milhões de pessoas, suas memórias, seus destinos e suas existências. Até a figura de extraterrestres benevolentes vindos de Aldebarã cabe em seus delírios a fim de acomodar seus projetos de reconstrução do mundo.

Mas George continua sonhando e mudando a realidade. Só que agora de forma induzida e controlada, servindo de instrumento para um cientista que quer se fazer de Deus. Ele procurará se insurgir contra o Dr. Haber, nem que com isso nada reste de qualquer fiapo, qualquer noção de continuidade entre um sonho e uma realidade e desta para uma próxima realidade.

Le Guin imprime um bom ritmo ao texto, não se voltando para uma interpretação mais densa e complexa da natureza do sonho e da realidade, procurando deixar a própria narração dos acontecimentos falar por si. Nem a fonte do poder de George para modificar a realidade nos é explicada.

Cabe ao leitor, então, mergulhar nas mais livres interpretações sobre as consequências dos acontecimentos da história, bem como voltar-se a tentar entender que relação pode existir de fato entre sonho e realidade.

George é um sujeito sem paz. O mundo não tem paz. Haber se entusiasma de forma megalômana e passa a dispensar George. O cura: pede para ele sonhar que não terá mais sonhos com modificações da realidade. O próprio Haber se conecta ao aumentador e passa a transformar a realidade a partir de seus sonhos. O mundo entra em colapso. Das cinzas, a sociedade é reconstruída, e George conforma-se em viver e deixar viver. Sem tentar entender o que, de fato, não pode ser entendido em sua plenitude. Mas George ainda está amargurado e sem paz. O alívio lhe aparece no fim da história quando reencontra a advogada, por quem se apaixonara e casara em outra realidade. A cena final é de forte simbolismo, com Le Guin nos deixando habilmente a indagação do que terá sido do mundo e da vida de George Orr, seja em que realidade for. Uma história marcante e inesquecível.

(Texto originalmente publicado no site “e-nigma”: <http://e-nigma.com.pt/>)



The truth is: you'll never leave

REFLEXÃO SOBRE O CONTO «THE ONES WHO WALK AWAY FROM OMELAS»¹²

por Luís Filipe Silva

1 – Omelas, o Convite

Omelas não se encontra em mapas. Ignora-se onde estarão as suas ruínas, que língua se falava, quais os traços das suas gentes, qual a fisionomia, qual a sua história. Omelas é translúcida, um filtro que se impõe sobre outras imagens em jeito de marca-d'água que denuncia uma identidade distinta da aparente e que, por isso, convida à procura.

2 – Omelas, a Suspeita

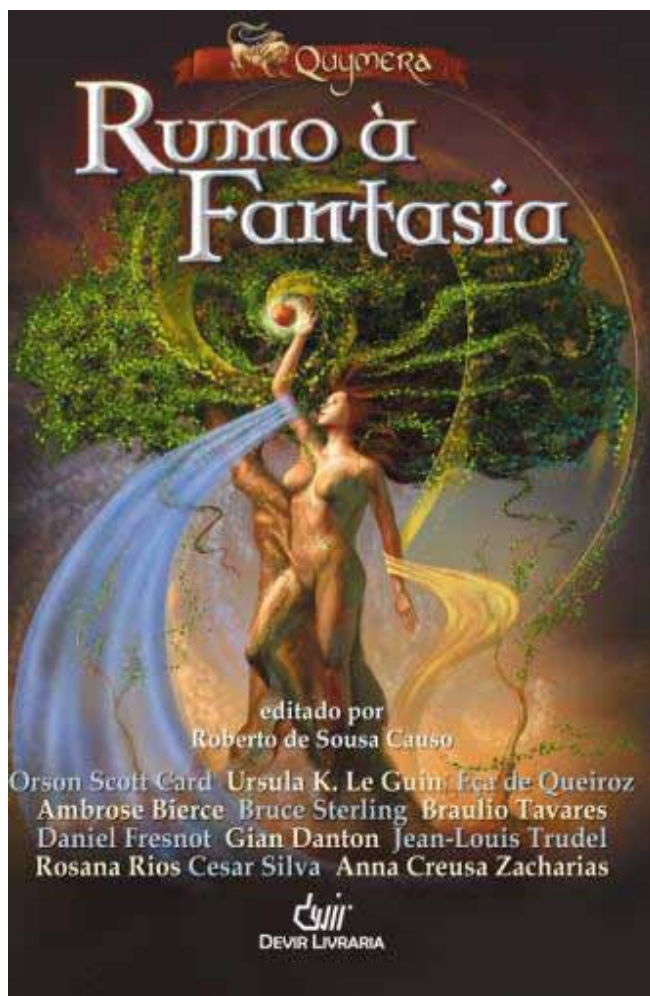
Será Omelas uma fábula da civilização? Um espelho de feira que contorce e distorce a perfeita aparência numa sugestão de grotesco que, diz-nos a autora, é a única verdadeira?

É teu aquele reflexo?

Se assim for, onde está a criança fechada na sala escura que sacrificaste pelo bem da Utopia? Onde fica a porta, onde escondeste a chave? Estás disposto a libertá-la?

Mais importante: quem é a criança? Quem é ela, para ti? Quando fechas os olhos, de quem é o rosto que te assombra?

Precisamos de Omelas para falar de nós?



3 – Omelas, o Fractal

Em Omelas, esconde-se a criança da vista pública, guarda-se no cofre, deixa-se lá a sofrer. Contudo, é fácil: longe da vista, longe do coração. A capacidade humana para a empatia pelo sofrimento dos outros só chega a determinado ponto; a partir daí, os velhos mecanismos de sobrevivência passam a funcionar, e surge o pensamento normal de «antes

¹² Nota do Editor: Este conto foi publicado no Brasil sob o título “Os que se afastam de Omelas” na antologia Rumo à Fantasia (organizada por Roberto Causo, Editora Devir, 2009), em tradução de Ivan Carlos Regina.

ele do que eu».

Le Guin teria conseguido um resultado diferente, e uma análise mais profunda sobre o comportamento humano, se a sociedade obrigasse a que, no momento de substituir a criança (em caso de morte, por exemplo), todas as crianças até determinada idade fossem elegíveis para a escolha, sem possibilidade de exclusão nem de preferência, sem diferença entre classes e raças, sem forma de viciar os dados.

Gozar a utopia implicava que todos os adultos, mais velhos ou mais jovens, todos os membros da comunidade, teriam de aceitar que um dos seus, filho, irmão, amigo, lhes poderia ser retirado e condenado a passar o resto da vida preso numa cela sem luz, despojado para sempre do contato humano, do sol, da liberdade, tendo por única benesse a esperança de que, sob tais condições, não fossem muitos os dias que lhe restavam.

Aliás, vamos ser perfeitamente dramáticos e prender todas as crianças elegíveis na cela durante a fase de seleção, vamos fazê-las tremer e borrar-se de medo da possibilidade de nunca mais saírem, vamos colocar pressão sobre essa sociedade para que a escolha seja rápida, para que seja feita. As famílias quererão as crianças de volta, assombradas pela lembrança do período em que, na infância, também eles habitaram aquele lugar horrendo. Vamos, inclusive, tornar absoluto este pecado e obrigar a uma escolha por voto unânime. Todos serão culpados, não há cartuchos em branco neste pelotão de fuzilamento. Não há a possibilidade de redenção. Serão todos cúmplices, nesta imaculada sociedade-modelo, da condenação lúcida de um inocente ao martírio em prol de si mesmos. Se não escolherem, as crianças não saem. Se alguém não votar, as crianças não saem. Se alguém votar de forma diferente, as crianças não saem. A escolha tem de acontecer. Mesmo para os pais da criança. Principalmente para os pais dela. Sacrificar o seu filho único ou escolher um de entre os seus rebentos. Pode ser o teu irmão, pode ser a criança do vizinho que vinha bater-te à porta em noite de festa.

Feita a escolha, surge o alívio dos restantes

pais, o alívio das crianças libertadas, perante o retorno à normalidade dos dias; exceto para uma delas. Exceto para aquela que foi condenada para a vida, sem possibilidade de recurso. Sem ter cometido o crime.

A verdade é que foram todos condenados. Agora que tinham participado num sacrifício consciente e deliberado de um entre os seus pares (naquela sociedade não existiam estrangeiros, escravos, serventes, minorias, não havia o Outro), estavam moralmente tão presos quanto a criança, fechados também numa cela, embora esta fosse dourada e cheirasse a campo.

O que Le Guin não disse foi que também Omelas pode ter a sua Omelas.

4 – Omelas, a Irmã

Desistiriam de Omelas, vocês que tinham passado pelo trauma? Iriam para uma cidade desconhecida, outro país? Fugiriam para o campo, tornar-se-iam eremitas? Será que no fundo dos vossos espíritos não teriam receio de que o próximo local cultivasse outros rituais bizarros, ainda mais cruéis, sobre os quais nada conheceriam até ao momento de acontecerem (porque, obviamente, disso não se fala, ou quando se fala, pode ser engodo)? Será que, nestes rituais, não seriam vocês os sacrificados?

O contrato social é algo terrível. Temos crianças fechadas naquela cave, a sofrer, a morrer aos poucos. Há quem consiga não viver com isso. Mas é parte integrante da condição humana.

O que é revelador neste conto não se encontra no segredo cruel, mas na nossa desconfiança irreduzível da Utopia. Suspeitamos de sorrisos que não se apagam, de palavras sempre afáveis, de vozes que nunca se erguem nem punhos que nunca se formam. Suspeitamos das ruas limpas e das crianças que brincam educadamente. Os nossos olhos procuram, antes de mais, a porta do túmulo que encerra a criança. E quando a descobrimos, sentimos que tudo está normal no mundo. Eis a essência do verdadeiro pecado original.

Le Guin soube-o. Soube-o quando escreveu

Os Despojados (no Brasil, *Os Despossuídos*) para falar da Utopia Ambígua.

Soube dizer: «Acreditam no que vos conto? Aceitam a realidade do festival, da cidade, de toda esta alegria? Não? Deixem-me então mostrar-vos mais uma coisa.».

(A primeira versão deste texto foi originariamente publicada no blog do autor, “Efeitos Secundários”: <http://www.tecnofantasia.com/cgi-bin/tfmaint.cgi/01/T/B1055070632/1214052710>. No mesmo blog, podemos encontrar a resenha escrita por Luís Filipe Silva para a obra *Os Despossuídos – os Despojados*, em Portugal: <http://www.tecnofantasia.com/cgi-bin/tfmaint.cgi/01/T/B1055070632/1273630413>)

R

Expulsos da Terra

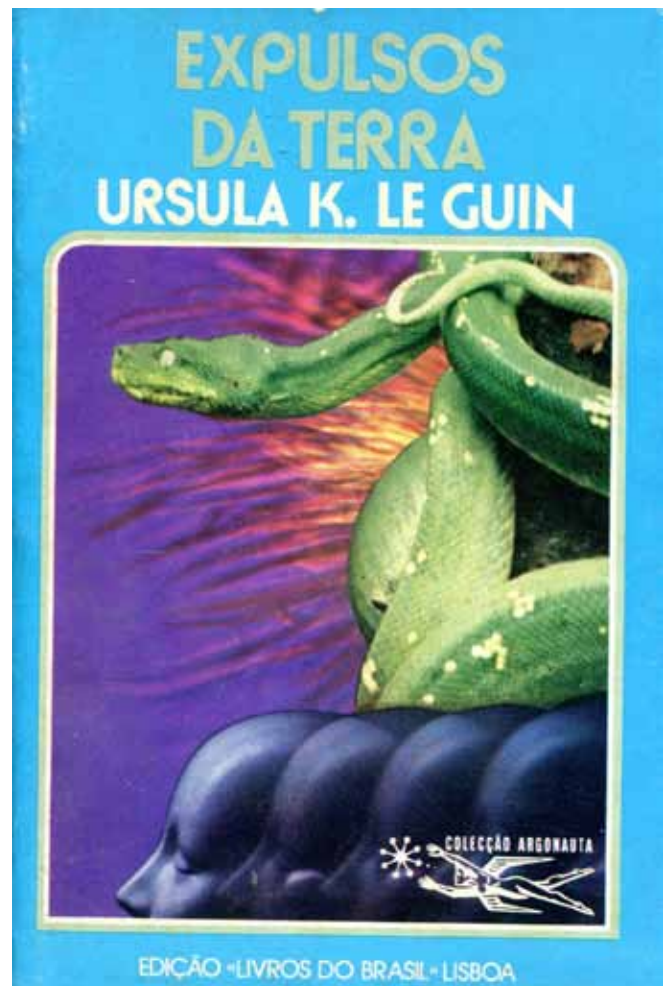
EXPULSOS DA TERRA

por Ricardo Guilherme dos Santos

Expulsos da Terra, obra de Ursula Le Guin publicada na Coleção Argonauta (volume 319), tem como ponto de partida a colonização de Victoria, um planeta com recursos naturais semelhantes aos da Terra. Os primeiros terrestres enviados para lá eram considerados desajustados, em razão de sua grande agressividade. Em sua maioria, eram verdadeiros criminosos, por esta razão decidiu-se que deveriam ser segregados do convívio com os demais. Victoria, portanto, tornou-se ao mesmo tempo um mundo em colonização e uma espécie de planeta-prisão. Uma curiosidade: os primeiros habitantes de Victoria vinham de cidades como Buenos Aires, Rio de Janeiro e Brasília, grandes centros populacionais de um território que Le Guin denominou “Brasil-América”.

Cinquenta anos depois da chegada dos colonizadores pioneiros, um novo grupo de “desajustados” foi enviado para Victoria, oriundos de uma localidade conhecida como “Canamérica”. Paradoxalmente, eram conhecidos como o Povo da Paz e foram exilados em razão de sua moralidade e por serem considerados pacíficos em demasia. Por estes surpreendentes motivos, foram também considerados perigosos para a civilização da Terra.

Por ocasião da chegada dos novos habitantes – vindos, aliás, em uma espaçonave cedida pelo Brasil –, os primeiros colonizadores já haviam estabelecido naquele planeta uma pequena cidade. Os recém-chegados estabeleceram-se cerca de dois quilômetros adiante e passaram a chamar os pio-



neiros de “Patrões”, em razão da postura de liderança que adotaram frente ao Povo da Paz.

Dentre os Patrões, destaca-se a figura de Luz Marina, filha do poderoso Conselheiro Falco. Era uma jovem de cerca de 17 anos, que questionava diversas posturas sua gente, em especial a forma como tratavam o Povo da Paz, bem como o *status* de submissão a que os Patrões relegavam as mulheres.

Quando crianças, os membros das duas civilizações estudavam juntos na escola da cidade, mas esta convivência próxima diminuía de maneira drástica ao chegar-se à adolescência, passando a se limitar ao essencial para a sobrevivência dos dois povos. Deste momento em diante, a desigualdade na relação entre os “Shantih” (outra designação dos *pacíficos*, em razão do nome dado a seu vilarejo) e os Patrões tornava-se explícita, com o prevailecimento da truculência destes sobre o discurso conciliatório daqueles.

O Povo da Paz era visto pelos Patrões como uma raça inferior e submetido às suas imposições em todas as questões de interesse dos colonos. Desejavam ser independentes e se relacionar em pé de igualdade, mas não conseguiam que a plausibilidade de suas opiniões fosse sequer discutida. Suas propostas e pedidos eram ignorados e, em caso de insistência, os proponentes eram compelidos pela violência a se calarem. Uma nítida relação de dominação, que os Shantih tentavam contornar por intermédio de argumentos e posturas pacíficas. Eles tinham *Mahatma Gandhi* como um de seus ídolos e sentiam orgulho ao se portarem de forma semelhante à dele, aceitando até mesmo prisões arbitrárias na busca por demonstrar o valor de seus conceitos. Na prática, porém, acabavam por se sujeitar a um regime de semiescravidão, sendo usados pelos Patrões para o árduo labor de desbravar novas terras, bem como para realizar os trabalhos agropastoris que sustentavam o funcionamento de Victoria.

Luz Marina, por outro lado, nutria simpatia pelo Povo da Paz e não via problema algum em estabelecer laços de amizade com eles. Tinha um carinho especial por uma senhora chamada Vera, que cumpria pena em sua casa (pelo “crime” de buscar um diálogo) e pelo idealista Lev Shults, um jovem de sua faixa etária com quem estudara e que sonhava ver seu povo livre das garras dos Patrões. Lev tornou-se líder entre os seus, uma liderança por óbvio baseada nos princípios de pacificidade e argumentação que norteavam aquele povo.

Além de estar submetida a uma rotina baseada

nos rigores de um machismo extremo, a exemplo de todas as mulheres de sua gente, Luz começou a se sentir incomodada pelo assédio exercido por Herman Macmilan, jovem soberbo e sem modos, porém visto como um aliado pelo pai de Luz, que lhe concedia total liberdade para transitar pelas dependências de sua casa. Em um momento no qual seu inconformismo com o *status quo* em Victoria chegou ao extremo, Luz decidiu aliar-se ao Povo da Paz. É a partir daí que tem início o clímax da trama.

Expulsos da Terra centra-se na questão da convivência entre caracteres opostos e ideologias díspares e nos leva a fazer os mesmos questionamentos trazidos na introdução da obra: “*A não violência poderá ser uma resposta à violência? Até que ponto?*” Duas perguntas interessantes, não há como negar. A primeira delas talvez possa ser respondida com certa facilidade, mas a segunda...

Bem, a leitura de *Expulsos da Terra* nos leva a pensar em possíveis posturas e atitudes diante deste cenário e deixa o “gabarito” a cargo dos critérios interpretativos e convicções de cada leitor. Esta obra não é uma das mais conhecidas de *Le Guin*, mas cumpre bem o seu papel ao nos conduzir a refletir sobre um tema de grande relevância.

Antes de terminar esta resenha, creio ser necessário discorrer um pouco mais sobre a personagem mais cativante da trama: Luz Marina, a filha de um Patrão que se aliou ao Povo da Paz. Luz tornou-se um contraponto interessante entre eles. Embora a princípio se sentisse só e deslocada, ainda sofrendo bastante com a ruptura de laços afetivos, não tardou a se afeiçoar àquele povo e a integrar-se ao grupo. Questionadora, logo começou a trazer à discussão seus pontos de vista, tendo marcante influência nos rumos daquela sociedade pacifista. Luz é a protagonista da história, uma espécie de heroína, a jovem que se libertou das garras da brutalidade e se revoltou contra injustiças que oprimiam outras pessoas, enxergando-as como iguais e tomando para si suas dores.

Luz, a mão esquerda da escuridão.